

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras

Departamento de História



A Congregação Salesiana e o seu Ideal Educativo (1894-1974)

Contributo para a História do Ensino Confessional em Portugal

Isabel Maria Simões de Barros Pereira da Silva

Mestrado em Didáctica da História

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras

Departamento de História

A Congregação Salesiana e o seu Ideal Educativo (1894-1974)

Contributo para a História do Ensino Confessional em Portugal

Isabel Maria Simões de Barros Pereira da Silva

Dissertação de Mestrado em Didáctica da História

Sob a orientação dos Professores Doutores

Maria de Fátima Reis e Miguel Corrêa Monteiro

2012

RESUMO

Este trabalho tem por objecto o papel da Congregação Salesiana na educação da juventude, elegendo para observação as Oficinas de S. José em Lisboa.

Caracterizámos a personalidade do seu Fundador – Dom Bosco – procurando identificar os elementos relevantes do seu pensamento e da sua actuação no que respeita ao projecto educativo que instituiu e defendeu – o *“Sistema Preventivo”*.

Analisámos os antecedentes históricos da Congregação Salesiana, que remontam aos finais do século XIX, período em que esta se afirmou no acompanhamento de jovens desprotegidos de Turim, em Itália.

Estudámos ainda a implantação da Congregação Salesiana em Portugal, tendo, neste âmbito, dedicado especial atenção à instalação das Oficinas de São José, em Lisboa, às vicissitudes por que passou ao longo da sua história, e ao desenvolvimento do respectivo processo educativo durante o século XX.

Palavras-chave: História da Educação; Didáctica da História; Ensino Confessional; Salesianos; D. Bosco.

ABSTRACT

The main objective of this work was to analyze the role of the Salesian Congregation in youth education, choosing to observe the school Oficinas de S. José in Lisbon.

We characterized the personality of its founder - Don Bosco - trying to identify the relevant aspects of his thinking and of his actions regarding the educational project that he established and sustained - "The Preventive System".

We examined the historical background of the Salesian Congregation, dating back to the late nineteenth century, a period in which it took a leading role in assisting unprotected young people in Turin, Italy.

We further analyzed the implementation of the Salesian Congregation in Portugal, giving special attention to the installation of the Oficinas of San José in Lisbon, looking at the vicissitudes it underwent throughout its history and to the establishment of its educational process during the XX century.

Keywords: History of Education, Teaching History, Teaching Confessional, Salesians, D. Bosco.

ÍNDICE

	Páginas
Agradecimentos	7
Introdução	8
1. Justificação da Escolha	8
2. Objecto de Estudo	9
3. Metodologia Adoptada	10
4. Apresentação do Trabalho	10
 PARTE I O Projecto Pedagógico de Dom Bosco	 13
 CAPÍTULO I A Pedagogia dos Salesianos	 14
1. No Tempo de Dom Bosco (1815-1888) / O Contexto Histórico	14
2. Os Oratórios / Centros Juvenis	15
3. A Pedagogia Salesiana – Um Património Espiritual rico e bem definido	19
4. O Sistema Preventivo - A Trilogia Educativa Salesiana	22
5. A Escola Salesiana -- Estratégia Pedagógica	27
6. O Educador Salesiano (ontem e hoje)	33
 CAPÍTULO II A Comunidade Salesiana	 39
1. A Sociedade Salesiana - Continuadores do seu Projecto Educativo	39

2. O Primeiro Regulamento – 1876	44
3. A Preocupação da Congregação	45
4. Sobre a Família Salesiana	46
5. Organização da Sociedade Salesiana	56
6. A Relevância desta Sociedade	62
 PARTE II Os Salesianos em Portugal – 1894/1974	 64
 CAPÍTULO III Os Salesianos em Lisboa: As Oficinas de São José	 65
1. A chegada dos Salesianos a Portugal – História	65
2. Os Salesianos em Lisboa / As Oficinas de São José	67
3. Inauguração do Novo Edifício	72
4. A Revolução de 1910, seus antecedentes e os salesianos	80
5. Contribuição Salesiana para o desenvolvimento do País e para a humanização da cidade de Lisboa	97
 CAPÍTULO IV Reflexões sobre a proposta educativa de Dom Bosco	 106
1. Repensar a Escola – Ao encontro de Dom Bosco	106
2. Proposta Educativa	107
 CONCLUSÃO	 111
FONTES E BIBLIOGRAFIA	117

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

	Páginas
Figura 1 – A Formação do Primeiro Grupo de Jovens	38
Figura 2 – Os Salesianos em todo o Mundo	63

ÍNDICE DE QUADROS/ TABELAS

Tabela 1 - Número de Aprendizes	68
Quadro 1 – Crescimento do número de Alunos	75
Quadro 2 – Curso Elementar ou Primário	75
Quadro 3 – Disciplinas do Curso	76
Quadro 4 – O programa	76
Quadro 5 – Horário e sua distribuição	77

ÍNDICE DE TEXTOS

Textos 1 e 2 – Testemunhos	100
----------------------------	-----

Norma utilizada:

A elaboração das referências bibliográficas e citações utilizará a **Norma Portuguesa**. Assim, considerou-se a *NP 405-1 (1994) – Informação e documentação*, publicada pelo Instituto Português da Qualidade em 1995 relativa a documentos impressos e NP 405-4 de 2002 relativa a documentos electrónicos, e a NP 405-2/1998 para materiais multimédia.

Agradecimentos

Expresso o meu grato reconhecimento ao Senhor Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, cujo profundo saber, constante disponibilidade e apoio permitiram o estímulo necessário para que conseguisse levar até ao fim este trabalho, reconhecimento que torno extensivo à Senhora Professora Doutora Maria de Fátima Reis pela sua competência e amabilidade com que me conduziu. Agradeço ainda a todos os Senhores Professores que me acompanharam neste mestrado contribuindo para um maior enriquecimento do meu percurso e na aquisição de novos saberes.

Um obrigado especial também a todos os meus Colegas do Curso de Mestrado, pelo bom espírito de colaboração e pela amizade que se estabeleceu e que por certo permanecerá.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que nas Oficinas de S. José, Salesianos de Lisboa, me receberam, transmitiram os seus conhecimentos e amavelmente disponibilizaram a consulta dos seus arquivos permitindo-me ali recolher uma parte importante da informação necessária à realização deste estudo.

Introdução

1. Justificação da escolha do tema

Conhecer a proposta Salesiana de educação, foi sem dúvida, a razão subjacente à eleição deste tema. A nossa atenção dirigiu-se para o papel educativo que os Salesianos têm desempenhado, mormente em Portugal, e para a respectiva relevância social que surgiu numa época marcada pelo princípio de recuperação dos jovens pelo trabalho e pela religião.

A obra de Dom Bosco como objecto do nosso estudo, fez crescer, a nossa simpatia e admiração pela sua obra educativa e pela possibilidade de extensão e aplicação dos valores e princípios Salesianos no dia-a-dia da escola.

Retomar Dom Bosco, conhecer a sua experiência, descobrir os critérios e as atitudes que caracterizam a sua acção, reconhecer que foi portador de um projecto de mudança e de intervenção na sociedade, permiti-nos concluir que foi e é um Homem Universal, cujo projecto e acção nas várias partes do mundo e em planos distintos, se vêm desenvolvendo com preocupações e objectivos semelhantes que em muitos casos permanecem actuais.

Dom Bosco foi para nós uma descoberta, permitiu-nos reflectir sobre a importância das suas actividades, para melhor interpretar a sua mensagem, de profunda sensibilidade pelas problemáticas e anseios juvenis, o seu empenho na formação integral dos jovens. Podemos dizer que este tema foi escolhido com o intuito de melhor entender de que quando se trata de educação existe um compromisso que é valorizar a pessoa e educá-la para tornar-se um cidadão consciente do seu papel na sociedade, actuando com dignidade, competência e responsabilidade. Os professores conscientes da sua tarefa e que trabalham por gosto, estão igualmente empenhados, pois ensinar é vocação, é dedicação, é estar atento, é vigiar, é ser amigo, encontrando nesta sua mensagem um exemplo de reforço.

2. Objeto de estudo e sua dimensão

Estudando a tradição de uma proposta educativa - a dos Salesianos - implementada pelo sacerdote educador italiano João Bosco, no século XIX, podemos perceber, que os Salesianos apresentam-se como educadores cuja meta principal era a promoção das classes populares através da educação e formação profissional. O seu desafio foi o de garantir o adequado acompanhamento pessoal. Foi à classe operária que Dom Bosco dirigiu preferencialmente a sua actuação e dedicou o melhor da sua vida.

Propomo-nos pois, salientar a pedagogia de Dom Bosco, que pode formar o aluno de maneira integral utilizando a prevenção – nessa perspectiva o educador passa a ser um amigo, prevenindo o aluno. Bem como, mostrar que na pedagogia de Dom Bosco pode ocorrer uma cooperação eficaz do aluno no trabalho de constante aperfeiçoamento interior. Quando o aluno sente a amizade do educador, deixa de vê-lo como uma figura autoritária e passa a vê-lo como um amigo e passa a cooperar no seu aperfeiçoamento interior, aceitando os seus erros.

O problema central que dirige a presente pesquisa é analisar que o *sistema preventivo* pode melhorar a relação professor/aluno aumentando a qualidade do ensino e a vida dos alunos.

O *sistema preventivo* de Dom Bosco foi escolhido como tema para esta pesquisa estando presente na orientação da nossa reflexão os seguintes pontos:

- Uma proposta *didáctico-educativa* à luz do sistema pedagógico de Dom Bosco - apresentamos uma visão global do seu pensamento e arte educativa;
- Educação e Escola num Mundo em profunda transformação - reflectir sobre o atual papel dos professores, repensar os valores e atitudes.

A investigação e o estudo efectuados foram orientados em ordem a salientar os valores salesianos como quadro de referência que se projectou no tempo. O objecto do nosso estudo é neste sentido a apreciação da sua missão pedagógico-didáctica.

O interesse por estas questões e o estudo particular de uma instituição centenária, cujos responsáveis sempre pugnaram por retirar os jovens do mundo da marginalidade, alerta-nos para problemas sociais que, porventura com alguns outros contornos, permanecem atuais.

3. Metodologia adoptada

Delimitado o objecto da nossa reflexão, os principais recursos utilizadas foram a Biblioteca das Oficinas de São José em Lisboa, a Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, a Biblioteca da Universidade Católica e a Biblioteca Nacional de Portugal, sem esquecer os novos meios de informação e comunicação electrónica.

Partindo da recolha e leitura da informação procedeu-se à elaboração final do trabalho.

4. Apresentação do trabalho

O estudo que se segue pretende realçar a validade e actualidade do *sistema preventivo* de Dom Bosco, bem como alguns aspectos da presença salesiana em Portugal, nas Oficinas de São José em Lisboa, no período que se situa entre 1894 e 1910, relevando o contributo essencial que os Salesianos ofereceram no campo da educação no nosso país, particularmente do ensino técnico-profissional.

Esse período corresponde, no essencial, ao momento de estruturação organizacional das Oficinas de São José em Lisboa e às transformações/adaptações às situações vividas em Portugal no tempo que vai do fim da monarquia à implantação da Primeira República, em que se assistiu a um clima de hostilidade à Igreja, com impacto adverso em todas as suas áreas de intervenção.

Por conseguinte, este trabalho está dividido em duas partes, a saber:

Na *primeira parte* – Procuraremos dar expressão ao carisma do fundador, através dos “*Oratórios festivos*” ao serviço dos jovens mais desafortunados. Destaca-se o seu caminho, a sua identidade, a sua missão específica e o papel que a pedagogia de Dom Bosco desempenhou na resolução de grandes questões sociais relacionadas com os jovens pobres. Como adiante referiremos, não deve ser esquecido que Dom Bosco inicia a sua obra numa época em que as doutrinas dominantes eram anti-religiosas e, consequentemente anti-católicas, assistindo-se então a um ataque aos institutos religiosos em geral.

Distinguimos a Sociedade de São Francisco de Sales, destinada a dar continuidade ao seu projecto educativo, concebida para servir e promover a juventude mais desamparada – A Família Salesiana – a sua importância e a maneira como esta se inseriu e se foi desenvolvendo entre nós.

Na *segunda parte* – Assinalámos a história das Oficinas de São José, em Lisboa, fazendo uma referência ao período inicial do estabelecimento que precedeu a intervenção dos salesianos. Passando de seguida à actuação dos Salesianos em Lisboa.

Desde os primórdios (1896-1910), passando pelo período correspondente ao interregno ou suspensão das actividades escolares, (1910-1920), a acção pedagógica dos Salesianos, desenvolveu-se entre 1894 e 1911, sendo obrigados a sair em Janeiro deste ano em consequência da mentalidade

anticlerical e anticongreganista dos instauradores do regime republicano em 1910, que inviabilizou as congregações religiosas em Portugal, impedindo as suas actividades em favor dos mais necessitados, obra mais tarde restaurada no períodos compreendido entre 1920-1940. Como adiante procuraremos concretizar, a actuação dos Salesianos durante este último período surge centrada na educação da juventude pobre e na sua qualificação em vista do mundo do trabalho, mediante o ensino das artes e ofícios.

A fisionomia técnico-profissional do estabelecimento Salesiano de Lisboa a favor dos jovens trabalhadores começou a modificar-se por volta da década de setenta do século passado, até se transformar em colégio, no qual o ensino técnico deu lugar ao ensino do tipo liceal.

Destacamos alguns aspectos que caraterizam a actuação dos Salesianos em Portugal, que, agindo sobre a juventude, tentaram levar a termo uma missão integradora educativa e moral em que o *sistema preventivo* apresenta contribuições para a educação e que impõe uma constante reflexão sobre as comunidades educativas.

Os elementos estudados podem auxiliar a enfrentar os desafios sentidos diariamente na profissão de docente.

PARTE I

O PROJECTO PEDAGÓGICO DE D. BOSCO

*"Fiz tudo quanto soube e pude pelos jovens,
que são o amor de toda a minha vida".*

Dom Bosco

CAPÍTULO I A Pedagogia dos Salesianos

1. No tempo de Dom Bosco (1815-1888) - O Contexto Histórico

Para compreender Dom¹ Bosco e a forma como agiu perante situações com que se foi confrontando no seu quotidiano é necessário situarmo-nos no seu tempo, porque é sobre esse fundo que se desenrola a vida de João Bosco e que desperta na sua natureza toda uma vontade de pôr em prática o seu ideal educativo.

Giovanni Melchior Bosco, São João Bosco ou simplesmente Dom Bosco, viveu entre os anos de 1815 e 1888. Nasceu em Becchi, pequeno lugar não longe de Turim, a norte de Itália, então capital do Reino de Piemonte.

Foi um homem que se dedicou por inteiro à educação da infância e da juventude desde a ordenação sacerdotal² (1841) até ao fim da vida (1888). Situamo-nos assim em meados do séc. XIX, no norte de Itália. De origem aldeã e camponesa, acaba por se fixar em Turim onde desenvolve a sua Obra de promoção ao serviço dos jovens.

A Europa vive então ao ritmo das grandes mudanças políticas, culturais e económicas. Em períodos de grandes transformações surgem desajustes sociais e marginalização que atingem os jovens. Tempos difíceis, numa Itália dividida pela guerra e marcada pela fome. Em consequência destas lutas pela unidade da Itália, e num tempo em que a repressão se fazia sentir por todo o

¹ Dom (abreviatura de Dominum = Senhor, em italiano, Dom); é um título com que na Itália se distingue unicamente o sacerdote e que se coloca indistintamente antes do nome ou do apelido. Portanto, dizer “*Dom Bosco*” é o mesmo que dizer “*Padre Bosco*”. A expressão italiana tornou-se familiar em todo o mundo. Usaremos também a abreviatura “D”.

² Entrou para o Seminário de Chiéri, uma pequena cidade a dez quilómetros de Turim. Era uma cidade de conventos, de tecelões e de estudantes. A 5 de Junho de 1841 é ordenado Sacerdote. A 3 de Novembro entrou no colégio eclesiástico de Turim para completar o estudo da Teologia Moral Prática. A 8 de Dezembro iniciou o seu Apostolado em Turim. Terésio Bosco, *S. João Bosco, Uma Biografia Nova*, Lisboa, Edições Salesianas, 1987.

lado, surge, como consequência deste ambiente, uma juventude que fugia do campo e da guerra. Uma juventude abandonada, que acorreu às cidades na procura de trabalho, que lutavam pela sobrevivência. Muitos jovens abandonados e sem orientação, acabavam na marginalidade e prisão.

É neste contexto que João Bosco, nos três anos de sacerdócio, no colégio eclesiástico de Turim, alia ao estudo um trabalho árduo com os jovens encarcerados nas cadeias. Assim apostando a sua vida na educação desses jovens. As experiências colhidas e vividas por João Bosco enquanto estudante, foram para ele altamente reveladoras da triste situação da sociedade, em geral, e da classe trabalhadora em particular.

A sua missão específica foi a educação cristã da juventude da época. Porquê os mais desfavorecidos? Porque Dom Bosco foi muito sensível ao estado de abandono e de carência em que se encontravam imensos jovens.

Com efeito, Dom Bosco pertenceu ao grupo de sacerdotes que em Turim começavam a distinguir-se pela sua especial sensibilidade social e eclesial, pelo seu amor aos pobres e pelo desejo sincero de se aproximarem dos jovens mais necessitados.

A primeira modalidade deste apostolado terá sido a do “*Oratório Festivo*” a que seguir nos referiremos com maior detalhe. Antes de Dom Bosco, já existiam em Itália os “*Oratórios*”³ como escolas dominicais de doutrina cristã, destinadas às crianças.

2. Os Oratórios / Centros Juvenis

Dom Bosco lança em 1846 as raízes de uma vasta missão que começa com uma casa, um pátio, uma escola, uma oficina e uma capela.

³ Dom João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, São Paulo, Edição Salesiana, 2005. Sobre o assunto ver ainda o autor Carlos Nazareno Ferreira Borges.

O *Oratório*⁴ primitivo, situado no bairro de Valdocco, bairro periférico de Turim, transforma-se aos poucos num centro de actividades, onde se podia encontrar, salas e oficinas, campos para jogar, dormitório e refeitório para os alunos internos, e uma igreja para as orações, o canto e a catequese. Com o nome de S. Francisco de Sales⁵, em homenagem ao seu patrono, modelo de bondade e caridade para os salesianos.

O “*Oratório*” era uma instituição, que remonta ao século XVI⁶, muito em voga em Itália nessa época.

D. Bosco atribui-lhe uma nova dinâmica começando por lhe dar o nome de “*Oratório Festivo*”, indicando que, esta actividade desenvolvida aos domingos e dias santos, deveriam levar as pessoas a encontrar-se com Deus num clima de festa, introduzindo na mente da igreja que a religião deve ser vivida com alegria. O adjetivo “*Festivo*” foi inserido por Dom Bosco para diferenciar dos outros oratórios já existentes, que eram instituições de educação informal lideradas pela igreja e legitimadas pelo governo monárquico, para instruir os pobres nas regras dos bons costumes e na catequização.

⁴ O primeiro Oratório de Turim foi fundado em, 1841, pelo padre Giovanni Cochi, Dom Bosco foi influenciado por estas iniciativas, quando funda o seu primeiro Oratório em Turim.

D. Bosco começa a recolher e a educar os jovens mais abandonados, e a convidar os que estavam na prisão para que, quando saíssem, se dirigissem ao Oratório. Era o lugar onde o padre João Bosco, educava e ensinava os jovens a redescobrir a dignidade da vida. Terá sido o *berço* da Obra Salesiana. Dom João Bosco, *op. cit.*

⁵ Dom Bosco, não quer, por humildade, o seu nome para o seu movimento, e atribui o nome de Salesiano, pela admiração, com que sempre seguiu o espírito de S. Francisco de Sales.

⁶ O Oratório como instituição, não é uma criação original de Dom Bosco. Influenciado por vários pensadores da Itália como S. Filipe Néri, 1515-1595, que, padre da Igreja Católica viveu em Roma, num período em que muitos jovens passavam extrema necessidade, ao observar esta realidade, criou um ambiente educativo e alegre para ajudar tanto material como espiritualmente todos os necessitados. Vitorino Feltre, 1378-1446, que viveu na cidade de Pádua e que tinha uma escola, a sua maior criação, à qual deu o nome de “*Casa Giocosa*”, casa alegre, para diferenciá-la das escolas do tipo medieval, de disciplina mais rígida e austera. Esta casa ensinava a formação moral e intelectual aos jovens mais carentes dessa época preocupava-se, acima de tudo, com a formação integral do homem, utilizando os jogos e o ensino da literatura, história, filosofia, aritmética, geometria, música. S. Carlos Barromeu, 1538-1584, Cardeal italiano e Arcebispo de Milão, grande organizador de novas e geniais obras educativas católicas.

Estes educadores ajudaram a fundamentar o trabalho elaborado por Dom Bosco. Pietro Braidó, *Método Educativo de Dom Bosco*, Lisboa, Oficinas de S. José, 1959.

O Oratório de D. Bosco distingue-se dos oratórios tradicionais por um conjunto de elementos, a saber:

“Antes de tudo as portas estão abertas não só uma parte de domingo, mas durante o dia inteiro, e não só para os meninos de boas famílias e de comportamento correto, mas para toda a classe de rapazes que livremente queiram entrar, dando até particular atenção aos mais rebeldes e aos mais desenraizados da família.

De todos os fatores que intervêm no funcionamento do oratório de D. Bosco, o mais importante é a presença amável e contínua do educador, totalmente empenhado em conseguir que os educandos se sintam envolvidos numa atmosfera de família, realidade por muitos deles desconhecidos”.⁷

Era através de momentos dedicados ao divertimento, ao desporto, a actividades culturais, a encontros de grupo, que Dom Bosco incutiu nos seus jovens momentos dedicados à formação e vivência religiosa. Daí a importância que atribui à expansão lúdica. Entre estas iniciativas de formação, capazes de interessar e promover a juventude, além do teatro⁸ e da música⁹, salientam-se os cursos de alfabetização. Inicialmente as aulas eram à noite, após as actividades de domingo. Aos poucos, estas aulas passaram a funcionar ao longo da semana, com um acréscimo progressivo de alunos.

⁷ Amador Anjos, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal, 1894 – 1994*, Lisboa, Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, 1995, p. 69.

⁸ O pensamento de Dom Bosco acerca do teatro como meio pedagógico, “O teatro lemos no artigo 1º - tem por fim alegrar, instruir e educar os jovens, respeitando sempre os princípios morais. Foi o seu amor ardente à pureza que deu origem ao teatro no Oratório. Trata-se pois, de quatro fins que, podemos chamar as características de todo o espectáculo salesiano: divertimento, instrução, educação e moralização proporcional ao desenvolvimento físico e mental dos rapazes”. Dom Bosco no Mundo, Porto, Edições Salesianas 1960, p. 205 - 206.

⁹ No Outono de 1853, Dom Bosco organizou com os seus aprendizes a primeira Banda de Música. Era um meio que se julgava conveniente para afastar os jovens do mal. A primeira Banda do Oratório tinha doze instrumentos. Idem, *ibidem*, p. 205.

Para Dom Bosco o *Oratório* tinha muito mais de informal e espontâneo do que institucional e rígido, pretendendo mostrar que a religião, longe de ser *sombria e aborrecida*, acolhe e promove os valores humanos provocando, sobretudo nos jovens, a alegria de viver. Cada um dos que entravam no *Oratório* encontrava alguém que não só o acolhia de coração aberto, mas também se interessava pelos seus problemas e promoção social.

Local de aprendizagem de ofícios, o *Oratório* transforma-se aos poucos num centro de actividades cuja finalidade era dar assistência, instrução e qualificação profissional. Com o passar do tempo, torna-se uma instituição onde aprendizes e estudantes convivem agradavelmente, havendo um grupo, entre estes últimos, que são orientados para a vida sacerdotal e religiosa.

Mas Dom Bosco dedica-se à educação da juventude, não só através dos *oratórios*, mas também de outras instituições, destacando-se as escolas de artes e ofícios. De facto, os colégios abertos à classe média¹⁰ vêm completar o quadro educativo que Dom Bosco deixou e que ele próprio conseguiu concentrar no espaço ocupado pelo Oratório de Valdocco.

O Oratório de S. Francisco de Sales foi o arquétipo de todos os oratórios, que se foram expandindo, com o passar do tempo, dentro e fora de Itália. O *Oratório primitivo* será sempre a referência da educação salesiana, pode-se constatar que as suas ações refletem uma preocupação pedagógica constante, a ação educativa de Dom Bosco mostrou o quanto ele se empenhava em promover e animar os seus jovens a empenharem-se na sua própria formação.

Dom Bosco via nos oratórios os centros ideais de evangelização e transformação social do meio ambiente, pois através dos jovens eram atingidas

¹⁰ Entre 1841 e 1850 dinamizou três oratórios ou centros juvenis na cidade de Turim, embora a população de cada um deles fosse na sua maioria crianças, adolescentes e jovens pobres, não era vedado o acesso a elementos de outros estratos sociais, visto que Dom Bosco acolhia também e de bom grado jovens estudantes, filhos de boas famílias, solicitando-lhes até ajuda no trabalho com os outros. Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Colégio Salesiano, 1999, p.253.

as suas famílias e os respectivos bairros, contribuindo para elevar o nível de cultura e vivência religiosa.

Entre nós, pela particular importância do seu papel, merecem destaque os oratórios de Braga e Lisboa (S. Vicente de Fora, Pinheiro de Cima, Oficinas de S. José), antes de 1910, assim como os de Évora e Estoril após a Primeira República. Estes oratórios funcionavam geralmente nos anexos das escolas, ou também noutros locais, ajudando a dignificar o dia-a-dia dos bairros degradados onde estavam instalados.

Esta obra de humanização e de evangelização é a essência da pedagogia e metodologia salesiana baseada, como ele próprio resume, no trinómio *bondade, razão e fé*.

É a partir da vida dos *oratórios* que surge em Dom Bosco todo o sistema de ideias educativas. As suas intuições e experiências pedagógicas foram sendo enriquecidas através do pensamento de outros educadores, do contacto com diversas instituições educacionais, o que lhe permitiu compreender melhor a juventude, responder com mais eficácia aos seus problemas e elaborar um método que, apesar de ser mais vivido que expresso, norteou-se por uma teoria bem clara e estruturada, baseada no *bom senso*.

3. A Pedagogia Salesiana – *Um Património Espiritual rico e bem definido*

No *Oratório* de Dom Bosco predomina o humanismo cristão, traduzido no respeito pelo jovem, no cuidado em prepará-lo e inseri-lo na sociedade e em torná-lo capaz de desenvolver as suas potencialidades.

É nesta coerência de vida, de exigência no cumprimento do dever de trabalho que assenta a sua prática educativa. Com efeito, a pedagogia do

trabalho, do dever do estudo, da oração, do tempo livre dominavam a vida escolar dos seus alunos.

Se o seu projeto surge de uma necessidade básica de combater o insucesso, o desenraizamento, coloca o Aluno no centro de toda a acção educativa, orientando os educandos para os verdadeiros valores. Trata-se de cultivar o ser humano na sua totalidade num ambiente de desenvolvimento natural, para que o jovem, numa atitude responsável, construa o seu futuro. A sua grande preocupação era integrar os jovens na sociedade, era a sua formação profissional.

Segundo Émile Durkheim, *“o papel da acção educativa é formar um cidadão que tomará parte do espaço público. Não somente o desenvolvimento individual do aluno”*. Para este sociólogo Francês, *“a principal função do professor é formar cidadãos capazes de contribuir para a harmonia social”*.¹¹

Esta forma de estar com os jovens traduz o seu método, que se expressa na vivência de espírito de família, realizando-se através da assistência-presença, é o diálogo cordial, é toda uma atmosfera de empenho que contribui para o crescimento pessoal e do grupo, elementos caracterizadores da educação salesiana.

As suas primeiras experiências com os rapazes, contactados nas ruas e prisões de Turim, bem depressa o levam a verificar que a infeliz situação em que vivem se deve ao facto de muitos deles não terem família nem um canto onde se recolher. A este propósito o próprio Dom Bosco escreve nas Memórias do Oratório de S. Francisco de Sales:

«Ao ver montes de rapazes, encarcerados, entre os 12 e os 18 anos, todos eles são, robustos, atilados, mas inativos e cobertos de

¹¹ <http://sociedadeducacao.blogspot.com/2007/09/mile-durkheim-1858-1917.html>. Consultado em Setembro de 2011.

parasitas, com fome e sem apoio algum espiritual, era algo que me horrorizava. Muito deles já não era a primeira vez que estavam presos.

Quem sabe se estes infelizes ao saírem da prisão encontrassem um amigo, alguém que se ocupasse deles, os acompanhasse e instrísse nas verdades da fé aos domingos e dias santos, quem sabe se não se reabilitariam ou pelo menos não diminuiria o número dos reincidentes?»¹²

A necessidade de arranjar casa para dar abrigo, acolher quem não tinha um teto e proporcionar-lhes um ambiente que se aproximasse o mais possível de um ambiente de família, era para Dom Bosco uma prioridade. Quando se oferece ao jovem a possibilidade de desenvolver aquilo que ele é, tudo o que pode ser, numa relação de familiaridade e de preocupação sincera pelo outro, gera-se o afecto, e o afecto gera confiança, e a confiança a necessidade de correspondência em resultados.

É particularmente nos momentos de descontração, divertimento e jogo que a relação familiar e afetiva entre educador e educando encontra o espaço privilegiado para se afirmar e desenvolver. Como também o facto de educador e educando se situarem ao mesmo nível favorece a abertura e a confiança, criando-se assim o clima próprio de uma família, sendo este, ao mesmo tempo, o mais propício para o diálogo educativo.

A forma como se relaciona com os jovens, a quem se entrega de alma e coração, revela as características de um verdadeiro pai. A *paternidade espiritual* é por ele assumida e inculcada aos seus colaboradores, afirma ele num dos seus escritos mais conhecidos: “... os educadores devem ser os guias dos

¹² Amador Anjos, *op. cit.*, p. 252.

*educandos em todas as circunstâncias, aconselhando-os e corrigindo-os com bondade”.*¹³

Podemos dizer que todos os princípios e normas metodológicas que integram o sistema educativo de Dom Bosco movem-se em torno do conceito de família, entendida como uma experiência de vida comunitária vivida em ambiente de grande qualidade humana: *caloroso, fraterno, aceitante e de participação*. Ambiente que Dom Bosco procurava alargar e estender ao maior número de pessoas e que ainda hoje é considerada uma característica comum nas casas salesianas abertas aos jovens da comunidade em que se inserem. Ambiente também considerado como obra de todos - todos deveriam sentir-se comprometidos na criação de um *são ambiente*.

4. O Sistema Preventivo – a Trilogia Educativa Salesiana

O Sistema Preventivo assenta num grande *Humanismo Cristão*, numa visão integral da pessoa. D. Bosco tinha uma visão positiva da pessoa que era fundamentada na sua conceção religiosa. Um mestre salesiano, P. Luiz Zver¹⁴, escreveu certa vez que:

“Dom Bosco é universal e que o Sistema Preventivo é perene... não é um castelo erguido sobre um rochedo alcantilado, mas uma cidade que

¹³ Idem, *ibidem*, p. 93.

¹⁴ Padre Luiz Zver nasceu em Toklocovje - Prekmurje, Eslovênia, no dia 8 de Abril de 1913. Frequentou o oratório festivo de sua cidade natal, onde fez seus estudos básicos, os quais foi concluir em Foglizzo, Itália. Com 17 anos, encontrava-se entre os enviados para fazerem o noviciado no Brasil. Aportou em Santos no dia 18 de Dezembro de 1930. Trabalhou sempre como professor na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, uma das primeiras do interior de Minas Gerais. Faleceu em 13 de Junho de 2005, aos 92 anos de idade. <http://bragamusician.blogspot.pt/2010/03/meu-mestre-inesquecivel-padre-luiz-zver.html>. Consultado em julho de 2011.

livremente se expande em planície aberta. É que a pedagogia de Dom Bosco não é um acervo de técnicas, mas um sistema de valores".¹⁵

Esta forma pedagógica de abordar os jovens foi denominada de *Sistema Preventivo*¹⁶. Não se trata de uma pedagogia teórica, mas de um modo pedagógico baseado na experiência e na sensibilidade de um Homem que sempre se preocupou com a prevenção do jovem, educando-o com diálogo, com paciência.

A *Razão*, a *Fé* e o *Afeto*, traduzem os elementos principais da pedagogia de Dom Bosco que afirma que "*O Sistema Preventivo é um sistema inteiramente baseado na razão, na fé e no afeto*", e é neste equilíbrio que estes elementos se compenetraram mutuamente, constituindo uma rede dinâmica de relações que não se podem compreender em separado.

a) A Fé

Ocupa o primeiro lugar na pedagogia *bosquiana*, "*Só a Fé é capaz de levar a bom termo a grande obra de uma verdadeira educação*"¹⁷, refere-se à busca e à descoberta do sentido da vida e a alegria de viver.

¹⁵ <http://www.salesianos.com.br/downloads/SubsidioRSE1.pdf>. Consultado em Julho de 2011.

¹⁶ O *Sistema Preventivo* de Dom Bosco encontra-se em cartas e textos elaborados por si, nas constituições salesianas, nos regulamentos para casas de externos e internos, não constitui um tratado pedagógico e educativo, mas encontra-se em todas as partes que compõe a pedagogia salesiana. Merece particular atenção o opúsculo intitulado "*O Sistema Preventivo da educação da juventude*" de 1887 e a "*A Carta de Roma*" de 1884 é um dos documentos mais expressivos e importantes da pedagogia de Dom Bosco, considerado como um "*Manifesto Pedagógico*", e como um "*Poema de Amor Educativo*". É uma mensagem directa aos educadores e educandos, onde expressa com emoção o seu sentimento e o seu Sonho Educativo. Pietro Braido, *Prevenir, não Reprimir*, São Paulo, Edição Salesiana, 2008. Egídio Viganó, *O Sistema Preventivo na Educação da Juventude*, Lisboa, Edição S.D.B. 1983.

¹⁷ Amador Anjos, "Primeira Presença dos Salesianos em Portugal, 1894/1910", *Pedagogia de Dom Bosco*, Lisboa, Edição Salesiana, 2000, p. 57.

A religião dá fundamento e dá sentido às práticas, experiências e compromissos de fraternidade vivida por cada pessoa, cada grupo e pela comunidade educativa. Leva o adolescente à aquisição de novos valores, e princípios éticos. Dizia Dom Bosco: “A Fé tem de ser para todos os educadores a grande força de formação. Com ela todos os defeitos se eliminam, todas as virtudes se adquirem.”¹⁸

b) O Afeto

É o elemento mais característico da prática salesiana, este exprime-se em termos de amabilidade (*amorevolezza*)¹⁹ em que o educando através de um conjunto de gestos e atitudes sente-se respeitado e amado pelo educador, o que por si, faz com que seja capaz, também, de amar os outros.

Para actuar na alma Dom Bosco elege a *bondade*, sentimento que deveria permear todas as práticas salesianas. *Amor* que estabelece relação de confiança entre professor e jovem. Esse *amor* que deveria ser incondicional, relacionado com a caridade, citada continuamente por Dom Bosco. O *amor*, a dedicação juntamente com a actividade educativa, responderia adequadamente à necessidade que a criança tem de afecto e que estaria presente, na relação cordial, na espontaneidade entre professores e alunos. A amabilidade para ser autêntica, teria que falar simultaneamente a linguagem do *coração* e a linguagem da *razão*.

Dom Bosco dizia que era com a atuação na alma, que se alcançava a salvação e a felicidade, e em todos os momentos possíveis evidenciava este posicionamento, quando se dirigia aos jovens dos colégios e dos *oratórios*, por

¹⁸ *Boletim Salesiano*, número 37-38, *Número Comemorativo do Cinquentenário Salesiano em Portugal*, Janeiro de 1945.

¹⁹ Dom Bosco usava esta palavra para indicar amor, carinho, afeição demonstrada, familiaridade, presença. A *Amorevolezza* é uma energia espiritual, que nasce da mística do amor de Deus para os jovens.

meio de circulares, cartas e regulamentos, que eram lidos nos momentos de sermão, que aconteciam diariamente, antes de irem para as suas casas ou dirigirem-se para os seus aposentos para dormir.

Em seu entender, a arte educativa é, no fundo a arte de mobilizar os corações. Ganhar o coração do jovem significa o estabelecimento duma relação de reconhecimento, estima, respeito, correspondência, compromisso e colaboração integral em todas as dimensões da vida juvenil.

c) A Razão

Falar em *Razão* é falar em compreensão. Sem *razão* não há nenhum processo educativo. Refere-se aos processos de compreensão de si e do mundo em busca da verdade e da segurança.

Assumindo com responsabilidade as exigências para o crescimento e desenvolvimento pessoal em todas as dimensões, física, psíquica e espiritual. Querendo dizer, *compreensão* de que, no comportamento das crianças e dos jovens, há que ter em conta uma grande diversidade de factores – idade, temperamento, capacidades, meio familiar e social e saúde... - exigindo intervenção atenta e apropriada a cada situação.

Criar e garantir a autonomia intelectual do aluno que conhece e assume as *razões* de tudo aquilo que estuda e vivencia, inclusive dos seus limites.

Toda a educação consiste em que *o jovem conheça o bem e que o queira fazer*, sendo uma pedagogia coordenada pela *razão*, pelo *bom senso* e pelos valores da religião. Educação direccionada, pois para ajudar o adolescente a apropriar-se do conhecimento teórico, e através deste poder usar da racionalidade para resolver as questões do seu quotidiano.

Esta tríade assegurada pelo *Sistema Preventivo* acompanha os jovens numa maturidade progressiva nas diversas vertentes do *Ser* e do *Fazer* tendo em vista um percurso orientado para a realização pessoal.

É a unidade de *todos* e a importância de cada *um*, é o respeito pela realidade e o ritmo próprio, que torna válido o seu *Sistema Preventivo*.

Percebemos alguns princípios norteadores da sua experiência e do seu sistema educativo que estão fortemente ligados ao momento histórico e sociocultural em que vive, e à visão do mundo, da sociedade que tem, que o levou adoptar o *Sistema Preventivo* na educação da juventude no seu tempo.

É neste “*prevenir vigiando*” que o seu sistema se torna numa acção eficaz. É um estilo de educação feito de acção e de reflexão, que se perpetua no tempo e no espaço, manifestando-se atual e válido devido à forma como as comunidades educativas se foram sempre atualizando, moldando às situações e exigências dos tempos.

É interessante notar que o próprio Dom Bosco dizia que não conhecia o seu sistema: “*O que tenho feito é apenas ir seguindo o que Deus me inspira e as circunstâncias sugerem*”²⁰. Imprimindo um cunho característico que derivava da sua personalidade entramos no campo prático da arte educativa. Como afirma o Padre Eugénio Céria, o maior historiador de Dom Bosco, com o *método preventivo*, Dom Bosco “*não pretendia iniciar um método novo, ciente como estava de quanto fosse já conhecido, mas actuou-o de forma originalíssima*”²¹.

²⁰ Amador Anjos, “Primeira Presença dos Salesianos em Portugal, 1894/1910”, *Pedagogia de Dom Bosco*, Lisboa, Edição Salesiana 2000, p. 44.

²¹ Pietro Braidó, *Método Educativo de S. João Bosco*, Tradução de Amador dos Anjos, Lisboa Editora Salesiana, 1959, p. 28.

5. A Escola Salesiana - Estratégia Pedagógica

Este grande pedagogo, com a sabedoria educativa que o caracterizava, penetrou a fundo nos respectivos contextos socioculturais, procurando soluções válidas aos desafios do seu tempo de forma a responder às questões e anseios dos jovens. O estilo dos *oratórios*, o clima educativo das escolas e oficinas, revela bem a unidade dos seus princípios que se caracteriza pela dinâmica da sua envolvência e convivência com os jovens.

É também de referenciar quatro critérios indissociáveis da prática educativa de Dom Bosco e que hoje continuam presentes:

- a **casa**, que acolhe;
- a **escola**, que prepara e forma a inteligência;
- a **igreja**, onde o encontro com Deus é mais direto;
- e um **campo de jogos**, espaço informal onde as manifestações de alegria fortalecem as relações, e ajuda a descarregar a agressividade.

Fazia parte da prática dos centros educativos salesianos orientarem a sua actividade tendo presente estes quatro parâmetros²².

“Dê-se ampla liberdade de correr, saltar e gritar à vontade. A ginástica, a música, a declamação, as representações teatrais e os passeios são meios eficacíssimos para obter a disciplina, favorecer a moralidade e a saúde. O que importa é que em todos estes exercícios, nas pessoas

²² Libânia Castanheira, Congresso da Pedagogia Juvenil, *1º Centenário dos Salesianos em Portugal*, Centro Cultural de Belém, Lisboa, Edição Salesiana, 1995.

que neles tomam parte e nas conversas que os acompanham, nada haja de repreensível.”²³

As formas preferidas, pela sua eficácia na formação da sensibilidade e com reflexos no domínio espiritual, são a *música*, o *teatro* e a *declamação*. Sendo atribuída à música importância particular, não só pelo seu grande poder na formação do espírito, mas também pelo papel que desempenha na boa disposição. O desenvolvimento da música no Oratório de Valdocco tornou-se admirável, dando origem a uma “*schola cantorum*” e a uma filarmónica, muito solicitadas para atuarem dentro e fora de Turim.

Com Dom Bosco surge uma dimensão pedagógica a que não é estranho o modelo de Pestalozzi, que se tornou num paradigma educacional construído e vivido por ele, presente num conjunto de relações que envolvem educadores e educandos traduzidos numa ação assistencial, pois participava no projecto de vida do educando, sendo responsável pelo percurso de cada aluno.

No centro da sua pedagogia está a pessoa - **Prioridade à Pessoa.**

A *Prioridade à Pessoa* é um dos critérios educativos de grande importância no relacionamento. Aceitar o jovem como ele é, com a sua realidade existencial e em simultâneo com profunda consciência das suas possibilidades.

A *Educação* é um processo exclusivamente pessoal, que pressupõe o necessário cuidado e acompanhamento do educando, actuando o educador de forma a abrir possibilidades de crescimento próprias de cada pessoa.

O seu segredo, não é o de fixar princípios teóricos, mas o de ajudar a encontrar caminhos, respostas... É um caminho para o amadurecimento.

²³ Egídio Viganó, *O Sistema Preventivo na Educação da Juventude*, Lisboa, Edição S.D.B., 1983, p. 9.

Nas leituras que fizemos a este propósito, é sempre realçada a importância que neste sistema é dada à relação que se estabelece entre educador e educando, e que esta deveria afastar-se dos castigos corporais, da repressão²⁴, mas sim contribuir para a construção de uma relação de confiança e de amizade. Esta relação passaria por uma vigilância constante do jovem e uma aproximação entre ambos, criando a necessidade de o jovem falar sobre si com aqueles que se tornaram responsáveis pela sua educação.

Esta passa por ensinar o que é certo e errado, deixar claro as regras a obedecer, mantendo o jovem longe do erro, instituindo práticas e dispositivos disciplinares específicos. Dom Bosco compartilhava da concepção de que a educação é uma forma de prevenção da marginalização e de melhoria da sociedade.

Formar para a vida, promovendo-os como Homens e como cristãos e habilitando-os para o trabalho, foram as grandes linhas de força que orientaram a acção educativa de Dom Bosco e da *Escola Salesiana*.

Tendo em conta a sua trajectória, e dentro das grandes correntes da educação, podemos situar Dom Bosco na corrente *personalista* ou *humanista* que insiste muito no papel facilitador que o docente deve desempenhar na sua

²⁴ Na época em que Dom Bosco escrevia os princípios do Sistema Preventivo, o *Sistema Repressivo* era conhecido e aplicado como essencial na educação europeia. D. Bosco não tolerava o *sistema repressivo* reinante na Europa do século XIX, dominada pela exclusão e por castigos.

Dom Bosco fala em educação com amor e respeito. O método *bosquiano* de educar não utiliza os castigos, estes só poderão vir a ser necessários se forem esgotadas todas as alternativas, e mesmo assim deve ser aplicado com prudência.

A palavra preventivo, segundo Dom Bosco não pode ser concebida como simples proteção ou defesa do aluno, seu verdadeiro sentido é aceitar o aluno como ele é, tendo um diálogo que possibilite crescimento pessoal, ajudando-o a construir a sua liberdade e responsabilizando-o por ela. Amador Anjos, "Primeira Presença dos Salesianos em Portugal, 1894/1910", *Pedagogia de Dom Bosco*, Lisboa, Edição Salesiana 2000. Pietro Braido, *Prevenir, não Reprimir*, São Paulo, Edição Salesiana, 2008.

O Sistema Preventivo consiste em fazer conhecer as prescrições e regulamentos de um Instituto e depois acompanhar os alunos, que sempre terão sobre eles o olhar atento dos educadores, dos vigilantes, que servem de guia, dão conselhos e amigavelmente corrigem. Sinteticamente este Sistema orienta o educador a "prevenir" o educando para as dificuldades, os problemas que ele poderá enfrentar e o orienta para construir um futuro melhor para a vida. Associação dos Cooperadores Salesianos, *Regulamento de Vida Apostólica*, Lisboa, Edição Salesiana, 1967.

relação com os alunos. “O educador deve continuamente visar a *autoatualização do aluno. Apoia-se essencialmente nas noções de sujeito, de liberdade e da autonomia da pessoa*”²⁵. Como defende Karl Rogers “as *pedagogias centradas no desenvolvimento da afectividade com o auxílio de estratégias não-diretivas*”²⁶, em que se estabelece uma relação pedagógica aberta, tendo por base uma construção constante, não só das aprendizagens, mas da relação interpessoal em que o professor é um gestor na construção desses papéis educador-educando. Tal como Dom Bosco, também Rogers dá muita importância à pessoa.

As teorias Humanistas tiveram sempre bastante importância na educação. «*Sempre focalizadas na importância da pessoa no centro do processo de aprendizagem, ... têm como objetivo compreender melhor os factores que contribuem para a “entrada da aprendizagem”, das pessoas, a motivação, o empenhamento numa atividade ou processo, a constituição de um projeto de estudo, de um projeto profissional ou de vida*».²⁷

Exatamente neste ponto, dentro das tendências pedagógicas, poderemos considerar que Dom Bosco se insere na *pedagogia nova*, inspirado nas ideias de Rousseau.

Deste movimento destacam-se as seguintes características:

- a valorização da criança;
- respeito às capacidades e aptidões individuais;
- individualização do ensino consoante os ritmos próprios de aprendizagem.

Características presentes na prática educativa de Dom Bosco, colaborar com o jovem no desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Descobrir

²⁵ Yves Bertrand, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001, p. 16.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 46.

²⁷ Marcel Lebrun, 2008. <http://pt.scribd.com/doc/24379026/Modelacao-de-sistemas-experimentais-em-ToonTalk-para-Ambientes-Educativos>. Consultado em Novembro de 2011.

o próprio projeto de vida como elemento de auto-realização - cada aluno é um caso único e irrepetível e merecedor da total disponibilidade e atenção do educador.

Educar os jovens significa ajudá-los a crescer e guiando-os a formar bons hábitos.

Educar é, de facto, um assunto que nos toca e esta nobre arte de ensinar/educar a que nem sempre a sociedade tem dedicado a devida atenção. Num contexto de evolução social problemática, vivemos uma crise de valores morais com reflexos na vivência da própria comunidade escolar.

A escola, como um meio de crescimento integral, não deve ser um local onde só se transmitem conhecimentos, mas antes um lugar que se destina a preparar pessoas capazes de enfrentar, resolver com adequada responsabilidade e competência os problemas que vão surgindo, enfrentando de forma positiva as contrariedades da sociedade.

Os professores como importantes agentes educativos, sem se sobreporem à família, e sem esta se demitir da sua missão, em sintonia com a escola e a comunidade têm o dever de preparar os estudantes, os jovens para a resolução dos problemas sociais sendo necessário incutir uma consciência social, solidária de forma a cultivar a qualidade das relações humanas / sociais favorecendo uma participação activa e responsável de todos.

A educação deve desempenhar um papel importante na reconstrução desta sociedade. *“Educar é favorecer a emergência de novas ferramentas de transformação do real vivido por todos nós, é dar aos estudantes os meios para transformar a realidade, é assegurar a nossa evolução mútua, é transformar a vida quotidiana, é viver”.*²⁸

²⁸ Yves Bertrand, *op. cit.*, p. 151.

Hoje a formação a dar deve assentar em novas estratégias educativas mais apropriadas, à resolução dos problemas do nosso tempo. Deve preparar os jovens para enfrentar realidades problemáticas, como a violência, a droga, a marginalização, a desigualdade, as injustiças, por isso a escola deverá ter um papel activo, para uma pedagogia de mudança.

Dom Bosco deixou um desafio aos continuadores do seu projeto educativo, mantendo-o, projetando-o e atualizando-o para atender às exigências dos tempos e lugares.

Relevância especial aos pontos fundamentais da sua pedagogia, como a presença activa do educador em todos os momentos na vida do jovem. É preciso que o educador esteja atento para descobrir o que o jovem gosta para que a partir daí possa implementar propostas educativas. É preciso conquistar a confiança do jovem para que se consiga através da intervenção educativa formar “*O Bom Cristão e o Honesto Cidadão*”.

É por vezes designado de “*Carisma Salesiano*” o conjunto de todas essas características de espiritualidade, da maneira de conduzir o processo pedagógico ditado pelo *Sistema Preventivo*, bem como os valores e as virtudes necessárias ao *Salesiano* e que não pertence exclusivamente aos salesianos de Dom Bosco, mas estende-se a toda a Família Salesiana.

São estes alicerces que regem a Escola Salesiana, cuja intervenção educativa atingiu as suas necessidades a ponto de ser capaz de criar um projecto de vida e de o concretizar. É uma herança que não se pode perder, deve-se fortificar cada vez mais na nossa sociedade.

“Na difícil arte de educar, quem educa é a pessoa e não os programas nem a técnica”.

Irmã Maria Aduília – Provincial das filhas de Maria Auxiliadora.

6. O Educador Salesiano (ontem e hoje)

Dom Bosco apresenta-se ao educando sem imposição, mas como uma referência em valores e atitudes. Os valores são assimilados por meio da *experiência*, da *vivência* e *reflexão*.

Segundo o Padre Afonso de Castro²⁹, a carta de Dom Bosco aos educadores Salesianos contém informação importante, esclarecendo o seu pensamento sobre a finalidade da educação e de como as relações educativas entre educadores e educandos se devem desenvolver. Constituem um conjunto de normas, abordando a maneira de estar e trabalhar com os jovens.

O educador Salesiano deve assumir a sua tarefa a tempo inteiro. Pautar a sua actividade pela caridade, razoabilidade, afecto, pois, como já dissemos, não basta amar, é preciso demonstrar o amor. A assistência que é a presença permanente do educador, como animador junto do educando. O professor deve estar preparado para esse tipo de presença constante, com alegria.

A acção educativa de Dom Bosco evidenciou quanto ele se dedicou a animar os seus jovens a empenharem-se na sua própria formação. Incentivava os seus alunos a serem também educadores uns dos outros, para desenvolver um sentido comunitário, para o compromisso social futuro.

Para Dom Bosco, a educação salesiana é um caminho simples e muito compensador para qualquer jovem desde que os educadores ofereçam oportunidades, experiências e progressividade no processo de auto descoberta, na conquista de valores mediante vivências saudáveis.

²⁹ O Padre Afonso de Castro, sacerdote salesiano desde 1970, esteve em vários colégios da Missão Salesiana do Mato Grosso, além de universidades. Um dos seus trabalhos mais importantes tem sido manter vivo o carisma Salesiano, procurando manter actualizado o seu sistema educativo. Tem vários artigos sobre os escritos de Dom Bosco, os seus textos valorizam alguns elementos que revelam a génese e as estruturas fundamentais da história espiritual de Dom Bosco. <http://www.acletrasms.com.br/membro.asp?IDMCad=75>. Consultado em Julho de 2011.

Podemos dizer que a sua proposta pedagógica, onde também existem influências Inacianas, é o culminar de um movimento com cerca de duzentos anos que teve expressão também noutras personalidades, como *Comenius* e o seu ideal de caridade mediadora de todas as relações, inclusive as escolares; *Kant* e a sua proposta de se colocar sempre no lugar do outro e *Pestalozzi* e a generosidade do mestre com as crianças e os colegas.³⁰

Depois de Dom Bosco despontou uma tradição que se manifestou em *Cousinet* e a importância do trabalho em grupo na vida escolar, em *Freinet* e a cooperação e em *Rogers* e a não-directividade.³¹

Também hoje muitos jovens precisam de ser acolhidos e compreendidos, como os daquele tempo, apesar da sua situação apresentar condições e aspectos muito diversificados.

Também hoje subsistem as principais questões sobre as quais o sacerdote João Bosco meditava, desde o início do seu ministério, desejoso de compreender e determinado a agir.

- Quem são os jovens?
- De que têm necessidade?
- O que fazer?

Cada geração no seu tempo apresenta os seus problemas, tempos novos, problemas novos, é preciso inventar novos caminhos...

Considerando a actual conjuntura da sociedade, a era da informática, a globalização, as injustiças sociais, em que os jovens se interrogam sobre o seu futuro, tornando-se mais difícil para os mais frágeis ou para os que vivem em

³⁰ António dos Santos Ferreira, *História da Educação*, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, Editora Literária, 1958, pp. 115-155. Vide Roger Gal, *História da Educação*, Lisboa, Coleção Vega Universidade, 1993, pp. 85-88.

³¹ Vide idem, *ibidem*. Vide Yves Bertrand, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001, p. 156.

situação de exclusão social, são, também hoje desafios que se colocam aos novos educadores, exigindo uma reflexão aprofundada da vida e missão.

Será o envolvimento de todos nos grandes desafios da vida que contribuirá para manter a identidade salesiana e o dinamismo necessário para construir um futuro de esperança valorizando os modos comunicativos e relacionais.

Dom Bosco observou nos bairros de Turim que os problemas dos jovens eram, em parte, resultado de um “*deficit*” de acompanhamento por parte da família e de educação.

Apostava na qualidade da relação adulto/jovem, na relação de confiança – é o afectivo na relação educativa a síntese do seu pensamento educativo. Aconselha o educador a gerir a afeição para conquistar a confiança, porque a falta dela trás sofrimento e fracasso. Portanto, o educador e a escola deverão munir-se de meios para que o aluno se empenhe na construção da sua autoconfiança, do seu êxito.

É preciso entender o nosso tempo e adaptar o *Sistema Preventivo* ao momento presente. Parece-nos manifesto que a mensagem educativa de Dom Bosco permanece actual, vindo ao encontro das necessidades e exigências de uma autêntica educação libertadora e cristã nos dias de hoje.

Dom Bosco acreditou na prevenção como forma de diminuir os aspectos negativos de contextos familiares adversos. A sua ação privilegiou os jovens que haviam caído na marginalidade, conseguindo obter resultados positivos. Apesar de um tão vasto número de jovens desafortunados, abandonados, nos dias de hoje não podemos ignorar o seu contributo.

A proposta/resposta de prevenção de Dom Bosco tem contribuído em vários países para a superação da violência, da *falta de sentido* e de alternativas. Podemos dizer que a intuição de Dom Bosco continua pertinente.

Para acompanhar as mudanças do mundo atual há que relevar os valores essenciais. Educar para os valores equivale a preparar o ser humano para fazer escolhas dentro das circunstâncias e das contrariedades da própria existência. A grande função da escola de hoje é humanizar, aproveitando a oportunidade que confere de procurar contribuir para o ajustamento das relações sociais na sua dimensão ética.

A escola dos nossos dias tem, na realidade, a missão de formar o carácter das crianças, de as iniciar na vida colectiva, fazendo-as compreender que para ser livre é necessário respeitar a liberdade dos outros e que, para além dos nossos próprios interesses, existem aqueles pelos quais todos trabalhamos: as necessidades da sociedade onde nos inserimos.

Pela sua ação educativa, o professor deve esforçar-se, por incutir e desenvolver no jovem o ideal individual e social, que os oriente no seu caminho futuro, que os estimule no trabalho e nas relações com os outros, que os ajude a superar quaisquer obstáculos com que se deparem, participando na criação de um mundo melhor.

Dom Bosco deixou-nos inspirações possíveis de serem interpretadas no presente por pais e educadores. Para o Padre Afonso de Castro a presença educativa, a bondade, o carinho, o afecto resumidos por Dom Bosco, na palavra “*Amorevolezza*” (amabilidade), devem constituir elementos fundamentais, verdadeiros pilares da educação contemporânea.

*“É necessário conhecer os tempos para nos adaptarmos a eles respeitando sempre os homens...”*³² Dom Bosco

Podemos dizer que a sua actuação teve grandes repercussões no desenvolvimento da pedagogia do século XX. Não há dúvida de que muitos educadores tentam fazer hoje, o que Dom Bosco fez no século XIX - ser um exemplo de paciência e de amor.

³² *Boletim Salesiano*, número 37-38, *Número Comemorativo do Cinquentenário Salesiano em Portugal*, Lisboa, 1945.

A herança confiada a toda a Família Salesiana é a de dar aos jovens de hoje as mesmas respostas que Dom Bosco dava às suas necessidades - amparar os jovens nos seus direitos fundamentais.

Movidos pelo ideal de formação dos jovens necessitados, Dom Bosco começou a preparar um pequeno grupo, com a missão de vida, de ajudar os jovens. Sempre contou com a ajuda de colaboradores na condução dos trabalhos do *Oratório*. Entre estes companheiros de Dom Bosco havia Padres, mestres de ofício, mães e até mesmo vários dos seus jovens mais velhos, com mais tempo de casa. Aliás, foi com estes últimos que Dom Bosco procurou criar um grupo estável de colaboradores, que pudessem com ele iniciar um vasto movimento de pessoas em favor da salvação da juventude. Fundar a congregação Salesiana era então uma iniciativa necessária.

A 26 de Janeiro de 1854, reúne, no seu quarto, com quatro jovens do Oratório. A acta deste encontro, encontra-se conservada no arquivo histórico central dos Salesianos, é escrita por um dos quatro jovens presentes, Miguel Rua, e consta do seguinte:

"Reunimo-nos, no quarto de Dom Bosco, Rocchietti, Artiglia, Cagliero e Miguel Rua.

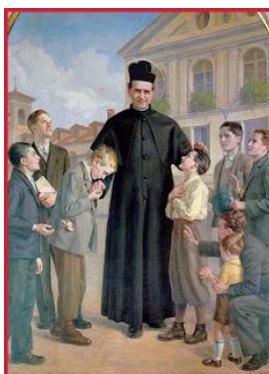
*Foi-nos proposto fazer, com o auxílio de Deus e de São Francisco de Sales, uma experiência de exercício prático de caridade para com o próximo. A seguir, faremos uma promessa. Depois, se for possível, um voto a Deus. Aos que fazem esta prova, e aos que fizerem depois, deu-se o nome de Salesianos."*³³

³³ <http://glaucosdb.blogspot.com/2009/07/fundacao-da-congregacao-salesiana.html>. Consultado em Julho de 2011.

Surge assim a Sociedade Salesiana. Como já salientamos, o nome “*Salesianos*” foi escolhido por Dom Bosco para homenagear São Francisco de Sales, de quem era devoto. Também porque desejava que a *bondade* e a *serenidade* do Santo fosse referência para os futuros Salesianos.

A formação foi a sua preocupação constante e o seu mais sério compromisso desde os tempos do *Oratório*, quando privilegiava, entre os seus educandos, aqueles que lhe davam esperança de poderem ficar com ele.

Fig. 1 - A formação do primeiro grupo de jovens



Fonte: <http://professorjoaoceasar.sites.uol.com.br/dombosco/liberdade.htm>

CAPÍTULO II A Comunidade Salesiana

1. A Sociedade Salesiana – Continuadores do seu Projeto Educativo

Os Salesianos são uma Congregação³⁴ de Direito Pontifício, fundada por Dom João Bosco em 1859, em forma privada, em 1869 com decreto de louvor e aprovada em 1874 pelo Papa Pio IX.

“Em 1859, Dom Bosco percebe que chega a hora de falar abertamente da sua Congregação Religiosa. Reunidos no quarto de Dom Bosco, dezanove pessoas ouvem o que ele tem a dizer-lhes:

"Faz muito tempo que penso em fundar uma Congregação. Chegou a hora de passar aos factos. O Santo Padre Pio IX encorajou-me e louvou-me propósito. Na verdade, esta Congregação não vai nascer agora: já existia naquele conjunto de Regras que vocês vieram observando por tradição... Trata-se, agora, de ir mais adiante, de constituir formalmente a Congregação e aceitar-lhe as Regras. Saibam, porém, que nela só serão inscritos aqueles que, depois de madura reflexão, quiserem emitir a seu tempo os votos de pobreza, castidade e obediência... Deixo-lhes uma semana para pensar."

A saída desta reunião foi acompanhada de um grande silêncio. "Dom Bosco quer que sejamos frades", pensavam alguns. Cagliero, que futuramente seria o primeiro bispo e cardeal salesiano, era o que se mostrava mais agitado. Depois de pensar muito, ele diz a frase que se tornaria histórica: "Frade ou não frade, eu fico com Dom Bosco".

(...)

O próximo desafio, que foi longo e custoso para Dom Bosco, era redigir as regras da nascente congregação e pedir a sua aprovação na Santa

³⁴ O substantivo Congregação, deriva do verbo latino *Congregare* que significa reunir, criar comunidade, sob a orientação de um determinado ideal (carisma), em função do qual são elaboradas regras que devem orientar a vida dos membros dessa mesma comunidade.

Sé. Aprovação esta, que só seria concretizada definitivamente em 3 de abril de 1874, contando com um voto pessoal do próprio papa Pio IX. A Sociedade Salesiana torna-se uma realidade.”³⁵

O nome oficial da Congregação é “*Pia Sociedade de São Francisco de Sales*”, inspirando-se na bondade e zelo de São Francisco de Sales. Todavia, a Congregação tornou-se popularmente conhecida por “*Salesianos de Dom Bosco*”, a que corresponde a sigla *SDB*.

A Congregação Salesiana surge dentro de um vasto conjunto de Ordens e Congregações religiosas que ao longo dos séculos colaboraram com a sociedade civil na educação dos jovens.

Centradas na consagração pessoal e comunitária, as Congregações religiosas correspondem à organização da vida religiosa em torno do carisma definido por um fundador, com vista a uma influência directa da sociedade: *ensino, assistência e acção missionária*.

Dom João Bosco fundou a sua Congregação num momento em que em Itália estava a ser questionada a reputação dos religiosos e até o sentido da sua existência. Dominava um forte sentimento anticlerical, o que fez com que Dom Bosco, determinado em dar continuidade ao seu projecto educativo, por sugestão do primeiro ministro Urbano Rattazzi, seu admirador e amigo, foi dado ao seu grupo o nome, não de Congregação, mas sim o de Sociedade³⁶, semelhante a qualquer outra associação quanto a direitos e deveres civis.

“No ano de 1855, foi aprovada uma lei que visava suprimir as comunidades religiosas e congregações. Como fundar então uma

³⁵ <http://glaucosdb.blogspot.com/2009/07/fundacao-da-congregacao-salesiana.html>. Consultado em Julho de 2011.

³⁶ “Somos reconhecidos na Igreja Católica como Instituto Religioso Clerical, de Direito Pontifício, dedicado às obras de apostolado, a partir de 1º de Março de 1869. Somos reconhecidos como pessoa jurídica para efeitos civis pelo Estado Italiano como “*Direzione Generale Opere Don Bosco*”, a partir de 2 de Setembro de 1971 com sede em Roma”. http://www.sdb.org/pt/Quem_Somos/Identidade. Consultado em Julho de 2011.

*congregação nova, com a implantação de uma lei que pretende acabar com elas? A solução, por mais incrível que pareça, veio do autor da lei, o ministro Urbano Rattazzi. Ele, que apreciava a obra dos oratórios e reconhecia o bem que era feito pelos meninos de Turim, disse a Dom Bosco: "O senhor pode fundar uma Sociedade que nenhuma lei poderá jamais afundar [...] uma associação de cidadãos livres, que se unem e vivem juntos com uma finalidade de beneficência". Era a forma ideal: a congregação seria formada perante a Igreja por religiosos professos, e perante o Estado por cidadãos livres."*³⁷

Apesar de todas as dificuldades e do forte afrontamento ideológico em torno do congreganismo, assistiu-se ao desenvolvimento de algumas Congregações com actividades no campo do ensino e no campo assistencial, particularmente através de instituições de integração social (casas para órfãos, asilos ou casas de correcção), como aconteceu no caso dos Salesianos.

A Congregação Salesiana é formada por *Salesianos Sacerdotes* e *Salesianos Leigos*. Os Salesianos podem optar pelo sacerdócio, de modo que co-existem na Congregação padres e irmãos Salesianos. A Sociedade Salesiana é assim uma comunidade de Padres e Irmãos, com os votos religiosos.

A *Filhas de Maria Auxiliadora*, também conhecidas como "*Irmãs Salesianas*", é um instituto semelhante para as mulheres. Os *Leigos* que participam na obra Salesiana, a partir das suas casas ou locais de trabalho, são conhecidos como "*Salesianos Cooperadores*". O Instituto secular de homens e mulheres são conhecidos como voluntários de D. Bosco. A associação de Ex-alunos consiste nos estudantes, antigos Alunos comprometidos com a obra Salesiana.

³⁷ <http://glaukosdb.blogspot.com/2009/07/fundacao-da-congregacao-salesiana.html>. Consultado em Julho de 2011.

No início, o projecto de constituição da Sociedade de São Francisco de Sales previa a integração de padres, irmãos e *leigos externos*. Todavia, essa forma de organização não foi aprovada pela Igreja Católica, que queria apenas padres e irmãos, como nas demais congregações.

Sendo assim, Dom Bosco propôs então a associação leiga dos Cooperadores Salesianos, que foi aprovada em 1876 pelo Papa Pio IX. O objectivo era o mesmo da Sociedade de São Francisco de Sales, a saber: o trabalho educativo e catequético junto dos jovens. Na sua forma de associação, tornou-se uma sociedade mista, com homens e mulheres leigos.

Uma só Congregação com Salesianos ligados pelos votos e com a vida em comum e os Salesianos *sem votos*, vivendo na sua própria casa, era assim que na mente de D. Bosco deveria ser constituída a Sociedade Salesiana. Mas não foi fácil a sua construção, designadamente em relação aos Salesianos externos, referenciando-se aqui algumas das dificuldades na construção da sua associação:

Em 12 de Fevereiro de 1864, D. Bosco enviou a Roma para estudo e possível aprovação as regras e constituições desta Congregação.

As regras constavam de 16 capítulos, o último dos quais era dedicado exactamente aos Salesianos externos. *“Todo o membro da Sociedade, que por qualquer motivo razoável dela sair, é considerado como membro externo e pode ainda participar dos bens da Sociedade, contando que pratique a parte do Regulamento prescrita para os externos”*.³⁸

Porém, tudo isso era tão avançado, verdadeiramente original, que disseram a D. João Bosco ser impossível aprovar uma sociedade religiosa assim concebida.

³⁸ http://www.salesianoscooperadores.org/z_origens.htm. Consultado em Julho de 2011.

D. Bosco trabalhou durante cerca de dez anos, tentando conseguir aprovação da sua ideia primitiva. Começou por suprimir, apesar de sentir muito, o artigo 5º, o mais combativo.³⁹ Ficaram quatro artigos do Capítulo 16. Enviou outra vez o texto a Roma. Voltaram novas observações. Se não aceitasse eliminar por completo o Capítulo 16, as Constituições não serão aprovadas. D. Bosco opta então por colocar o Capítulo 16 no apêndice das Constituições, sem referência à sua numeração em artigos. Dia 30 de Dezembro de 1873 levou pessoalmente o novo texto modificado.

Em Roma voltaram a dizer-lhe que com aquele capítulo, mesmo transformado em apêndice, as Constituições não seriam aprovadas. Teve então que resignar-se e tirá-lo completamente do texto e preparou uma nova edição das Constituições que foram aprovadas definitivamente pela Santa Sé no dia 3 de Abril de 1874.

Os Cooperadores são na mente de D. Bosco, verdadeiros Salesianos no Mundo, tão Salesianos como os próprios religiosos.

*“Precisamos de ter no mundo amigos, benfeitores, pessoas que praticando o espírito dos Salesianos, querem continuar a viver nas suas próprias famílias, como fazem precisamente os cooperadores salesianos: são eles o nosso auxílio nas necessidades, o nosso apoio nas dificuldades, que não está dentro das nossas possibilidades por falta de pessoal ou de meios materiais. Estes cooperadores devem-se multiplicar o mais possível ...”*⁴⁰

³⁹ Dom Bosco colocava-os ao lado e em estreita união com a Congregação Salesiana. “Quería associar os Cooperadores aos Salesianos numa única Congregação, com a dupla categoria de religiosos com votos e vida comum e sócios externos sem votos nem compromissos de vida comum. Mas o seu projeto, pareceu então demasiado temerário. E teve de se limitar a reuni-los sob a forma de Pia União. Deu-lhes um Regulamento, que, desde 1874 até 1876, publicou três vezes sob três diversas designações: Associação, União Salesiana, Associação Cristã de Boas obras. Mas o texto definitivo recebeu o simples título de “Cooperadores Salesianos”.”

Dom Bosco no Mundo, Porto, Edições Salesianas, 1960, p. 79.

⁴⁰ *Uma Congregação que se renova, XX Capítulo Geral Especial da Sociedade Salesiana*, Roma, Edição salesiana, 1971, p. 133.

2. O Primeiro Regulamento – 1876

D. Bosco não desanimou diante da dificuldade de fazer entender às altas instâncias da Igreja romana a importância para este projecto dos “*Salesianos Externos*”, tendo equacionado como alternativa a criação de uma “*ordem terceira*”, igualando, de alguma forma, os cooperadores a “*terciários*” dos Salesianos.

As *ordens terceiras* são associações de leigos católicos. Estas *ordens* eram organizadas e dirigidas pelos leigos, cabendo aos religiosos o papel de orientação espiritual ⁴¹.

Para esses “*Salesianos Externos*”, convertidos agora em Associação⁴² dos Cooperadores Salesianos, preparou Dom Bosco um Regulamento, cuja redação adoptou sucessivas versões, e que foi finalmente aprovado pelo Papa Pio IX em 9 de Maio de 1876,⁴³ concedendo-lhe os primeiros favores espirituais, as indulgências e os indultos da Ordem Terceira Franciscana.

Um Regulamento que, nas palavras de Dom Bosco, lhe haviam pedido os seus primeiros seguidores e colaboradores, para que servisse como base e vínculo de uniformidade e de espírito dessas instituições populares, os Oratórios.⁴⁴

⁴¹ Foi São Francisco, de Assis, o primeiro a instituir uma Ordem Terceira, com o fim de reunir os fiéis de ambos os sexos para seguirem no mundo o espírito e o modo de viver dos Religiosos nos seus claustros.

⁴² Na história já centenária dos Cooperadores recorreu-se aos nomes “*Associação*” e “*União*” para designar a sua realidade colectiva ou de comunhão. No trabalho de elaboração e revisão do Novo Regulamento, ficou o uso do termo “*Associação*”, era também o termo mais utilizado por Dom Bosco no seu Regulamento.

⁴³ O Regulamento que actualmente está em vigor foi aprovado em 1986 e figura como apêndice do Regulamento de Vida Apostólica.

⁴⁴ Embora tenha sido já referido anteriormente relembramos que, os *Oratórios* eram espaços abertos aos jovens mais desfavorecidos, onde se podiam ocupar com jogos, onde se difundiam os ensinamentos da religião, dos valores morais e do trabalho, num clima de alegria intervinha-se na mudança de hábitos destes jovens desamparados.

O Regulamento é onde estão reunidas as regras e prescrições do fundador da *Sociedade São Francisco de Sales*, constituindo um guia que procura dar sentido à realidade educacional, pretendendo moldar maneiras de pensar, de perceber o mundo.

Dividido em 16 capítulos, o Regulamento apreende a totalidade da vida do Aluno, na escola/colégio e para além dele.

O Regulamento não se fica pelas questões curriculares, horários e tempos escolares, ele focaliza-se no comportamento; comportamento na aula, no estudo, para com os superiores, do modo como se comportava com os colegas, procedimento fora da casa ...

Todos os domingos era lido o Regulamento.

Anualmente havia a festa do Regulamento, ao mesmo tempo em que os comportamentos solicitados exigiam que o Aluno vivesse as regras / normas, isto porque ele era observado e avaliado a partir daquilo que fazia ou não.

Ao longo deste processo de interiorização das práticas enunciadas no Regulamento esperava-se que o jovem modelasse sua mente e alma, construindo-se enquanto sujeito.

3. A Preocupação da Congregação

A Congregação Salesiana constitui-se e afirma-se responsabilizando-se pela educação dos mais frágeis, dos desafortunados. A preocupação social e a sensibilidade pelos jovens desfavorecidos foi sempre um traço característico da Congregação Salesiana.

Ao enunciar a missão da sua Congregação, Dom Bosco salienta a necessidade de cuidado e acompanhamento, de uma educação que instrua os jovens e os afaste do risco de constituírem um problema para a sociedade, porque são seres instáveis e influenciáveis; entende que recolhê-los em casas

educacionais é protegê-los de determinados perigos, prevenindo também, a comunidade da possibilidade do tormento da pobreza.

A pobreza era, de facto, um dos grandes problemas desta sociedade do século XIX, que estava por vezes associada à falta de trabalho. A solução passaria pela educação, reconduzindo os jovens pobres aos bons princípios. *Actuar, vigiar, instituindo técnicas disciplinares* que visam modificar a acção destes, modelando o seu comportamento.

Esses jovens necessitariam de permanecer sob o olhar vigilante de um adulto, que o acompanhasse até à sua maturidade – É a alma a grande preocupação de Dom Bosco, “*De mihi animas, carrera tolle*” (entrega-me as almas/pessoas e fica com os bens).

A Congregação Salesiana destaca-se por desenvolver formas de actuação eficazes, estando presente no mundo através da *grande família* que construiu, que de várias maneiras trabalham para apoiar os jovens levando a todos os lugares e pessoas o carisma de Dom Bosco, promovendo a cultura da vida e a mudança das estruturas sociais, educativas e familiares.

4. Sobre a *Família Salesiana*

Falar da Família Salesiana é falar de uma experiência de partilha, é falar de *vocação*, de *missão* e de *actuação*. De facto, o termo Família é constantemente usado na tradição salesiana.

A **Família Salesiana** é composta por vários grupos (já mencionados), que de diversos modos e a diferentes níveis de compromisso a constituem, como:

a) As Filhas de Maria Auxiliadora

Constituem o segundo ramo da grande família salesiana⁴⁵. As Filhas de Maria Auxiliadora, tiveram por fundador Dom Bosco e Co-fundador Maria Domingas Mazzarello. O instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, foi fundado em 5 de Agosto de 1872, teve um início modesto na pequena aldeia de Piemonte de Mornese, em Itália.⁴⁶

Dedicam-se à educação feminina, espiritual e materialmente necessitada, com uma acção especificamente catequética-educativa, assistencial e missionária, servindo-se de instituições educativas, dos *oratórios festivos* e da escola nos seus diversos graus.

As *Filhas de Maria Auxiliadora* estão em Portugal desde 1940. Entraram em Évora a pedido do Arcebispo D. Manuel Mendes da Conceição Santos⁴⁷, para dirigirem a Casa Pia Feminina. Pouco depois da sua chegada a Évora, as irmãs abriram, anexo à sua casa, um *Oratório Festivo*, destinado a catequizar e ocupar as meninas daquela cidade e arredores. Como já referimos, os oratórios festivos, instituição genial de Dom Bosco, eram meios admiráveis de atrair e cativar as crianças.

Três anos mais tarde, a 17 de Abril de 1943, entravam também na “*secção de 28 de Maio*”, da Casa Pia de Lisboa, situada no Monte de Caparica, em Almada.

“Pouco depois das Filhas de Maria Auxiliadora tomarem conta da Casa Pia de Évora, o Sr. Subsecretário da Assistência dignou-se a visitar

⁴⁵ O primeiro ramo é constituído pelos Salesianos, Sociedade de São Francisco de Sales.

⁴⁶ Amador Anjos, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal*, 1894/1994, Lisboa, Edição Salesiana, 1995. *Boletim Salesiano*, números 37-38, *Número Comemorativo do Cinquentenário Salesiano em Portugal*, Lisboa, Janeiro de 1945.

⁴⁷ Em 1938, o Senhor Arcebispo de Évora, assistiu em Roma à beatificação da 1ª Superiora Geral das irmãs Salesianas, Madre Maria Mazzarello, recebeu tão boa impressão da obra por ela iniciada, que pessoalmente se dirigiu à então Madre Geral, Luísa Vaschetti, no sentido de o virem ajudar nas obras de apostolado da sua diocese, o pedido foi aceite mas não logo atendido. Vide *Dom Bosco no Mundo*, Porto, Edições Salesianas, 1960.

esse estabelecimento e tão bem impressionado ficou com a orientação e competência das Irmãs Salesianas, que lhes ofereceu a direção do Asilo 28 de Maio, situado no Monte de Caparica”⁴⁸.

Os primeiros anos foram marcados pela pobreza e pelo sacrifício, devido ao período da Segunda Guerra Mundial e às dificuldades inerentes ao tipo de obras assumidas. A guerra impedia que viessem mais irmãs de Itália; escasseava, portanto, pessoal habilitado. Também aqui, pouco tempo depois, foi aberto um *Oratório Festivo*, que funcionava todos os Domingos com uma frequência significativa. Igualmente iam todas as Quintas-Feiras e Domingos a Porto Brandão ensinar catequese aos jovens.

Em Portugal, as Filhas de Maria Auxiliadora começaram por estar unidas a Espanha. No Ano Mariano de 1954, foi canonicamente erecta a Província Portuguesa de Nossa Senhora de Fátima com sede no Monte Estoril. Contava nessa altura com 9 casas em Portugal.⁴⁹

A obra foi crescendo marcada pelo serviço à juventude. Os internatos para meninas pobres foram a primeira obra significativa; as casas de formação foram uma prioridade da Província desde o início e as actividades de tipo profissional, com cursos diurnos e noturnos foram outro meio de formação para as jovens e mulheres portuguesas.

Salientamos particularmente as duas presenças pastorais na Diocese de Aveiro e do Algarve abertas nos finais do século XX e a comunidade de inserção no Bairro Novo do Pinhal – São João do Estoril, onde já há vários anos se faz um trabalho significativo em favor dos mais pobres.

⁴⁸ *Boletim Salesiano*, números 37-38, *Número Comemorativo do Cinquentenário Salesiano em Portugal*, Lisboa, Janeiro de 1945, p. 63.

⁴⁹ Amador Anjos, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal, 1894/1994*, Lisboa, Edição Salesiana, 1995.

b) Os Salesianos cooperadores ou leigos

É uma organização de leigos católicos, fundada em 1841. Os primeiros cooperadores remontam ao início da obra dos oratórios de Turim (1841), em que Dom Bosco promovia a cooperação de pessoas de boa vontade, sacerdotes e leigos (homens e mulheres que colaboravam cada um segundo as suas possibilidades), nas diversas tarefas envolvidas no movimento dominical da juventude.

*“Na realidade ela surgiu antes das outras duas famílias salesianas (Salesianos de Dom Bosco e Filhas de Maria Auxiliadora), como afirma Dom Bosco na introdução do Regulamento: Apenas começou a Obra dos Oratórios em 1841, imediatamente alguns piedosos e zelosos sacerdotes e leigos vieram em nosso auxílio. Estes colaboradores ou cooperadores foram em todo o tempo o sustentáculo das piedosas Obras que a Divina Providência nos colocara nas mãos.”*⁵⁰

Pertencem à Família Salesiana porque, como associação e pessoalmente, assumem o compromisso de dar continuidade à missão que o fundador lhes confiou, em união com a congregação e segundo o seu espírito.

É uma associação de fiéis de ambos os sexos, leigos na sua maioria, entusiasmados pelo espírito da Sociedade Salesiana e empenhados na prática da caridade evangélica, privilegiam acções dirigidas para a assistência e formação dos jovens, no meio em que estão inseridos.

A Associação nasce em Portugal com a chegada dos primeiros Salesianos, em 1894. Espalhados por todas as dioceses de Portugal, os Cooperadores Salesianos agrupam-se em Centros - núcleo fundamental da realidade associativa - geralmente junto das obras dos Salesianos e das Filhas

⁵⁰ Regulamento da Pia União dos Cooperadores Salesianos, Lisboa, Oficinas de S. José, 1959, p.3.

de Maria Auxiliadora; particularmente activos em terras de missão, dão um valiosíssimo contributo apostólico na linha da nova Evangelização.

É de realçar o contributo valioso que os leigos deram no sector profissional da Congregação, ligados à didáctica do trabalho, que perceberam as necessidades pedagógicas do livro didáctico-profissional, promovendo a publicação de livros especializados, como os vários volumes de *“Técnico da Madeira”*, de *“O Serralheiro Mecânico”*, de *“Técnica da Composição”*, de *“O Impressor Tipógrafo”*, do *“Manual do Encadernador”*, de *“Tecidos e Vestuário”*, até *“A Confeção do Calçado”*, títulos que foram compondo a biblioteca profissional salesiana.

“Quando em 1833 começaram as primeiras escolas profissionais salesianas não havia livros que ensinassem a trabalhar ou dissessem os “quês” e os “Porquês” aos jovens aprendizes.

Quando a 1ª escola profissional salesiana em Portugal começou a funcionar – com força muscular, a vapor, a gás depois e com força motriz eléctrica (só em 1929 em Lisboa) começaram a distribuir-se aos alunos artífices, apontamentos, sebatas e depois pequenos fascículos teóricos.

Antes que em Portugal se conhecessem manuais técnicos, já os alunos salesianos das Oficinas de São José dispunham de textos apropriados para cada profissão e, no caso de carpinteiros-marceneiros, de tipógrafos e encadernadores, alfaiates e sapateiros, a matéria dividida e programada por cada ano do quinquénio profissional.

*Pode afirmar-se que foi por parte dos salesianos leigos que saiu a única e hoje ainda a mais eficiente das literaturas técnicas a nível dos Cursos de Formação Profissional no nosso país onde tal lacuna tanto se faz sentir.”*⁵¹

⁵¹ *Boletim Salesiano*, Nº 254, Aniversário da chegada dos Salesianos a Portugal, Lisboa Novembro/Dezembro de 1969, p. 43.

A associação dispõe de um órgão de ligação interna, o *Boletim Salesiano*, seu órgão oficial, editado nas mais diversas línguas, incluindo a portuguesa.

Os membros da Congregação Salesiana consideram todos os cooperadores como irmãos.

c) Associação dos Antigos Alunos

O grupo dos ex-alunos começou articular-se quando ainda vivia Dom Bosco.

Os primeiros indícios podemos situá-los em 1870. Aos poucos, depois da morte de Dom Bosco os ex-alunos dividiram-se em grupos locais, em uniões e sociedades e até numa verdadeira organização, promovida pelo Padre Filipe Rinaldi⁵².

A partir da actividade organizadora iniciada por Dom Bosco e aperfeiçoada pelo Padre Filipe Rinaldi, a Associação dos ex-alunos foi-se estendendo cada vez mais em todas as obras salesianas, adquirindo estruturas orgânicas e articulares.

A partir de 1901 sucederam-se várias fases de organização. A estrutura nasceu formalmente no 1.º Congresso Internacional dos Ex-alunos em 1911, em Turim, com Federação das várias Uniões locais, círculo e sociedades.

⁵² Até ao ano de 1900 as casas Salesianas de Portugal estiveram unidas à Província Salesiana de Espanha da qual era inspetor o Padre Filipe Rinaldi que mais tarde devia tornar-se Superior Geral da Congregação e o 3º Sucessor de Dom Bosco. Em 1906 fundou com os Antigos Alunos em Turim o “*Círculo João Bosco*” que rapidamente floresceu. Em 1907 recomendava a um salesiano enviado para Espanha: “*cuida muito dos antigos alunos, eles são a nossa mesma razão de existir, pois sendo nós uma congregação educadora, é óbvio que não educamos para o colégio, mas para a vida. Ora bem, a verdadeira vida, a vida real para eles começa quando deixam as nossas casas*”. Egidio Viganò, *Os Antigos Alunos de D. Bosco*, Lisboa, Edição S.D.B., 1983, p. 11-12.

“O ponto de partida e de referência é o artigo 5 das Constituições o qual afirma que os Antigos Alunos fazem parte da Família Salesiana. E dá como razão da sua pertença, “a educação recebida”, para assumirem uma responsabilidade de colaboração segundo as finalidades próprias do projecto Salesiano”.⁵³

Através da organização associativa (União Local, Federação Inspetorial, Federação Nacional e Confederação Mundial), os ex-alunos vivem e aprofundam os valores da educação recebida. Nela exercitam o seu comprometimento pessoal e em grupo, realizando actividades de voluntariado, de promoção e defesa dos valores da família, da ética, da moral e da dignidade humana. Os Antigos Alunos de Dom Bosco, fazem parte do Movimento Salesiano Internacional de Leigos.

“O próprio Dom Bosco escreveu que o seu estilo de educação “torna o Aluno Amigo”. A atmosfera de convívio, de alegria, de promoção e de amizade, respirada por jovens de origem, cultura e condições sociais diferentes, concentra em si a força de gerar entre educadores e alunos uma espécie de parentesco espiritual, com laços de mútuo apreço, afeto e ideais de vida que se prolongam no tempo”⁵⁴

A construção de semelhante ambiente educativo, em que se desenvolvem relações amigáveis entre educadores e educandos é, sem dúvida, o elemento que melhor assegura o nascer e o crescer daqueles vínculos de afeto e de vida que, uma vez concluída a fase da educação juvenil, irão permanecer na vida dos Antigos Alunos.

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 9.

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 9.

Em Portugal, sob o impulso do Padre Pedro Rota⁵⁵, a Federação remonta sensivelmente a 1930, aquando da eleição dos membros diretivos, em Lisboa. A 1ª Concentração Nacional em 1952 nas Oficinas de S. José, em Lisboa, fez florescer a associação e em 1976 foi aprovado o Regulamento.

“Em 1952, com a 1ª Concentração Nacional de Antigos Alunos nas Oficinas de S. José em Lisboa, o Movimento começou a desenvolver-se. Em 1976 é aprovado em Conselho Nacional o Regulamento da mesma Federação. Em 1995 é constituída associação a 21 de Março por escritura lavrada a fls. 49 v.º e 50 do livro de notas para escrituras diversas nº 64-I do 14.º Cartório Notarial de Lisboa, estando ainda em vigor os estatutos da constituição aquela data. Publicação no Diário da República – III Série a 8 de Março de 1996. Em 1998 são aprovados os estatutos definitivos.

Desde 1952 que a revista «UNIÃO» passou a ser o Boletim Informativo da Federação Portuguesa dos AA. Em 1971 reaparece com título de «CONVERGÊNCIA», cuja publicação esteve interrompida mas que passou a reeditar-se em 1998, sendo de novo interrompida. Atualmente (desde Março de 2002) a “CONVERGÊNCIA” é editada *on-line*.⁵⁶

Em Portugal é reconhecida a acção desenvolvida desde os primórdios do Movimento, em 1930, até ao presente, por dirigentes, pelos delegados salesianos, pela Província e por todos aqueles que diariamente animam os Centros e, ano após ano, vão mantendo vivo o Movimento dos Antigos Alunos de Dom Bosco. São testemunhos de uma matriz de princípios e valores que

⁵⁵ Exerceu, em 1931, o cargo de Diretor da Oficinas de São José. Faleceu em Lisboa no mesmo ano.

⁵⁶ Federação dos Antigos Alunos de Dom Bosco, *Anuário Católico*.
<http://www.google.pt/#pq=regulamento+do+antigos+alunos+salesianos&hl=pt>. Consultado em Setembro de 2011.

lhes foram inculcados pela educação recebida e mantêm viva a preocupação pela causa dos jovens e dos pobres.

A Associação dos Antigos Alunos não tem a força vinculativa da Sociedade Salesiana, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e da Associação dos Cooperadores Salesianos, mas tem a vantagem de agrupar elementos não só de todas as raças, línguas e condições sociais, mas também de todos os credos, assumindo sobretudo o compromisso de testemunhar e promover os valores humanos tornando-os em gestos concretos de solidariedade social.

Aos grupos mencionados há que acrescentar outros que surgiram posteriormente, com é o caso do Instituto *Voluntárias de Dom Bosco* e da *Associação Devotos de Maria Auxiliadora*. Esta reconhecida como grupo integrante da Família Salesiana em 1989. Embora se trate, como o próprio nome indica, de uma associação de carácter devocional, a dimensão apostólica faz parte da sua dinâmica; está ligada à história do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, construído por Dom Bosco, em Turim, inaugurado em 1868. A erecção canónica e a aprovação dos estatutos remontam a 1869.⁵⁷

Em Portugal, a Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora conheceu um relativo crescimento nos primeiros tempos. Entrou depois numa longa fase de quase extinção, voltando entretanto a renovar-se.

O caso do **Instituto Voluntárias de Dom Bosco**, nasceu em Turim, em 1917, com o nome de “*Filhas de Maria Auxiliadora no século*”, para as distinguir da congregação religiosa “*Filhas de Maria Auxiliadora*”, depois de alguns nomes como “*Zeladoras da Sociedade de São Francisco de Sales*”, tomaram o nome definitivo de “*Voluntárias de Dom Bosco*” em 1959. Foi seu fundador o Padre Filipe Rinaldi.

⁵⁷ Vide Amador Anjos, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal, 1894/1994*, Lisboa, Edição Salesiana, 1995, pp. 96-97.

Até meados do século XX o desenvolvimento das voluntárias processou-se lentamente. Em 1947 Pio XII reconhece os institutos seculares através da Constituição Apostólica “*Provida Mater Ecclesia*”. O reconhecimento oficial das *Voluntárias de Dom Bosco*, como instituto secular de direito pontifício, data de 1978. Por esta altura o número de associadas era de 464.

Têm encontros periódicos, destinados à oração e reflexão em comum, à formação permanente e aos exercícios espirituais. Exercem as mais variadas profissões e tarefas, com destaque para as que se relacionam mais diretamente com os jovens.

Em Portugal, as *Voluntárias de Dom Bosco*, começam a ser conhecidas e a despertar interesse em meados da década de setenta do século passado. Em 1978 reúne-se no Porto o primeiro grupo de interessadas pela vida do instituto e em 1981 três delas fazem a sua primeira *profissão* em Fátima, havendo mais quatro no *aspirantado*. No seu conjunto formam um grupo, com a sua responsável, o seu conselho local no Porto e o assistente salesiano em ligação com a responsável regional (espanhola). Têm encontros regulares de formação e vivência religiosa sendo em Fátima que habitualmente se encontram.

Incluindo estes e outros grupos que surgiram em diversas partes do mundo, a Família Salesiana, compreende hoje 28 grupos oficialmente reconhecidos. Cada grupo da Família Salesiana tem a sua identidade própria e goza de uma alguma autonomia. Vivem em comunhão recíproca e compartilham o mesmo espírito continuando a missão iniciada por Dom Bosco. Cada um com o lugar que ocupa participa com a própria vida e com o próprio trabalho no projecto integral de formação das novas gerações.

A esta *Fundação*, Família Salesiana, Dom Bosco dedicou tempo, esforço formativo e organizativo com vista a fazer dela o núcleo consistente da sua obra. Os continuadores do seu projecto são todos aqueles que têm mantido de

pé o compromisso de testemunhar e promover os valores humanos que lhes foram transmitidos pela educação, e manter viva a preocupação pela causa dos jovens.

Assim, a actuação desta Congregação abrange o trabalho pastoral e educativo/escolar. Evangelizadores dos jovens, educadores da fé, solidários com o mundo, abertos às culturas dos países em que trabalham, procuram compreendê-los e acolher os seus valores para melhor introduzir a mensagem evangélica e que esta faça sentido. A sua acção inicia-se a partir de uma atenção ao real, pretendendo que as suas obras sejam respostas oportunas e adequadas às necessidades do momento e do lugar. Com efeito, a sua missão é realizada principalmente através de actividades e obras nas quais é possível promover a educação humana e cristã dos jovens, como o oratório e o centro juvenil, a escola e os centros profissionalizantes e as casas para jovens com problemas. Oferecem o serviço pedagógico e catequético na área juvenil por meio de centros especializados. Nas casas de retiros atendem à formação cristã de grupos especialmente juvenis.

5. Organização da Sociedade Salesiana

O documento fundamental desta organização são as *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales* que são a regra de vida religiosa dos salesianos. Nelas se estabelece a estrutura organizativa dos salesianos. O modelo administrativo propõe que em cada instância haja um líder associado a um conselho. Esse modelo reproduz-se desde a esfera mundial de governo às comunidades locais.

5.1 Administração Central

A autoridade máxima da Congregação Salesiana é o Papa. A ele cabe, por exemplo, a aprovação final de qualquer alteração nas *Constituições* ou a aceitação de eventual renúncia do Reitor-Maior.

No interior da Congregação, a autoridade suprema é exercida pelo Capítulo Geral, a assembleia representativa de todos os salesianos, que entre outras competências, elege o Reitor-Maior e aprova modificações nas Constituições.

A autoridade individual superior é o Reitor-Maior, representante oficial dos Salesianos, com poder sobre todas as demais instâncias e pessoas pertencentes à Congregação nos aspectos temporais e espirituais.

Considerado o sucessor do fundador - Dom Bosco - o Reitor-Maior é também o centro da espiritualidade e unidade de toda a Família Salesiana. O Reitor-Maior é auxiliado por um Conselho Geral, composto pelo Vigário do Reitor-Maior e os seguintes conselheiros:

- Conselheiros sectoriais: conselheiro para a formação, conselheiro para a pastoral juvenil, conselheiro para a comunicação social, conselheiro para as missões e o ecónomo geral;
- Conselheiros regionais: que representam conjuntos de inspeorias reunidos por vizinhança geográfica ou cultural. Colaboram com as comunidades provinciais do grupo que lhes foi confiado, promovendo uma ligação mais direta das províncias com o Reitor-Maior e o Conselho Geral.

5.2 Administração Inspectorial

A unidade administrativa da Inspeoria - em alguns países denominada de Província - reúne um conjunto de comunidades locais, por afinidade geográfica ou cultural. A autoridade maior da Inspeoria é o Inspector, que é auxiliado por um conselho inspetorial. Periodicamente reúne-se o Capítulo Inspectorial, assembleia representativa de todos os salesianos de uma

Inspeccoria. Entre outras responsabilidades, o Inspector é também o primeiro responsável pela formação dos novos salesianos, em particular dos noviços.

5.3 Administração Local

As comunidades locais são administradas por um Director, auxiliado por um Conselho local. A Assembleia dos Irmãos reúne todos os Salesianos de uma comunidade e tem, por exemplo, a competência para eleger o delegado da comunidade ao Capítulo Inspetorial. As comunidades locais são as unidades de actividade prática podendo conduzir escolas, paróquias, entidades assistenciais e obras sociais. São também o espaço de convivência dos Salesianos.

Diferentemente de outras instituições religiosas de vida consagrada, os Salesianos vivem, necessariamente, em comunidades. Deste modo, além de unidade administrativa, as comunidades são elementos constituintes da espiritualidade salesiana.

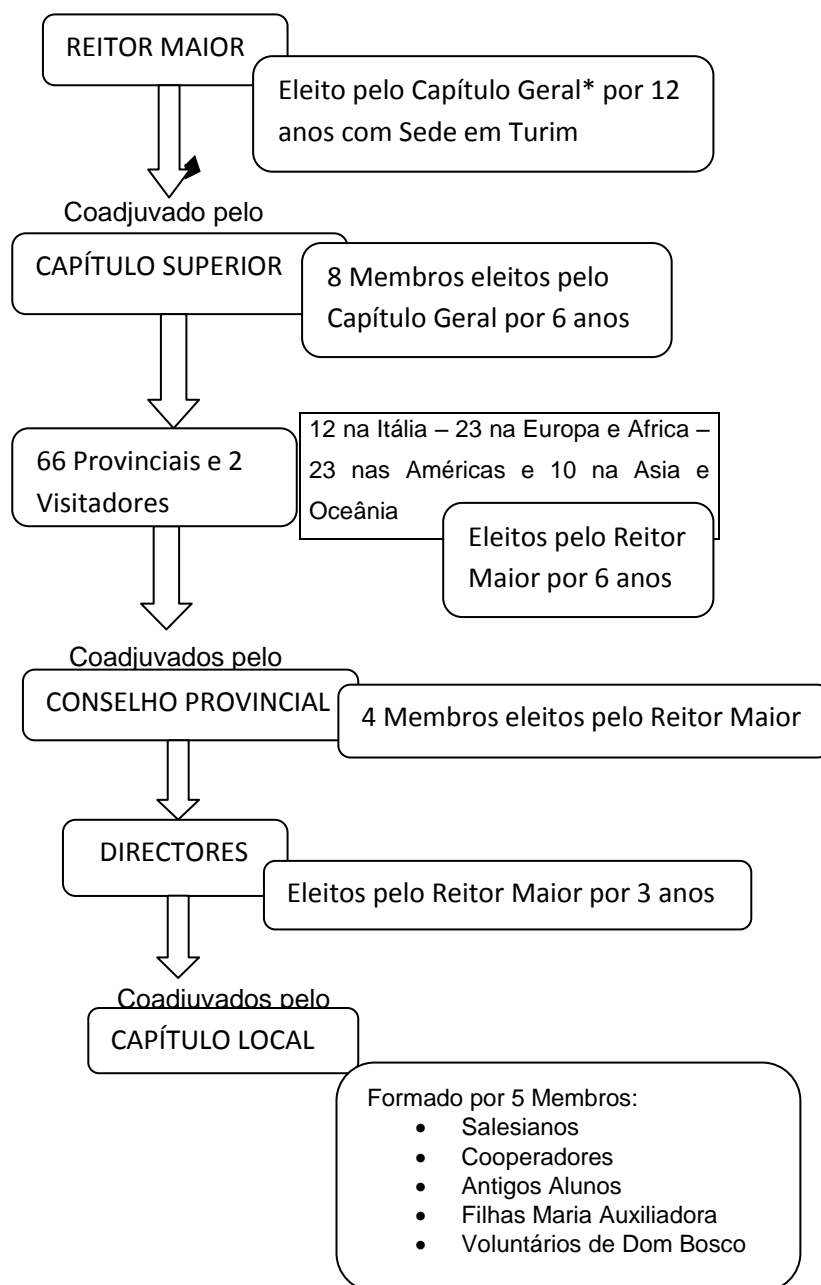
A Congregação Salesiana está actualmente presente em 129 países, com mais de 16.000 Salesianos (cerca de 10.600 sacerdotes, 2000 Coadjuutores ou Salesianos irmãos, 2.750 seminaristas, 500 noviços, 118 bispos, dos quais 5 cardeais), que actuam em diversas áreas educativas, sociais e religiosas.⁵⁸

Do ponto de vista administrativo, sua área de actuação está dividida em 77 regiões espalhadas por todo o mundo.

A direcção geral da Congregação Salesiana está em Roma. Para tratar dos assuntos junto da Santa Sé, a Sociedade tem ali um Procurador-Geral que é eleito conjuntamente pelo Reitor-Maior e o Capítulo Superior.

⁵⁸ <http://www.zenit.org/article-20687?l=portuguese>. Consultado em Julho de 2011

5.4 A orgânica da Sociedade Salesiana



Fonte: Dom Bosco no Mundo, Edições Salesianas, 1960, Adaptado.

* O Capítulo Geral é a Assembleia representativa dos Membros da Congregação, que se reúne ordinariamente cada 6 anos (segundo as Constituições), para eleger os Superiores Maiores e tratar dos assuntos mais importantes da Sociedade. O Capítulo Geral pode ser convocado extraordinariamente quando se trata de eleger o Reitor

Maior ou quando o exige alguma razão maior. O 1º Capítulo Geral teve lugar em 1877, em Lanzo, Turim, com a presença de 23 membros.

O mais recente Capítulo Geral dos Salesianos teve lugar em 2008; convidou a comunidade a retomar D. Bosco, a estudá-lo, imitá-lo e invocá-lo e torná-lo conhecido, aprofundando o conhecimento da sua história e o estudo das origens da Congregação, tendo sempre presentes as expectativas dos jovens e dos desafios de cada momento.

A Congregação Salesiana através do seu Capítulo Geral, comprometeu-se a colaborar com os organismos sociais que promovem a justiça no Mundo, mediante a educação de base, a começar pela alfabetização que é hoje requerida pelos países em vias de desenvolvimento.

Este movimento de unidade, ocupou sempre a mente de Dom Bosco. As estruturas e a organização que deu à sua Congregação e sobretudo a forte exigência de unidade, não eram apenas um produto das correntes centralizadoras da época, constituindo antes uma necessidade intrínseca, derivando da orientação muito concreta que Dom Bosco quis imprimir à Congregação Salesiana. Era sua preocupação garantir a unidade como elemento basilar e indispensável. A Sociedade Salesiana deveria reflectir a fisionomia de uma família autêntica, bem ordenada e espiritualmente unida.

Importa recordar que, historicamente, a Congregação Salesiana nasceu e desenvolveu-se a partir de um núcleo originário, o *Oratório de Valdocco* de vida intensamente comunitária, reunido em torno de um centro vital de unidade, que era a pessoa de Dom Bosco. Esta relação com o Fundador continuou a manter-se depois de o primeiro núcleo se ter dividido noutras fundações, na Europa e na América.

As novas fundações, apesar da necessária autonomia requerida pelo trabalho que deviam desenvolver e das peculiaridades que iam assumindo na sua adaptação às condições locais, sempre se conservaram unidas à Casa

Mãe. Mais ainda, esta relação constante com o Centro, de que recebiam inspiração e força, era considerada condição de sobrevivência.

Como critério de renovação, o retorno ao Oratório de Dom Bosco é tido como um ato de fidelidade dinâmica à missão originária do Fundador.

“Em 1888, quando expoentes da hierarquia eclesiástica pensavam que a Obra Salesiana não poderia sobreviver ao Fundador, o Padre Miguel Rua tomou as suas rédeas e, com a ajuda de um grupo de salesianos que tinham crescido com ele ao lado de Dom Bosco, relançou-a em todas as suas potencialidades. A Sociedade Salesiana foi considerada, em toda a parte, moderna, eficiente e útil, tanto para as sociedades civis que pediam educadores e instrutores da juventude na nova fase de desenvolvimento económico-social de fins do século XIX”⁵⁹.

Hoje, a uma distância de mais de um século, a Congregação adquiriu dimensões mundiais. Contudo, para salvaguardar o projecto originário do Fundador procura continuamente reforçar as notas essenciais da unidade, preservando e aprofundando o património espiritual, procurando simultaneamente renovar-se, assegurando a sua continuidade. De facto, a renovação exige dos Salesianos:

- Grande sensibilidade e capacidade de acolher e compreender as actuais tendências da juventude e os seus desvios;
- Estabelecer uma presença permanente e activa junto dos jovens, respeitando a sua liberdade.

Para dar uma resposta imediata às novas situações e mais ainda para as prevenir, os Salesianos comprometem-se a uma atitude de contínua adaptação e criatividade, com dedicação total aos jovens, procurando

⁵⁹ *Boletim Salesiano*, Julho/Agosto de 2009, p. 9.

responder com uma maior qualidade educativa e profissional, fiéis à sua identidade carismática.

“As diversas obras e atividades não podem ser concretamente as mesmas em toda a parte do mundo. Temos de agir com a constante criatividade, renovando as que já existem e adaptando-as ao evoluir das necessidades bem como criando outras mais condizentes com as novas exigências do tempo”.⁶⁰

6. A Relevância desta Sociedade

A relevância na sociedade dos Salesianos é o resultado do êxito da sua obra que ultrapassou e se consolidou para além das fronteiras do continente europeu. Diversos oratórios festivos, escolas profissionais e agrícolas e casas de assistência social foram abertas em muitas regiões nos vários continentes.

Através da formação profissional a Congregação Salesiana ajuda os jovens dos meios populares, não só a prepararem-se e inserirem-se no mundo do trabalho, mas também a crescer integralmente.

Ao nível social, o trabalho das congregações tem colmatado muitas lacunas na assistência às classes mais desprotegidas, designadamente na educação e na promoção cultural, em áreas em que nem os governos, nem a sociedade civil, por si só, poderiam resolver globalmente.

Em Portugal, com particular insistência a partir de 1880/81, começou a ser suscitada a intervenção dos Salesianos em obras de assistência e promoção social dos rapazes abandonados.

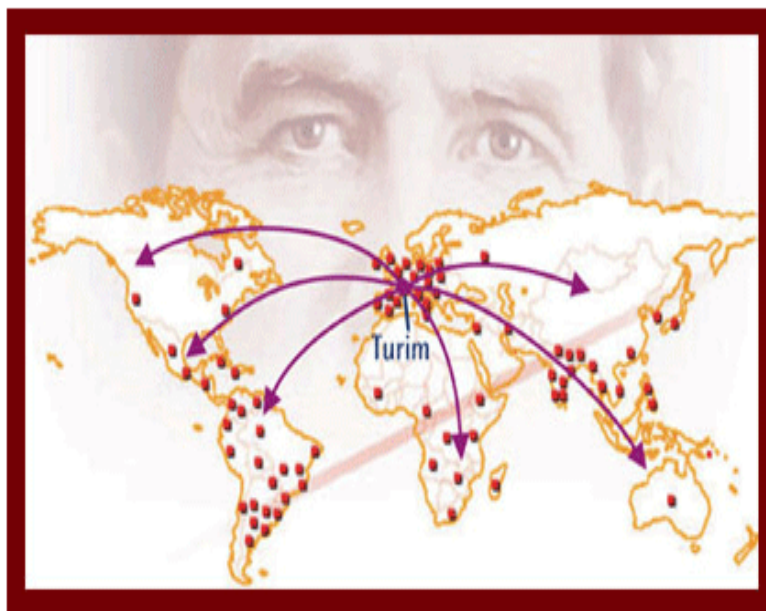
Estudar uma instituição de ensino centenária como o Colégio de Oficinas de São José permite-nos ter uma visão histórica sobre o evoluir da educação

⁶⁰ *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*, Lisboa, Universidade Católica de Lisboa, 1972, p. 36.

em Portugal, no final da monarquia e princípio da República. O estudo desta instituição ajuda-nos a perceber como a cultura interna dos colégios de carácter confessional se articula com a sociedade, a política e com a cultura do seu tempo.

Assinala-se que as primeiras fundações salesianas em Portugal apresentam uma feição marcadamente laboral e profissional, “*escolas de artes e ofícios*”. Várias delas adotarão mesmo o nome de “*Oficinas*”, com o determinativo de “*São José*”, para apelar à proteção de um Santo que se afirmou profissionalmente através do trabalho manual, sendo tomado como modelo de todos os aprendizes e operários.

Figura 2 – Os Salesianos estão hoje espalhados por todo o mundo, colaborando, contribuindo, com a educação básica, profissionalizante, lazer, entretenimento, alimentação e evangelização de crianças e jovens, para torná-los homens de Bem.



Fonte: http://salesianosdobrasil.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=173&Itemid=186

PARTE II

OS SALESIANOS EM PORTUGAL

Oficinas de S. José - Lisboa

1894-1974

“A medida da instrução não é o que o Professor pode ensinar mas o que o aluno pode aprender.”

Comenius

CAPÍTULO III Os Salesianos em Lisboa: As oficinas de São José

1. A chegada dos Salesianos a Portugal - História

Em Outubro de 1877, o Padre Daniel Rademaker transmitiu a Dom Bosco, seu amigo, que, em sua opinião, seria uma bênção para Portugal se também aqui fosse lançada a obra dos *oratórios*. Mas é a partir da década que teve início em 1880, que Dom Bosco sofre diversas e persistentes insistências para que lançasse em Portugal instituições a favor dos jovens abandonados. Com efeito, é por esta altura que o Padre Sebastião Leite de Vasconcelos⁶¹ entra em contacto epistolar com Dom Bosco, pedindo a colaboração dos Salesianos para uma obra que deseja fundar no Porto destinada a ocupar-se dos rapazes da rua. Pedidos no mesmo sentido sucedem-se a partir de Lisboa. Esperava-se que os Salesianos pudessem vir a dar uma resposta adequada a alguns dos problemas graves de então relacionadas com jovens pobres que se encontravam em situação de abandono. Todavia, foi o Senhor Dr. Francisco Rodrigues da Cruz⁶² quem, entusiasmado com a obra Salesiana, então mais activamente contribui para a vinda dos Salesianos para Portugal.

Os primeiros Salesianos chegaram ao nosso País, à cidade de Braga, mais concretamente ao colégio dos órfãos de São Caetano, no dia 8 de novembro de 1894.⁶³ Aquele hospício tinha por vocação a proteção dos órfãos, expostos e abandonados. O Padre Filipe Rinaldi, inspector na Península Ibérica da Sociedade Salesiana, visitara as instalações daquele hospício, tendo

⁶¹ Mais tarde foi designado Bispo de Beja, admirador e amigo de D. Bosco, fundou no Porto em 1883 a primeira oficina de S. José, com todas as características de uma *casa salesiana*. Contudo, o seu intuito era entregar esta obra aos Salesianos logo que eles pudessem assumir a sua direcção, o que só veio acontecer em 1909, quase em vésperas da implantação da República. Amador Anjos, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal, 1894/1994*, Lisboa, Edição Salesiana, 1995.

⁶² Dr. Francisco Rodrigues da Cruz era sacerdote e nos finais do século XIX, era o Director do hospício.

⁶³ O colégio tinha já tradições, pois fora fundado nos finais do século XVIII, pelo Arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão, sob a designação de “*Seminário dos meninos pobres*”.

ficado impressionado com o que viu, encarregando-se de promover a vinda para Portugal dos Salesianos.

Assim, a partir de 8 de Novembro de 1894, os Salesianos Padre Pedro Cogliolo, Padre Ângelo Bergamini e o Padre Jesse Galli tomaram conta da direcção interna do referido hospício.

No colégio dos órfãos de São Caetano havia aulas de instrução primária, música vocal e instrumental, e desenho.

A parte profissional era constituída por alfaiataria, sapataria e marcenaria.

No intuito de alargarem o âmbito das actividades culturais, criaram aulas de Português, Francês e Latim, indo os alunos fazer, os seus exames ao Seminário, ao passo que os aprendizes das oficinas, frequentavam à noite as de Português e Matemática, da Escola Industrial.

Todas as actividades das aulas e das oficinas eram realizadas sob a protecção da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, que o primeiro Diretor Salesiano mandou vir das Oficinas Salesianas de Sarriá (Barcelona). A entronização de Maria Auxiliadora no Colégio pôs a cidade em festa.

Depois de implantada a obra de Dom Bosco na cidade de Braga, seguiram-se em Lisboa as Oficinas de S. José, em 1896, e a casa de formação em 1897⁶⁴, e no Porto em 1909.

Foi no sentido de colaborarem na dignificação dos jovens aprendizes e sem recursos que os Salesianos receberam insistentes convites para se

⁶⁴ A casa de formação era uma instituição que os Salesianos abriram nos arredores de Lisboa, na Quinta do Pinheiro de Cima, nas Laranjeiras, com o nome de Seminário do Sagrado Coração de Jesus e que se destinava prioritariamente ao noviciado, alargando-se depois aos pós-noviços e aos próprios teólogos, incluindo um grupo de aspirantes. Amador Anjos, *Nos Primórdios da Obra Salesiana em Portugal*, Lisboa, Edições Salesianas, 2007, p. 100.

estabeleceram no nosso país. E foi o sector laboral que constituiu o campo privilegiado da sua ação educativa entre nós.

Todas estas obras apresentam o mesmo objectivo - a educação cristã e a promoção social dos jovens sem recursos - tendo em conta a aprendizagem de um ofício (escola de artes e ofícios).

2. Os Salesianos em Lisboa / As Oficinas de S. José

O Hospício de Lisboa pertencia à Associação Protectora de Asilos e oficinas para crianças pobres do sexo masculino, instituição fundada em 1888.

A fundação em Lisboa das Oficinas de São José⁶⁵ deveu-se à iniciativa da Senhora D. Isabel Maria de Lacerda Castelo Branco e do Padre Francisco Herculano Cordeiro, que partilhavam das mesmas preocupações e ideal de Dom Bosco. Esta Senhora, apoiada pela “*Associação Protectora dos Asilos de instrução primária para rapazes pobres*”⁶⁶, abriu uma escola primária no bairro da Lapa, à qual foi dado o nome de colégio do “*Sagrado Coração de Jesus*”, que tinha como objetivo combater o analfabetismo e minorar a situação de abandono dos rapazes da rua.

O Padre Cordeiro, ao fim de pouco tempo, percebeu que a Escola Primária em regime de externato era insuficiente para dar consistência ao trabalho de educação dos rapazes. Era necessário prolongar a sua formação,

⁶⁵ Na origem das Oficinas de São José de Lisboa, bem como de outras instituições homónimas espalhadas pelo País a partir dos anos 80 do século XIX, encontramos uma ideia directamente inspirada no molde oferecido pela Oficina de S. José no Porto, 1883, e indirectamente através desta, no espírito e nas obras educativas promovidas por S. João Bosco a favor das classes mais humildes da sociedade. Amador Anjos, *Oficinas de S. José, os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, p. 17.

⁶⁶ A Associação Protetora responsabilizava-se pela manutenção da escola angariando fundos, sobretudo através de subscritores, e contando também com o apoio da rainha D. Amélia. Idem, *ibidem*, p. 18.

proporcionar-lhes a aprendizagem de algum ofício. Para isso teria que acrescentar o internato e pôr a funcionar oficinas.

Por falta de meios, só quatro anos mais tarde, em 1890, foi possível começar com duas oficinas **marcenaria** e **sapataria** e, em 1893 foi montada uma nova oficina, a de **alfaiataria**. Foi apenas a partir daí que o nome do estabelecimento passou então a ser **Oficinas de São José**.

Um ano antes da inauguração das duas oficinas de *marcenaria* e *sapataria*, 1 de Outubro de 1890, uma senhora italiana domiciliada em Lisboa, de nome Laura Lazzolo Ascheri, escreve ao Padre Miguel Rua, pedindo-lhe, em nome da Associação Protectora do Colégio do Sagrado Coração de Jesus, o envio de alguns Salesianos para tomarem conta deste estabelecimento. Quase dois anos passados, o Cardeal Neto renova aquele pedido junto do Padre Miguel Rua e através da Duquesa de Cadaval, fixada em Paris. O Padre Miguel Rua, em Janeiro de 1894, encarrega o provincial de Espanha, Padre Filipe Rinaldi, de visitar as obras que em Portugal esperavam a intervenção dos Salesianos.

A tabela que a seguir apresentamos pretende evidenciar a necessidade que o estabelecimento tinha de dar resposta a estas carências sociais e como tal a sua incapacidade de crescer fisicamente para o fazer, indicando a frequência do número de aprendizes por oficina. As muitas obras de adaptação que foram necessário fazer, para instalar a oficina de alfaiataria, as despesas de alimentação e vestuário para o dobro de rapazes trouxeram muitas dificuldades económicas que tendiam a aumentar de dia para dia.

Tabela 1: Os Aprendizes que em 1890 não passavam de 3, em 1893 eram 43.

ANOS	APRENDIZES	SAPATARIA	MARCENARIA	ALFAIATARIA
1890	3	—	—	—
1893	43	22	8	13

Fonte: Amador Anjos, *Oficinas de São José*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999

As receitas para a manutenção das oficinas provinham do modesto contributo dos subscritores, de um grupo reduzido de pensionistas, dos trabalhos oficinais (muito limitados) e dos donativos esporádicos em festas.

Conseguir mestres de Oficina com relativa estabilidade e com o mínimo de competência profissional, didáctica e moral era outra grande dificuldade.

Os Padres Salesianos foram convidados pelo Monsenhor Herculano Cordeiro, Director deste hospício, a dirigir a *escola oficina*, tendo aceite assumir a sua direcção interna. É assim que em 10 de novembro de 1896, os Salesianos deram entrada na sede das Oficinas de São José, na Rua do Sacramento à Lapa, nº 25, para tomarem a direcção deste estabelecimento de beneficência e educação dos rapazes pobres e abandonados.

*“Em 1897, os alunos já eram 60, eram todos aprendizes, mas só um terço é que tinha trabalho oficial. Encomendas de trabalho não faltavam. Na alfaiataria era uma verdadeira azáfama e as outras oficinas não lhe ficam muito atrás.”*⁶⁷

Em 1897 abria a Casa de Pinheiro de Cima às Laranjeiras⁶⁸. Os Padres Salesianos haviam adquirido a Quinta de Santo António, no Pinheiro de Cima, à estrada das Laranjeiras, em Lisboa, onde estabeleceram uma casa de formação para o seu pessoal.

⁶⁷ Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, p. 47.

⁶⁸ A Quinta do Pinheiro de Cima, tornara-se famosa na 1ª metade do séc. XIX, sobretudo após a vitória das forças liberais, 1834, sob a acção cultural do seu proprietário Joaquim Pedro Quintela, primeiro Conde de Farrobo. Junto do magnífico Palácio das Laranjeiras, o milionário mecenas das artes, nomeadamente da música, mandara construir na década de 20 do século XIX um teatro não menos magnífico, que veio a tornar-se um dos centros culturais e artísticos mais notáveis da Lisboa Oitocentista. Nele foram executadas diversas óperas e representações de outros géneros, sendo de salientar a estreia do “*Frei Luís de Sousa*” de Garrett, em Julho de 1843. Infelizmente, o teatro foi completamente destruído por um incêndio em 1862. Em 1869 morria o Conde, depois de ter caído em ruína total. Quando os Salesianos a compraram em Abril de 1897, a Quinta pertencia à família O'Neill. Idem, *ibidem*, p. 110.

Até 1910, a Casa do Pinheiro de Cima foi um centro de formação alargada, pois juntamente com os noviços, aqui se formavam também em grande parte os jovens professores. Nesta Casa funcionou um curso de Filosofia e as respectivas aulas acessórias. Junto desta Casa progrediu, ainda um *Oratório Festivo* com a sua aula de Instrução Primária e, na cerca da Casa, uma escola agrícola.

Ao longo dos nove anos que permaneceram na Rua do Sacramento à Lapa, os Salesianos mantiveram o *ensino elementar e complementar*, como as aulas de *desenho*. Para além de fomentar as oficinas existentes, conseguiram montar, em 1904, uma modesta tipografia. Incentivaram os exercícios gímnicos e desportivos. O setor da música - *grupo coral e banda* – destacou-se pelo seu nível de perfeição, como os “*Canários da Rainha*” ou “*Schola Cantarum*”, que faziam na primeira fase o serviço regular da Capela Real do Palácio das Necessidades até 1910; foram também por eles particularmente promovidos.

Contudo, a escola era pequena, não se podia ter muitos mais alunos e o sonho era o de uma escola *técnico-profissional* ampla que, permitisse um leque mais alargado de oficinas devidamente apetrechadas.

Em Maio de 1889 foi adquirido um terreno no Alto dos Prazeres para a construção da nova sede. O terreno foi doado à Instituição pelo benemérito amigo dos Salesianos, Marquês de Livéri e Valdansa, que residia em Lisboa já há alguns anos.

A elaboração do projecto das novas instalações foi confiada ao arquitecto italiano Mário Ceradini, professor da Academia de Belas Artes de Turim, e incluía as secções de internato para 500 aprendizes internos, com as dependências destinadas a aulas e oficinas e externato para cima de igual número de alunos com *Oratório Festivo* ou Centro Juvenil anexo.

No dia 15 de Junho de 1901, começaram os trabalhos de remoção da terra para lançar os alicerces. Apesar das muitas adversidades com as obras

da nova sede, traduzidas em frequentes dificuldades em satisfazer os compromissos com os credores, estas acabaram sempre por se resolver graças à generosidade e ajudas extraordinárias dos benfeitores.

Conta o Padre Tirelli, Diretor das Oficinas de S. José, entre 1903 e 1906:

“Lembra-me que uma vez, estando eu a pagar a um fornecedor uma quantia avultada, ele com uma cara, aparentemente, de poucos amigos contou até ao último centavo e depois perguntou-me, em tom sério, se nós recebíamos esmolas. Respondi-lhe que aquela soma, que acabava de lhe passar para as mãos, provinha toda de esmolas. Então ele, sorrindo restitui-me tudo o que eu lhe tinha entregado, pedindo-me que o lembrássemos nas nossas orações”.⁶⁹

Um outro testemunho do Padre Pedro Cogliolo, em 1903, que deixou o cargo de Diretor das Oficinas de S. José e passou a exercer apenas as funções de provincial:

“Ultimamente os nossos caros benfeitores têm-nos honrado sobremaneira. Promovendo festas, sorteios, concertos, vão-nos proporcionando os meios indispensáveis para continuarmos com as obras. Uma senhora generosíssima, a Condessa de Camarido, ao ter conhecimento do aperto em que me encontrava, prometeu logo uma boa oferta, fazendo-me chegar às mãos vinte contos de reis (...). Acrescento que o governo vê com muito bons olhos a nossa obra e este ano já nos ajudou com algumas verbas significativas”.⁷⁰

Em 18 de outubro de 1901, foram aprovados pelo Governo Português os Estatutos da *Pia Sociedade de São Francisco de Sales*, à qual ficaram pertencendo as Oficinas de S. José.

⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 57.

⁷⁰ Idem, *ibidem*, pp. 59- 60.

3. Inauguração do novo edifício

No dia 1 de Dezembro de 1905 começou a transferência das Oficinas para as novas instalações, realizando-se a inauguração solene da casa nova em 19 de março de 1906.

Os Salesianos entram então numa fase de progressivo desenvolvimento, devido à acentuada melhoria das instalações, à aquisição de moderno material tecnológico e ao esforço de mestres qualificados.

Aquando da inauguração das Oficinas de S. José o jornal, “O Século” escreveu nas suas colunas as seguintes apreciações:

“Mostrámos como a mais perfeita bondade Evangélica, associada à mais adiantada pedagogia, convertia essa instituição num dos engenhos mais formidáveis até hoje inventados pela virtude e pela caridade contra o vício, o crime e a desgraça (...) E diante dessas aulas claras, dessas oficinas maravilhosamente instaladas (...) dos motivos artísticos e sentimentais que por toda a parte solicitam a mente para um convívio alto e nobre”.⁷¹

A actividade profissional ou dimensão profissionalizante assumiu então maiores proporções. Para além das oficinas já existentes - *alfaiataria, sapataria e marcenaria* -, criaram-se nas novas instalações oficinas de *composição, impressão e encadernação*. Em 1909 a oficina de marcenaria foi apetrechada com novas máquinas para a laboração mecânica da madeira.

Toda a acção desenvolvida atribuiu a esta escola profissional um elevado nível de instrução e qualificação profissional.

Os Finalistas deste ramo tinham de antemão assegurado o emprego à saída, em diversas tipografias da cidade.

⁷¹ Francisco de Assis Oliveira Martins, *Breve História da Obra Salesiana em Portugal*, Lisboa, Edição Salesiana, 1942, p. 9.

Foi tendo isto em conta que o primeiro Congresso Pedagógico de Lisboa, realizado em 1908, decidiu conferir às Oficinas de S. José o Diploma de Benemerência no campo da educação e do ensino.

Este gesto viria a ser repetido em 1939 pelo Presidente da República, Marechal Carmona, ao conferir-lhe a Comenda da Instrução Pública, e em 1981 pelo Ministério da Educação”⁷².

Por sua vez, a **acção assistencial** das Oficinas de S. José, visava especialmente os rapazes mais necessitados, admitidos como alunos internos, aos quais era fornecida alimentação, facultado vestuário e dada educação e ensino de uma arte ou ofício segundo a propensão de cada um.

A maior parte destes rapazes eram propostos às Oficinas de S. José quer por instituições que se ocupavam da assistência a menores, quer por pessoas beneméritas, podendo também a iniciativa partir da própria família necessitada.

A idade exigida para aceitação estava compreendida entre os nove e os catorze anos de idade.

Na sua grande maioria a frequência das Oficinas de S. José era gratuita. Apenas de alguns o estabelecimento recebia uma modesta quantia da entidade que se assumia como responsável pelo respetivo internamento.

A análise dos respectivos assentos de matrículas permite tirar algumas conclusões sobre a proveniência geográfica dos alunos. Assim, dos 93 alunos que se matricularam de 1896-1903, cerca volta de 50% eram naturais da cidade de Lisboa e os outros 50% eram de quase de todo o País, incluindo do das antigas províncias ultramarinas.⁷³

⁷² Amador Anjos, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal*, 1894/1994, Lisboa, Edição Salesiana, 1995, p. 30

⁷³ Idem, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, pp. 78-79.

Paralelamente ao trabalho com os alunos internos, era dada especial atenção à actividade *oratoriana*, aos domingos e feriados, a favor dos outros rapazes da comunidade que por ali viviam bem perto da escola, num ambiente socialmente carenciado.

É neste quadro que no dia 6 de Maio de 1906 é inaugurado, nas dependências do edifício, um *oratório festivo*, onde se passaram a reunir mais de 300 rapazes, atraídos, sobretudo, por actividades de natureza desportiva e por um ambiente acolhedor de boa camaradagem. Assistem a lições de catecismo, a umas noções de moral, contribuindo para a promoção e absorção de valores e de uma sã convivência social, modificando no seu conjunto, a pouco e pouco, a fisionomia moral e cívica dos moradores da zona, composta por uma extensa faixa compreendida entre Alcântara e Campolide.

“Foi uma grande bênção para esta cidade a criação deste estabelecimento de educação profissional, em que se empenhou pessoalmente o primeiro sucessor de S. João Bosco, o Padre Miguel Rua, na visita que fez a Portugal.

Podemos dizer que a chama do espírito de D. Bosco comunicou a esta escola e apesar dos ventos fortes de oposição que sopraram logo de início e continuaram aparecer de vez em quando ao longo da História, a chama jamais se extinguiu.”⁷⁴

O alcance social da obra, a sua qualidade no que respeita ao ensino e à pedagogia, salientando a modernidade tecnológica no sector oficial, atraiu um maior número de famílias carenciadas. Aumentaram as solicitações para o internamento de tal forma que os pedidos recusados, por impossibilidade de aceitação, revelaram a necessidade de aumentar a capacidade da escola para ampliar o campo da sua acção, como demonstra o quadro seguinte:

⁷⁴ 75º Aniversário das Oficinas de S. José, Lisboa, Edição Salesiana, 1982, p. 9.

Quadro 1 – crescimento do número alunos

Ano escolar Out-Agosto	Alunos existentes	Alunos finalistas	Não aceites
1900-01	54	15	51
1901-02	54	16	38
1902-03	56	19	27
1903-04	55	12	40
1904-05	60	15	35
1905-06	61	16	55
1906-07	95	20	62
1907-08	110	26	74
1908-09	121	29	85
1909-10	123	26	76
TOTAL		194	543

Fonte: Amador Anjos, *Oficinas de S. José*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, Adaptado.

O ensino ministrado nas Oficinas de S. José era composto por dois cursos: o *elementar ou primário* e o *complementar*.

Em relação ao **curso elementar ou primário** era constituído por 4 classes, sendo que as primeiras 3 formavam o 1º grau e a última o 2º grau.

Quadro 2 - Curso Elementar ou Primário

1ª Classe	2ª Classe	3ª Classe	4ª Classe
1º Grau - Disciplinas			2º Grau - Disciplinas
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura ➤ Ditado ➤ Operações fundamentais de Aritmética ➤ Noções sobre o sistema métrico decimal ➤ Rudimentos de agricultura prática ➤ Elementos de desenho linear ➤ Exercícios de ginástica ➤ Doutrina cristã e princípios de moral 			Para além das do 1º Grau, acrescenta-se: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Elementos de gramática portuguesa; ➤ Rudimentos de ciências naturais aplicáveis à agricultura e à higiene; ➤ Operações com inteiros e decimais; ➤ Geometria prática elementar; ➤ História pátria; ➤ Noções de educação física

Fonte: Amador Anjos, *Oficinas de São José*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, Adaptado.

O **curso complementar** tinha a duração de 4 anos, estando estruturado com base nas exigências de uma escola técnica, que nas suas linhas gerais assentava no programa base elaborado ao nível da Congregação para as escolas profissionais por ela dirigidas nos diversos países. As disciplinas deste curso eram distribuídas pelos 4 anos como decorre do quadro seguinte:

Quadro 3 – Disciplinas do Curso

1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Português	Português	Francês ou Italiano (**)	Francês ou Italiano
Geografia	Geografia	Contabilidade	Contabilidade
Aritmética	Geometria	Electricidade	História
Desenho (*)	Desenho	Desenho	Mecânica
Física	Química		
Caligrafia	Caligrafia		

Fonte: Amador Anjos, *Oficinas de São José*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999. Adaptado

(*) A disciplina de Desenho compreendia duas modalidades, geral (livre e geométrico) e técnico (aplicado a especificidade de cada arte).

(**) O ensino da língua italiana, em alternativa com a língua francesa, vai ao encontro do projecto do marquês Di Liveri, no sentido de as Oficinas de S. José serem um centro promotor da cultura italiana, o que acabou por não ter seguimento.

As aulas tinham a duração de 45 minutos e eram dadas da parte da manhã. Antes do jantar havia um espaço reservado ao estudo das várias matérias. O programa incluía ainda Aulas:

Quadro 4 – O Programa

Doutrina cristã	Duas lições semanais, uma delas ao Domingo.
Ginástica	Uma ou duas vezes por semana, era tirado em parte ao recreio e em parte à oficina.
Música Vocal e Instrumental	Para os alunos dotados de particular aptidão, eram colocadas aulas entre as 11.15 e as 12.00 ou entre as 13.00 e as 14.15.
Temas de boas maneiras	
Higiene	
Noções de Sociologia	Palestras sobre problemas de ordem social.
Ensaio de teatro e declamações, aconteciam após o jantar, sobretudo nas proximidades das festas.	
O Passeio Semanal, aconteciam aos Domingos ou às Quintas-Feiras após o almoço.	

Fonte: Amador Anjos, *Oficinas de São José*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999.

Horário Geral e distribuição ao longo do dia (regulamento interno):

Quadro 5 – Horário e sua distribuição

5.30	Levantar e oração da manhã
6.45	1ª Aula
7.30	2ª Aula
8.15	Pequeno-almoço e recreio
9.00	Prática oficial
12.00	Almoço e recreio
13.30	Prática oficial
16.30	Merenda e recreio
17.00	Prática oficial
18.30	Estudos ou eventuais atividades circum-escolares
20.00	Jantar, recreio, oração da noite, repouso.

Fonte: Amador Anjos, Oficinas de São José, Lisboa, Edição Salesiana, 1999.

Alguns aspectos da metodologia seguida na instituição:

- A escolha da “*arte*” era feita tendo em conta o gosto e aptidão do aluno, o *parecer* dos pais ou substitutos e as vagas disponíveis em cada secção;
- Ter 11 anos era a idade mínima para admissão dos candidatos;
- Exigia-se paralelamente a obtenção do 1º grau do ensino elementar.

Em relação à *metodologia didática*:

- Na oficina, quanto à “*arte*” escolhida, preconizava-se que o aluno fosse transitando dos exercícios mais básicos para os mais difíceis, voltando muitas vezes aos mais básicos para ganhar alguma desenvoltura na arte;
- Até ao fim do curso, que tinha a duração de 5 anos, composto por 10 graus, o Aluno devia conhecer e executar um conjunto de trabalhos;

- Na passagem de um grau para o seguinte, o Aluno era submetido a um júri onde era avaliado a partir de um trabalho executado e onde devia responder a um questionário sobre o método que utilizou na execução, assim como devia demonstrar conhecimentos em relação à matéria correspondente ao grau em que se encontrava.

Os Mestres de Oficina, para além da parte prática, tinham o encargo de ensinar aos aprendizes:

1. Noções gerais, da evolução e situação presente e da história da respetiva “*arte*”.
2. Aplicar ensino teórico-prático em relação a algumas situações;
 - Métodos de laboração;
 - Matérias-primas, materiais usados, maneira de distinguir qualidade, preços, critérios seletivos;
 - Princípios usualmente seguidos pelos bons *artistas* nacionais e estrangeiros para avaliar um trabalho do ponto de vista técnico e artístico;
 - Ligadas à “*arte*” própria, algumas práticas a aplicar, nomeadamente: talha e embutido em relação aos marceneiros, contabilidade e encadernação em relação aos impressores.

Quanto à *componente pedagógica* mencionamos alguns aspetos importantes que nos parecem como mais incitadoras ao estudo e à boa conduta:

- As notas de aproveitamento, que eram comunicadas à família;
- Prémios semestrais e anuais⁷⁵;
- Quadro de honra;

⁷⁵ A atribuição do Prémio “Oliveira Martins”, foi um grande cooperador Salesiano, que pretendia homenagear o aluno pelo cumprimento dos seus deveres, servindo de estímulo.

- Concursos de trabalhos escolares e oficinais entre alunos do mesmo nível;
- Diploma de exame no fim do curso;
- Cada aprendiz tinha um pequeno fundo em dinheiro que ia aumentando durante o curso consoante a quantidade e qualidade dos trabalhos realizados. Ao terminar o curso o dinheiro era entregue ao aluno.
- O clima de família estabelecido com os educadores, criando laços de amizade e confiança com os educandos.

Todo o programa acentuava a preocupação contínua em incutir a *consciência do dever*, consistindo principalmente em promovê-los, instruindo-os e capacitando-os profissionalmente para os tornar operários competentes e úteis à sociedade.

Os educadores Salesianos que, enfrentando muitos obstáculos, conseguiram afirmar-se de forma significativa na sociedade portuguesa pela educação e qualificação técnica que proporcionaram a centenas de operários.

“As escolas profissionais, foram a grande realização dos Salesianos no campo do ensino, dando milhares de indivíduos altamente qualificados que contribuíram para a valorização dos nossos quadros técnicos.

*Foi tal a projeção deste tipo de ensino que nos informou o Dr. Guilhermino estar o governo na intenção de apresentar uma proposta aos salesianos, referente ao ensino profissional em Portugal.”*⁷⁶

A formação profissional torna-se património da Congregação Salesiana e uma das exigências mais sentidas na sociedade.

⁷⁶ Luís Filipe um testemunho que passou pelas Oficinas de S. José, in *75º Aniversário das Oficinas de São José*, Lisboa, Edição Salesiana, 1982, p. 33.

Com a implantação da República as Oficinas de S. José tiveram de suspender as suas actividades.

O encerramento da escola profissional, representou não só um grande abalo para muitas famílias pobres que nela apostavam, como um golpe doloroso para os Salesianos, que não podiam prosseguir como até aí com o seu projecto educativo.

4. A Revolução de 1910, seus antecedentes e os Salesianos

Durante o interregno das actividades que teve lugar após a implantação da República, interregno que se prolongou até 1920, esta pequena comunidade Salesiana, *muito mal acomodada na casa das máquinas*, além de velar pela conservação do imóvel, desenvolveu actividades pastorais diversas ao serviço da paróquia de Santa Isabel, especialmente no campo da assistência a pobres e doentes e na animação da Capela de Nossa Senhora das Dores, à Rua do Patrocínio, a qual se tornou um centro de culto, catequese e espiritualidade.

Desmantelada a comunidade das Oficinas de S. José, colocava-se o problema de saber qual o destino do edifício, dado que o encerramento de todas as casas e estabelecimentos dos religiosos implicava a expropriação dos seus bens por parte do Estado.

No quadro das tensões sociais da época interessa-nos aqui apenas indicar aquela que se prende com a questão religiosa. Como as demais ordens e congregações que se foram fixando discretamente em Portugal na segunda metade do século XIX e no início do século XX, a Congregação Salesiana sentiu-se atingida pelas campanhas anticlericais e anticongreganistas da época.

Na última década do século XIX, os institutos religiosos haviam tido em Portugal um desenvolvimento considerável. O seu prestígio fora crescendo,

pelas obras de beneficência em asilos⁷⁷, hospitais e outros estabelecimentos de caridade, pela acção educativa em inúmeros colégios e pela acção missionária prosseguida no Ultramar, principalmente em Angola e em Moçambique.⁷⁸

Todavia, a história das ordens religiosas ao longo do século XIX foi também pautada por algumas perseguições e surgimento de sentimentos de intolerância para com estas. Com efeito, neste período assistiu-se ao nascimento de um sentimento anticlerical fomentado no quadro da implementação de alguns novos regimes liberais, que, em vez de incentivarem uma eventual reforma das ordens religiosas, optou por patrocinar a sua extinção.

Esta política anticatólica do Estado Liberal, desenvolvida pela ideologia laicista que após a Revolução Francesa se desenvolveu por toda a Europa, provocou em 1833, o corte de relações do Estado Português com a Santa Sé, que só em 1841 vieram a ser reatadas. Mesmo assim a normalização das relações entre Estado e Igreja não permitiu o restabelecimento imediato das congregações religiosas, posição que afetou profundamente a instrução popular.

Em Portugal esta política anticlerical e a política anticongreganista, deve avanços e recuos ao longo da década de 1820 e primeiros anos de década seguinte, culminando com o decreto de Joaquim António de Aguiar, de 28 de Maio de 1834, extinguindo em Portugal todos os conventos, mosteiros,

⁷⁷ Desde 1834, os asilos nas suas diversas modalidades, representavam uma das grandes realizações dos governos liberais, no campo assistencial, verificando-se uma verdadeira proliferação destas instituições a partir de meados do séc. XIX, sobretudo no respeitante à infância desvalida. De todas as obras que os salesianos fundaram ou cuja direcção assumiram em Portugal, a do Estoril, "*Asilo de Santo António do Estoril*", foi a única designada com o nome de asilo. Vide Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, p. 196.

⁷⁸ No dia 1 de Fevereiro de 1907, Sexta-feira, partiram para a ilha de Moçambique o primeiro grupo de missionários da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, para tomar conta da Escola de Artes e Ofícios de Moçambique. Foi com a aceitação da obra de Moçambique que a província portuguesa se lançou decididamente na aventura missionária. Idem, *ibidem*, p. 74.

colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as Ordens Regulares, fosse qual fosse a sua denominação, instituto ou regra.⁷⁹

Esta situação manteve-se, apesar do restabelecimento das relações com a Santa Sé em 1841 e da Concordata de 1848, a qual previa que o Governo Português não impediria as profissões religiosas.

O anticongregacionismo foi uma constante em plena crise nacional provocada pelo Ultimato Inglês em 1890 e pelo 31 de Janeiro de 1891 - revolta para instaurar a República, desencadeada na cidade do Porto que não teve sucesso.

Era uma realidade incontestável esta hostilidade contra as ordens religiosas, fomentada por alguns sectores da população e pelos principais órgãos da imprensa diária da época, estes últimos relatando determinados acontecimentos que classificavam como “escandalosos”, aproveitando os factos para procurar denegrir a imagem da Igreja, como foram os casos de Sara Matos, em Lisboa em 1891:

“Educanda com 14 anos do recolhimento das Trinas, Lisboa, adoecera gravemente e veio a falecer em 1891 em resultado de um erro na medicação, aplicada por uma religiosa da comunidade. A imprensa espalhou logo a notícia de que tinha sido envenenada pelas freiras, surgindo manifestações populares contra as instituições religiosas”.⁸⁰

E o de Rosa Calmon, no Porto, em 1901:

“Filha do Cônsul do Brasil no Porto, de 32 anos decidira tornar-se religiosa contra a vontade dos pais. A 17 de Fevereiro de 1901, ao sair

⁷⁹ Vide António de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Vol. II, Lisboa, Palas Editores, 1977. Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco, *Ordens e Congregações Religiosas no Contexto da I República*, Lisboa, Gradiva Publicações, 2010.

⁸⁰ Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, p. 209.

da missa com a família, tentou fugir, num carro previamente combinado para esse fim. O pai, ao aperceber-se do facto, deu o alarme, plano desfeito, protestos contra padres e freiras.»⁸¹

Ambos os eventos foram utilizados pela imprensa e pela propaganda política anti-religiosa e republicana como denúncia da influência negativa exercida pelas forças clericais na sociedade portuguesa, alimentando uma atitude de rejeição às formas de ser e estar da Igreja e de combate aos valores veiculados pelas suas instituições.

Na sequência das violentas manifestações anticongreganistas, foram fortemente reclamadas medidas severas contra os infractores do decreto de Joaquim António de Aguiar de 1834 a que anteriormente fizemos referência.

As medidas de compromisso tomadas pelo Chefe do Governo, Hintze Ribeiro, foram no sentido de, por decreto de 18 de Abril de 1901, autorizar apenas a presença e acção dos institutos dedicados à beneficência, educação e missões, mandando fechar as casas que não correspondessem a estes requisitos. Muitas casas religiosas foram assim fechadas.

Todavia, a sociedade Salesiana aproveitou a excepção prevista no referido decreto em virtude da sua natureza beneficente e educacional. Com efeito, essa sua natureza encontra-se evidenciada nos respectivos estatutos, aprovados pela portaria de 18 de Outubro de 1901, nos termos que a seguir se transcrevem:

«Sua Majestade El-Rei, a quem foram presentes os estatutos por que pretende reger-se a associação denominada, Pia Sociedade de S. Francisco de Sales, há por bem conceder-lhes a sua aprovação, com a expressa cláusula de que lhes será retirada logo que deixem de ser devidamente cumpridas».

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 209.

Vêm mencionados logo a seguir os estatutos, compreendendo 17 artigos. Os dois primeiros dizem o seguinte:

«Artigo 1º. A associação “PIA Sociedade de S. Francisco de Sales” constitui-se como associação de carácter religioso, nos termos das leis do país. Como tal tem por fim manter, observar e proteger a Religião Católica Apostólica Romana, que é a religião do Estado (...).

Artigo 2º. A associação destina-se à educação profissional e gratuita de crianças pobres e abandonadas do sexo masculino, por meio de escolas de artes e ofícios, colónias agrícolas, externatos e outros meios análogos...»⁸²

Para poderem continuar a sua acção num ambiente político e social hostil, os Salesianos tiveram de se transformar em associação religiosa devido ao facto do Decreto de 18 de Abril de 1901 obrigar as Ordens Religiosas existentes a transformarem-se em associações dessa natureza. Com efeito, a partir daquele Decreto e por virtude do nele disposto registaram-se 56 associações religiosas no período compreendido entre 1901 e 1910.⁸³

Com a implantação da Primeira República em 1910 teve lugar um novo incremento de iniciativas anticlericais, assistindo-se neste período à expulsão do País de algumas ordens religiosas, com apropriação pelo Estado do seu património.

Inicia-se então, uma vez mais, um período de perseguição e intolerância, por parte do Ministério Teixeira de Sousa⁸⁴, com o restabelecimento da

⁸² Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, p. 211.

⁸³ Idem, *ibidem*, pp.211-212. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6363.pdf> Consultado em junho de 2011. Cf. Amador Anjos, “Salesianos”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Vol. P-V, Apêndices casais de Mem Martins, Rio de Mouro, Círculo de Leitores e Centro de estudos de Historia Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 150-151.

⁸⁴ António Teixeira de Sousa, (5 de Maio de 1857 – 5 de Junho de 1917), Médico e Político, foi o último Presidente do Concelho da Monarquia Constitucional Portuguesa, sendo deposto pela Revolução de 5 de Outubro de 1910. Vide Teixeira de Sousa, *Para História da Revolução Vol.*

legislação pombalina referente à expulsão dos jesuítas e de Joaquim António de Aguiar referente a extinção das casas religiosas.

No entanto, cumpre reconhecer que, com o decorrer do tempo, a perseguição à Igreja perdeu alguma da força que caracterizara os primeiros anos da República. De facto, em 1914, o Chefe de Governo, Bernardino Machado, pronunciou-se pela primeira vez, a favor de um entendimento com a Igreja.

Por outro lado, a primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a intervenção de Portugal neste conflito (1916), fez crescer a necessidade de prestação de assistência espiritual e religiosa aos militares em campanha, atenuando assim substancialmente a *questão religiosa*. Ademais, as aparições de Fátima de 1917, muito contribuíram para o extraordinário renascimento da devoção Mariana em Portugal.

O *Sidonismo* - 1917-1918 - trouxe finalmente a paz à Igreja portuguesa. Com efeito, Sidónio Pais⁸⁵ desejava pacificar o País e acabar com as perseguições contra a Igreja. É no decurso do seu governo, em Julho de 1918, que teve lugar o restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé.

Com a entrada de Portugal na primeira Guerra Mundial, o edifício das Oficinas de S. José foi requisitado pelo Governo em 17 de setembro de 1917, primeiro como centro hospitalar militar e posteriormente, como quartel do Batalhão de Sapadores dos Caminhos-de-ferro.

I, Coimbra, Editora Moura Marques e Paraísos, 1912. António de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Vol. II, Lisboa, Palas Editores, 1977.

⁸⁵ Professor em Coimbra, Comandante do Exército, republicano por convicção. Depois da implantação da República desempenhou vários cargos políticos. Deputado, Ministro do Fomento no Governo de João Chagas, Ministro das Finanças no Governo de Augusto de Vasconcelos e Ministro de Portugal em Berlim, onde fica de 1912 a 1916, regressando a Portugal a 9 de Março de 1916, devido ao facto da Alemanha declarar guerra a Portugal (1ª Guerra Mundial). Foi breve o consulado de Sidónio Pais pelo seu trágico fim em 1918, assassinado na estação do Rossio quando se dirigia para o Porto. http://www.vidaslusofonas.pt/sidonio_pais.htm. Consultado em Junho de 2011.

Em 1920 foi restituído o referido edifício aos seus proprietários, a quem o Ministério da Guerra atribuiu o montante de 16.356\$00, a título de compensação pecuniária pelos danos causados durante o tempo da ocupação militar, com a promessa de que poderiam abrir a instituição. Assim, em Novembro de 1920 deu-se a reabertura das Oficinas de S. José.

Deve-se aos Salesianos, Francisco Leite Pereira⁸⁶ e Pedro Morais⁸⁷, o restituir à casa a dignidade anteriormente perdida. Através de um esforço enorme no trabalho de limpeza, no conserto de portas e janelas, carteiras e bancos, nos cuidados de manutenção, aulas, acompanhamento dos alunos nas horas de recreio, atendimento dos pais ou substitutos, tudo orientado e feito por eles, uma vez que não havia dinheiro para pagar a empregados.

Também com o Padre Pedro Morais, com o seu talento de maestro, restabeleceu-se a tradição musical das Oficinas de São José, preparando um grupo de pequenos cantores.

Iniciou-se, então, o ano letivo com apenas 7 alunos da 1ª classe, número que foi aumentando ao longo do ano. Durante vários anos não foi possível ir além da instrução primária e do externato. Contudo, o número de alunos foi crescendo e por volta do ano de 1930 atingiu os 200.⁸⁸

Em relação ao ensino da doutrina cristã, ainda proibido em todas as escolas pela legislação em vigor, era aplicado em tom de brincadeira durante

⁸⁶ Figura notável de salesiano e missionário. A Revolução de 1910 obriga-o a concluir os estudos teológicos em Itália e Espanha sendo ordenado presbítero em Sevilha em 1919. Trabalhou em Lisboa, 1912-13, 1920-26; Évora, como superior, 1927-41; Cabo Verde, como superior, 1943-50; Moçambique, 1952-71; Évora de novo 1971-74. Évora ficou a dever imenso à ação apostólica deste homem de extraordinária bondade. Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edições Salesianas, p. 147.

⁸⁷ Pedro Morais: Lisboa, 26.11 1884 - Lisboa, 24.10 1975. A vida deste salesiano, também notável, encontra-se repartida por muitas paragens, dentro e fora de Portugal. Foi sobretudo em Évora que, durante trinta e dois anos, desenvolveu as mais variadas atividades, principalmente a de mestre de música. Sentia-se à vontade nas mais variadas áreas com destaque para a música. Idem, *ibidem*, p. 147-158.

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 148.

os recreios, contando com o auxílio de um grupo de senhoras dedicadas à casa. Também em relação ao ensino técnico-profissional em regime de internato tal como funcionava antes da implantação da República, foi necessário o seu relançamento, sendo fundamental a recuperação e reapetrechamento das oficinas, que tinham sido transformadas em caserna com a ocupação militar.

Até Dezembro de 1923 não houve nenhum aluno interno. As oficinas estavam fechadas, muito material tinha desaparecido e o restante estava em muito mau estado. Mas não eram só as condições degradadas da casa e das oficinas, havia também falta de pessoal suficiente e preparado para assumir responsabilidades decorrentes dos novos compromissos.

De facto, a comunidade das Oficinas de S. José só a partir de 1930 é que registou um aumento significativo de pessoal, passando de seis, oito elementos entre 1925/29, para doze em 1930/31, e quase duplicando este em 1932: vinte e dois efetivos, seis sacerdotes, seis escolásticos e onze irmãos leigos⁸⁹. Quanto às outras casas estas continuavam a funcionar com uma notória falta de pessoal.

Apesar da precária situação material, ia crescendo os pedidos de internamento, e a partir de 9 de Fevereiro de 1924, o estabelecimento começa a admitir os primeiros internos, como consta na crónica do Padre Luís Maffini⁹⁰:

9 de Fevereiro, «*Sendo tantas já as insistências para começarmos o internato (...), confiados na Providência decidiu-se começar, e assim é hoje admitido o primeiro aluno interno, Carlos Freitas dos Santos, órfão de pai e mãe e completamente desamparado*»

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 151.

⁹⁰ Luís Maffini: Itália, 27.8.1875 – Porto, 31.1.1965. Fez o estágio e simultaneamente os estudos teológicos em Braga. Ordenado presbítero em 1903, em Lisboa, é-lhe confiada logo no ano seguinte a direção da Oficina de Viana do Castelo, 1904-1910. Repatriado em 1910 por causa da revolução, encontram-no de novo em Portugal a partir de 1923. E em Portugal permaneceu até ao fim dos seus dias, passando pela direção das Oficinas de S. José de Lisboa, 1923-27. Idem, *ibidem*, p. 152.

15 de Fevereiro. «*Hoje é admitido o segundo aluno interno, Francisco da Silva Basquinho, completamente desamparado e em graves perigos morais*». ⁹¹

Havia centenas de pedidos. Contudo as falhas internas eram imensas, a falta de pessoal continuava a ser enorme, dificultando a entrada de mais alunos, avançando-se muito pouco neste campo para corresponder às necessidades. No ano letivo de 1925/26 há já registo de 36 alunos internos. Assim, como também é já salientado o apreço do público pelas Oficinas de S. José. Um Ministro da Justiça chegou a mandar por duas vezes perguntar se os salesianos estavam dispostos a receber alunos que o Estado queria confiar.

Desta forma a actividade das Oficinas de S. José foi-se revigorando. No referido ano de 1926 chegou de Itália o irmão leigo Aquiles Marchetti para activar a secção de artes gráficas.

Aquiles Marchetti, foi um dos mais notáveis profissionais da escola técnica salesiana de Lisboa. Este irmão leigo, distinto tipógrafo, durante trinta e três anos, graças à sua competência e dinamismo, a secção das artes gráficas das Oficinas de S. José, retomou o nível que a tinha distinguido antes de 1910. Em 1959 é chamado a instalar no Porto uma tipografia para a formação dos futuros mestres salesianos. Deixou-nos um valioso Manual, “*O impressor tipográfico*”, em 5 volumes editados entre 1951 e 1973. Passa os últimos anos de vida na comunidade salesiana de Arouca. ⁹²

Sob o aspecto prático, as oficinas iam muito bem com bastante trabalho. Já a parte escolar, precisaria de mais tempo para se organizar.

⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 153.

⁹² Idem, *ibidem*, p. 157. *Boletim Salesiano*, Nº 254, *Aniversário da Chegada dos Salesianos a Portugal*, Novembro/Dezembro de 1969, p. 25.

A mudança de regime político entretanto ocorrida em 1926 veio dar início a um novo período de progressiva ascensão da presença dos institutos religiosos em Portugal. Com o Estado Novo assiste-se um novo regresso das ordens expulsas, nomeadamente dos Jesuítas, Franciscanos e Dominicanos.

Também em março de 1927 foram retomadas uma das atividades mais expressivas das Oficinas, a banda de música conduzida pelo Padre Pedro Morais, que já dirigia com êxito a “*schola Cantorum*”.

A expansão das diversas secções oficiais conduziu a um aumento de alunos internos, passando para 91 alunos e os externos para 138. Continuando a subir o número de alunos internos, verifica-se que no ano letivo de 1932/33, eram já 128 alunos e 134 alunos no ano letivo de 1933/34.

Para a grande maioria destes alunos a frequência era gratuita, o que revela a sua modesta origem. Eram provenientes de todo o País, incluindo os Açores, Angola, Moçambique, Argentina, Espanha, Zaire e EUA.

É sobretudo a partir da década de 30 do século passado, que aumenta consideravelmente o número de mestres qualificados, contribuindo para o desenvolvimento das diversas secções oficiais. Já muito bem encaminhadas as artes gráficas (composição, impressão e encadernação) foi também possível fomentar as outras oficinas, com destaque para a *marcenaria*, a quem foram atribuídas novas instalações.

O período que vai de 1927 a 1931 corresponde a um período de alguma instabilidade diretiva, o que, contudo, não terá afetado adversamente o evoluir positivo da instituição atenta à competência dos mestres de oficina.

Este período de quatro anos de instabilidade é atribuído ao Padre Paulo Consolini, que assumiu a direcção das Oficinas de S. José em 1927 e permaneceu no cargo até Agosto de 1929, em virtude dos problemas que criou com a sua forma de atuar. Preocupado em ter um grupo coral de alto nível, ocupava demasiado tempo os cantores com ensaios e

exibições, o que indispunha os mestres das oficinas que viam os alunos faltar com frequência ao trabalho.

Também os atritos constantes com o novo provincial, Padre Estêvão Giorgi, chegado em Novembro de 1928, determinam a saída do Padre Consolini no fim do ano escolar.

O Padre Giorgi assume a direcção das Oficinas de S. José agravando assim a responsabilidade que lhe advinha do cargo de diretor, a falta de pessoal e o desconhecimento da língua tornaram-lhe difícil a tarefa.

Perante a situação de insucesso do Padre Giorgi, os superiores maiores pensaram no Padre Pedro Rota para lhe suceder, homem de grande valor. Conheceu bem a realidade precária dos salesianos em Portugal, aquando da sua visita extraordinária em 1928.

O Padre Pedro Rota desempenhou as funções de superior das casas de Portugal em 1930; italiano, trabalhou muitos anos no Brasil, defendia a ideia da admissão de alunos pensionistas da classe média, de famílias bem constituídas. Uma vez que os alunos internos eram todos órfãos ou abandonados, recomendados por benfeitores que contribuíam escassamente para a sua manutenção, os externos eram todos gratuitos e os aprendizes não conseguiam produzir o suficiente, permitindo ir vivendo com muita economia. Ora, o seu objectivo era de dar um maior desenvolvimento à obra salesiana não descurando os vários aspectos da acção educacional salesiana.

Vitimado por uma doença passado ano e meio, não lhe foi possível concretizar as suas ideias, e os que lhe sucederam acabaram por manter o que estava. Ficou a dever-se-lhe o lançamento da associação dos antigos alunos Salesianos de Lisboa e ainda a comemoração festiva, em Portugal, da beatificação de D. Bosco.

Mas é também a década de 30 do século passado que marca a 2ª etapa de desenvolvimento das Oficinas de S. José, após aquele interregno, devendo-se, sobretudo, a determinados factores: a uma maior estabilidade na direcção

por parte do Padre Ângelo Semplici (permaneceu no cargo de 1931-1935)⁹³, e ao seu espírito empreendedor, à intervenção de alguns mestres qualificados vindos de Itália e a uma série de ajudas excepcionais em benefício da instituição, a destacar:

1931 - O industrial lisbonense José Serra, deixou em testamento um donativo de 50.000\$00 para estas Oficinas;

1931 - A lotaria organizada pelo Padre Semplici e pela comissão de senhoras, da qual fazia parte a Duquesa de Palmela, angariou receitas no montante 38.050\$00;

1932 - Por morte do Marquês de Mendia, benfeitor desta casa, a família entregou ao Diretor 100.000\$00 para as Oficinas;

1932 - A festa realizada no dia 26 de Novembro, no Politeama, a favor das Oficinas, que rendeu 10.000\$00;

1932 - Com a morte do grande proprietário Pedro Gomes da Silva, a sua fortuna foi distribuída pelas casas de caridade de Lisboa, sendo contempladas as Oficinas com 250.000\$00, que foi empregue em obras na casa, sobretudo na construção de um ala de dois pisos, a qual foi baptizada com o nome de "*Pavilhão Pedro Gomes da Silva*".⁹⁴

Graças a estes donativos e contribuições, tornou-se possível melhorar claramente as instalações dos dois sectores oficiais mais importantes da escola: as *artes gráficas* e a *marcenaria*. A modernização da maquinaria,

⁹³ Em 1935 o Padre Ângelo Semplici, muito considerado também entre os benfeitores, esteve na iminência de ser transferido de Lisboa para Itália. Tendo-se apercebido do que podia acontecer, a duquesa de Palmela (benfeitora nº 1 das Oficinas de S. José) rapidamente dirigiu-se ao Provincial, padre Hermenegildo Carrá, que, se tal acontecesse, ela e as outras senhoras da Associação protetora do estabelecimento afastar-se-iam por completo dos salesianos. A ameaça surtiu efeito e o Padre Ângelo continuou em Lisboa. Vide Amador Anjos, *Oficinas de S. José, Os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edições Salesianas, p. 218.

⁹⁴ Idem, *ibidem*, p. 171-172.

equipamentos e instalações trouxe assim progresso à Escola Salesiana de Lisboa.

A este conjunto de situações favoráveis está também ligada a constituição da “*Associação Auxiliadora das Oficinas de S. José*”, fundada em 1930, por um grupo de pessoas da aristocracia de então, que a representaram perante o Estado, promovendo também a angariação de fundos através de diversas iniciativas: festas, quermesses, concertos.

Esta *Associação Auxiliadora*, substitui a “*Associação Protectora das Oficinas de S. José*” instituída em 1890, conforme o exposto no ofício de 28 de maio de 1930 e enviado ao então Governador Civil de Lisboa:

«As signatárias, representando a assembleia geral da “*Associação Protetora de Asilos e Oficinas para Crianças do Sexo Masculino*”, em estatutos aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa de 24 de Dezembro de 1890, vêm perante V.Ex^a expor e requerer o seguinte:

Devido ao grande desenvolvimento que têm tido as Oficinas de S. José, que hoje constituem em Lisboa um centro importantíssimo de ensino técnico profissional e educação para as crianças pobres, a associação que as signatárias representam tem hoje a sua ação concentrada no auxílio a essa obra tão benemérita.

No sentido de a tornar mais eficaz, a assembleia geral resolveu fazer a reforma dos estatutos, pondo também a sua denominação em harmonia com os factos, passando a chamar-se “*Associação Auxiliadora das Oficinas de S. José*”.⁹⁵

O ano de 1939 foi um ano festivo para as Oficinas de S. José de Lisboa. A data de 27 de Março, ficará para sempre gravada nos Anais da Província Portuguesa Salesiana, em que as Oficinas foram visitadas pelo Presidente da

⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 186.

República, o General Carmona, e de a Instituição ter sido condecorada com a *Comenda da Ordem da Instrução*, homenagens a que também assistiu o Ministro da Educação de então, o Dr. Carneiro Pacheco.

Também o Chefe do Estado teve a possibilidade de condecorar com a Grã-Cruz da Ordem da Benemerência a Senhora Duquesa de Palmela pelas suas virtudes e auxílio que prestou à Sociedade Salesiana.

A imprensa de Lisboa deu grande relevo a esse acontecimento e alguns jornais, como as “*Novidades*” e “*A Voz*”, noticiaram na primeira página das suas edições a visita Presidencial às Oficinas de S. José.

*“As Oficinas de São José, no panorama da vida social portuguesa e até de todo o Mundo, não diremos uma experiência incerta nos seus resultados, mas uma antecipação definida e segura que desde a primeira hora se impôs à admiração de todos pela confiança e aprumo com que realiza o seu ideal de bem-fazer e de bem servir. Tiveram o seu início no século XIX, num período revolto da história – Apesar das convulsões sociais em que nasceram, conseguiram um lugar inconfundível na vanguarda das realizações sociais”.*⁹⁶

Sem outros recursos que não fossem os da caridade de benfeitores generosos e dedicados, nas Oficinas funcionaram permanentemente, além do curso elementar, cursos de ensino técnico-profissional, compreendendo tipógrafos (compositores e impressores), encadernadores, marceneiros, sapateiros e alfaiates. As Oficinas de S. José afirmaram-se assim como uma realização admirável que vivendo, exclusivamente dos recursos da caridade particular, conseguiam resultados assinaláveis.

⁹⁶ Francisco de Assis Oliveira Martins, *Breve História da Obra Salesiana em Portugal*, Lisboa, Edição Salesiana, 1942, p. 34.

Na década de 40 do século passado, considerada como um período de transição, é introduzida uma nova secção nas Oficinas de S. José, o *curso comercial* ao nível do externato, sem sair do âmbito do ensino técnico. Mais tarde este curso comercial viria a estender-se também aos alunos em regime de internato que até aí só tinham acesso ao *curso industrial*.

Ao longo desta década alargou-se o leque de artes e ofícios, que até aí estava restringido ao quadro dos *gráficos, marceneiros, sapateiros e alfaiates*. Assim, em 1945 – surge o *montador eletricista e serralheiro*, em 1948 - *entalhador*, em 1955 – *eletromecânico* e em 1956 - *encadernador-dourador*.

Com as contínuas reformas do ensino, foram-se adaptando os programas às novas modalidades introduzidas: em 1962 - o *Ciclo Preparatório*, em 1963 – o *Curso Liceal* para os externos, em substituição do *Curso Comercial*.

O alargamento gradual ao ensino liceal nas escolas salesianas vem coincidir com a crise no ensino técnico no nosso país. Eram poucas as escolas técnico-profissionais que podiam enfrentar os novos desafios no sentido de uma modernização adequada. As grandes empresas fabris eram cada vez mais exigentes na mão-de-obra qualificada. As Oficinas de S. José fizeram um esforço no sentido de dar resposta a essas novas necessidades, particularmente no domínio das artes gráficas.

O facto é que por volta dos anos 70 do século passado muitos dos alunos que terminavam o curso técnico e adquiriam a sua carteira profissional, acabavam por ingressar no liceu, sujeitando-se a refazer o currículo escolar, uma vez que não lhes eram reconhecidos os estudos realizados.

A reforma de Veiga Simão planeada em 1969, anunciando a unificação do ensino, tornou difícil a continuação das escolas técnicas nos moldes em que estavam.

A Revolução de 25 de Abril de 1974 precipitou os acontecimentos, não dando aos Salesianos a possibilidade de tentar alguma forma de adaptação ao novo quadro do ensino no contexto nacional. Os Salesianos pensaram que só podiam continuar a sua presença educativa no país focalizando-se como estabelecimentos do tipo colegial.

Contudo, o funcionamento das diversas oficinas começou a ressentir-se logo após o 25 de Abril de 1974, com o movimento reivindicativo dos operários, que ali trabalhavam.

O estabelecimento das Oficinas de S. José, a partir de 1977, nada tinha a ver com o passado de escola profissional, apenas o nome figurava em honra desse tempo ligado às artes e ofícios, passando a designar-se “*Colégio Oficinas de S. José*” e a funcionar como externato para alunos do ensino secundário, em simultaneidade com o ensino básico.

Em função do novo tipo de ensino, a estrutura interna do edifício teve de ser modificada, operando-se a transformação das camaratas e oficinas em salas de aula. Assistiu-se, simultaneamente a um aumento considerável de alunos, passando a funcionar como estabelecimento de educação mista. Passou a predominar uma população estudantil proveniente da classe média, ao contrário do que antes se verificava, em que o estabelecimento estava vocacionado para acolher e educar jovens mais desprotegidos.

Esta evolução na composição da população estudantil tem sido encarada pela Congregação com alguma preocupação, porque não condiz com a natureza da missão traçada pelo Fundador que aponta para a formação da juventude a mais carenciada. De facto, na maior parte dos países em que trabalham, os Salesianos recebem hoje nas suas escolas um número superior de alunos da classe média do que das classes mais desfavorecidas.

Contudo, os factos também revelam que Dom Bosco, apesar de ter mantido sempre no centro das suas preocupações os mais carenciados, não

limitou a estes a sua intervenção educativa, sobretudo a partir de 1860. De facto, foi por essa altura que ele iniciou a abertura de uma série de colégios frequentados por alunos da classe média na sua maioria, sendo levado a isso pela grave conjuntura da laicização do ensino na Itália do *Risorgimento* em que muitas famílias receosas, insistiam com Dom Bosco para que lhes proporcionasse ambientes escolares com uma séria formação moral e religiosa. E Dom Bosco não se mostrou menos sensível perante esta juventude em perigo no campo da moral ou da fé.

No seu Capítulo Geral Especial dos Salesianos, que teve lugar entre 1970-71, a reflexão recaiu no redimensionamento das obras de acordo com a realidade actual do mundo dos mais desfavorecidos. Também em Portugal, em 1933, realizou-se uma assembleia geral com esse propósito. Neste âmbito a recomendação feita pelo Concílio Vaticano II a todos os institutos religiosos foi pedir-lhes que se renovem à luz do espírito que animou o respetivo Fundador e, conseqüentemente, que estejam atentos às transformações profundas da sociedade.

Já a perspectiva do Padre Pedro Rota mencionada anteriormente, considerava um alargamento do *projecto educativo Salesiano* no nosso país, propugnando a abertura das portas ao ensino liceal e à classe média. Daqui resultaria uma melhoria da situação económica, uma maior possibilidade de vocações e um maior empenhamento na preparação dos educadores, tendo em conta o nível mais elevado de grande parte dos educandos. Aliás, não foi outra a visão de Dom Bosco ao introduzir no seu primeiro internato de Turim a secção de estudantes pensionistas.

O que importa não perder de vista é a sua identidade, os Salesianos acolhem a juventude, se entre eles predominam os da classe média ou os das classes mais humildes e desfavorecidas, não parece que dentro do devido equilíbrio, constitua um problema. Este sim existiria se o *projecto educativo*

excluísse das suas preocupações e dos seus cuidados os pobres e os que se encontram em situação de risco.

De qualquer modo, o contributo dado pelos Salesianos no âmbito do ensino profissional foi, sem dúvida, significativo. Os rapazes educados nestas escolas saíam geralmente com o sentimento de enriquecimento moral e com a consciência de serem úteis em relação à família e à sociedade em geral.

“A solução dos problemas sociais e profissionais está na abertura de muitas escolas destas, afirmou Sua Exa o Sr. Almirante Américo Tomás na honrosa visita a este estabelecimento de educação e assistência, em 6 de Novembro de 1958”.⁹⁷

Valores como a *honra*, a *disciplina*, o *amor ao trabalho* eram constantemente incutidos de forma a torná-los bons operários e honrados cidadãos.

Foi por toda esta influência benéfica de um conjunto de homens bons que *ensinaram*, *educaram* e *acarinham* tantos jovens nossos que é atribuído aos Salesianos um lugar de destaque na história da educação em Portugal.

5. Contribuição Salesiana para o desenvolvimento do País e para a humanização da cidade de Lisboa

O projecto educativo dos Salesianos foi bem acolhido pela comunidade em que se inseriram, para o que terá contribuído o seu papel junto dos jovens, a sua dimensão de promoção social e contributo para o desenvolvimento socioeconómico e político das camadas mais carenciadas da população.

⁹⁷ *Dom Bosco no Mundo*, Lisboa, Edições Salesianas, 1960, p. 234.

O seu projeto pedagógico apresentou atractividade perante a população, funcionando como uma resposta às circunstâncias da vida da população e das suas aspirações espirituais e humanas.

O elevado número de pessoas não alfabetizadas⁹⁸ dificultava o progresso e a modernização do País. Foi manifesto o contributo dos Salesianos no alargamento da alfabetização entre as classes mais humildes da sociedade portuguesa.

“Em 1880 a taxa de analfabetismo, entre os trabalhadores portugueses e nas camadas populares em geral, rondava os 75 a 80%, a qual se mantém praticamente inalterável até 1910. Em 1920 descerá apenas para os 70%. Não faltava quem considerasse esta situação “a grande vergonha nacional”.

Ora, a intervenção educativa dos salesianos no nosso país, como observa Manuel Braga da Cruz, contribuiu significativamente para elevar o grau de instrução do nosso operariado, que era então afetado por uma das taxas mais altas de analfabetismo da Europa.”⁹⁹

Paralelamente ao ensino nas respectivas escolas, e geralmente nos seus anexos, os Salesianos foram incrementando os *oratórios festivos*, que tinham a vantagem de atingir faixas muito mais alargadas de crianças e jovens e de exercer através deles uma influência moralizadora nas respetivas famílias e no meio ambiente. Neste âmbito, foi particularmente notável a dimensão moral, religiosa e cívica desenvolvida pelos oratórios de Braga, Évora e Lisboa,

⁹⁸ Portugal foi, em 1835, o quarto país do mundo a consagrar em lei o princípio da escolaridade obrigatória, retomado em 1844 e associado, desde essa data, a penalizações cívicas e monetárias a pais, estudantes (a aplicar quando adultos) e autoridades locais que não providenciassem a frequência à escola. No plano legislativo, Portugal, mais do que os outros países do Sul da Europa, apresenta uma notável precocidade. Mas a realidade escolar apresentou-se completamente distinta: no princípio do século XX, a taxa de inscrições no ensino primário era de 22,1% e, trinta anos mais tarde, em 1930, era ainda de apenas 37,7%. Vide <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n10/n10a02.pdf>. Consultado em Junho de 2011.

⁹⁹ Amador Anjos, *Primeira presença dos Salesianos em Portugal, 1894-1910*, Lisboa, Edição Salesiana, 2000, p. 25.

funcionando nesta última cidade, antes da República, três oratórios (Pinheiro de Cima, nas Laranjeiras, S. Vicente de Fora e Prazeres), cujo influxo se estendeu aos diversos bairros entre os mais degradados da capital.

O Padre Henrique Ferreira, ainda estudante, que trabalhou no Oratório do Pinheiro, refere que os seus frequentadores vinham das Laranjeiras, de Sete Rios, S. Sebastião da Pedreira, Campolide, Benfica, Areeiro, Arroios e Queluz, e que pelo seu comportamento, “*mais pareciam selvagens do que gente civilizada*”.¹⁰⁰

“Mas o clima religioso e familiar que aí reinava foi pouco e pouco modificando esses indivíduos rudes, de modo a que mais tarde pudessem ocupar um lugar digno na sociedade. É a um tal clima de família que se refere com saudade o primeiro frequentador deste oratório (Emílio Santos), numa carta dirigida ao Pe. Pedro Cogliolo em 1927: «*Sr. Pe. Pedro, eu sou o primeiro aluno do oratório festivo do Pinheiro (...), Lembro com bastante saudade os belos dias que passámos naquela saudosa casa do pinheiro, a alegria sincera que então reinava e o carinho afetuoso que nos ligava como em uma só família*»”.¹⁰¹

Por outro lado, a frequência da escola não deixava os próprios jovens indiferentes, como atestam os dois testemunhos que aqui seguidamente apresentamos, valorizando o tempo passado na Escola Salesiana, fazendo menção das saudades dos seus antigos professores e reconhecendo que a Casa onde foram formados contribuiu para, à maneira de Dom Bosco, se formarem como bons cristãos e honrados cidadãos.

¹⁰⁰ Congresso de Pedagogia Juvenil, *Uma Educação para o século XXI*, Centro Cultural de Belém, Edição Salesiana, p. 134.

¹⁰¹ Amador Anjos, *Centenário da obra Salesiana em Portugal, 1894-1994*, Lisboa, Edição Salesiana, 1995, p. 71.

Há 8 anos que eu estudo nesta escola. Se eu pudesse voltar atrás, e repetir esses 8 anos, eu tá-lo-ia porque muitos dos melhores momentos da minha vida foram aqui passados; porque, penso eu, fui educado pelo sistema de D. Bosco. O que mais me "prende" deste "sistema" é que ele se baseia na amizade e na alegria.

Sinto que esta escola não é somente um pavilhão de salas onde eu venho às aulas; é a minha segunda casa, um sítio onde eu passei metade da minha vida. Comparando com os Liceus Oficiais, a fundamental diferença, é a "impessoalidade" dos Liceus. Quase ninguém se conhece, porque o Liceu é um edifício que se pode comparar com uma linha de montagem: entram pessoas sem conhecimentos, saem pessoas com conhecimentos. Mais nada. Na Escola Salesiana eu não só aprendi Matemática e Português, mas também como conviver, e no futuro, como encará-lo numa boa perspectiva. Como católico, devo muito da minha educação Cristã à Escola. Muitas das minhas dúvidas, impossíveis de esclarecer com os meus pais, foram esclarecidas neste colégio. Por isso é com muita pena que eu vou deixá-lo no final deste ano.

Patrick d'Orey — 12.º Ano
Aluno da Escola Salesiana do Estoril

Textos 1 e 2 – Testemunhos.

Sentia-me muito bem naquela Escola: o ambiente era diferente, não só pela alegria, mas também pelo amor, carinho e incitamento constantes que recebia dos Salesianos à parte do ensino obrigatório de curriculum, havia sempre uma palavra amiga e de formação espiritual, de que a oração da manhã e a preparação para as Eucaristias e Festas eram exemplos.

Durante os cinco anos que por lá passei, uma frase houve, de D. Bosco, que me marcou profundamente: o ser-se santo é andar alegre e cumprir bem os nossos deveres. Esta pequena frase foi uma lição que ainda hoje perdura e que os Salesianos, melhor do que ninguém, a souberam transmitir e ajudaram-me a tê-la sempre presente na minha vida.

Gerardo Patricio Teixeira Freitas — Aluno do 5.º ano de Medicina Dentária no Porto
A. Aluno da Escola Salesiana do Funchal

Fonte: Filinto Martins e Manuel Santos, O Sucesso de um Sistema, Porto, Edição dos Autores, 1989, p. 56, 59.

No que respeita ao Oratório anexo às Oficinas de S. José, no Alto dos Prazeres, as pessoas vinham de Campo de Ourique, Fonte Santa e Alcântara. A população destes ambientes, que era pouco instruída e humilde, foi-se transformando pouco a pouco. Para o facto chamou à atenção o escritor Júlio de Castilho num artigo publicado no *Jornal Portugal* em 24 de Março de 1908. Eram zonas da cidade que careciam de amparo espiritual e de formação profissional.

O reconhecimento do seu alcance na humanização e evangelização dos meios populares levaram o Concílio Plenário Português (1926) a mencionar os Oratórios Festivos como uma recomendação fundamental no auxílio aos pais na educação dos filhos.

Quando os Salesianos chegaram a Portugal, empenhados em intervir eficazmente no campo das artes e ofícios, entre nós já havia sido introduzido o ensino profissional. De facto, a sua introdução remonta a um período anterior à revolução liberal, mas é sobretudo com Passos Manuel (1836) e Fontes Pereira de Melo (1852) que este ensino começa a ser encarado a sério pelas autoridades, criando-se para o efeito as primeiras escolas industriais. Outros se seguem - D. António da Costa (1870), António Augusto de Aguiar (1883/84) e Emídio Navarro (1886). De facto, na década de 80 do século XIX assistiu-se entre nós a um significativo crescimento da rede de escolas industriais.

Contudo, apesar de todos os esforços não houve respostas à altura, devido ao desequilíbrio entre a teoria e prática, com desvantagem para a prática, e à reduzida frequência de alunos.

Há que reconhecer que das escolas técnico-profissionais salesianas saíram centenas de operários qualificados. Na formação que lhes era ministrada houve sempre a preocupação de dar o maior espaço à prática oficial, mas de forma que a teoria a acompanhasse e iluminasse convenientemente, através de um adequado programa de cultura geral e formação específica de cada arte.

“Um dos fatores que mais afetou não só a produtividade do trabalho mas também a própria mobilidade profissional e social, no nosso país, nos finais do século XIX, foi a ausência de adestramento profissional especializado. A sua divulgação pelos salesianos em Portugal,

*contribuiu desse modo para o próprio desenvolvimento social da juventude, da economia e da sociedade portuguesa.”*¹⁰²

Uma boa parte do êxito obtido pelas escolas técnicas salesianas terá de se atribuir ao facto de os alunos serem todos internos e disporem das melhores condições para um bom aproveitamento. Com efeito,

- tinham tempo disponível para o estudo e para a prática oficial;
- o regime de internato favorecia outros aspetos importantes da pedagogia praticada por Dom Bosco e deixada por ele aos seus seguidores, como, por exemplo, o cultivo da música e do teatro, como já foi salientado.

Eram estes aspectos, estas actividades lúdico-artísticas, que tinham um grande poder na formação do espírito e na construção da sensibilidade.

Os salesianos preparavam os seus jovens para uma intervenção social mais activa e responsável na sociedade. Através da sua escola / pedagogia havia a intenção de formar cidadãos e promover o seu desenvolvimento moral e cívico com vista ao exercício de uma cidadania responsável.

Estava presente a *formação humana*, rica em elementos morais, e a *formação profissional*, pelos valores técnico-profissionais. Era a sua fórmula de escola profissional: dar aos jovens uma formação cristã, construir, desenvolver virtudes, valores que os preparasse solidamente para agir com responsabilidade e os tornasse aptos para a vida, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e digna do homem. É este humanismo Salesiano presente na ação diária que visa ajudar cada pessoa a encontrar o lugar justo na sociedade.

¹⁰² Amador Anjos, *Oficinas de S. José, os Salesianos em Portugal*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999, p. 238.

Os princípios inspiradores e os traços característicos não mudaram com o evoluir da obra de Dom Bosco, mas as situações sócio educativas e os fenómenos que modificaram a condição juvenil exigem a sua actualização.

O educador salesiano, responsável na sociedade por um serviço, deve adequar-se o mais possível às necessidades concretas dos jovens, deve manter-se em atitude de constante criatividade e entusiasmo, tendo presente, entre outras, as seguintes prioridades:

- Proporcionar um saber, com sentido, exigências e valores, que leve os jovens a tomar consciência dos problemas do mundo de hoje, que os torne sensíveis aos valores emergentes, e que face às justificações que se lhes deparam, sejam construtivamente críticos;
- Inculcar atitudes estáveis na personalidade dos jovens, como a auto-estima, socialização, participação, autonomia, solidariedade, que lhes permitam agir com orientação para a compreensão crítica da realidade e a comunhão solidária com os outros;
- Ajudar os jovens a adquirir as capacidades técnicas e profissionais que os torne competentes e eficazes na acção;
- Orientando no sentido de levar o educando a desenvolver os valores humanos existentes no seu ser, para que este possa interagir de forma integral, participando e agindo, dentro de uma moral responsável, condição indispensável para elevar a moral e espiritualidade dos jovens, proporcionando-lhes o desenvolvimento de uma verdadeira consciência cívica.

“Consideramos a escola como uma mediação cultural privilegiada de educação em que se pode dar uma resposta sistemática às necessidades da idade evolutiva; como uma instância determinante na formação da personalidade, dado que transmite uma concepção do

*mundo, do homem e da história; e como uma das formas mais importantes de promoção humana e prevenção da marginalidade.”*¹⁰³

Os princípios básicos da educação devem levar o indivíduo a desenvolver-se de forma responsável formando assim um *homem moral*, que avalia as consequências dos seus atos, tendo em conta o respeito pelo seu semelhante, cultivando a prática dos Valores Humanos.

Hoje em dia reconhece-se o papel e o valor da escola católica em relação à educação, à cultura e à evangelização. Os Salesianos, como escola confessional católica, procuram não só a formação académica, como também o desenvolvimento da formação humana. O diálogo que se pretende que seja praticado nos seus estabelecimentos de ensino tem a intenção de despertar nos seus alunos uma predisposição à tolerância, à bondade e à solidariedade.

O papel das paróquias, das escolas católicas e a sua missão na construção da sociedade contemporânea (a catequese, a formação moral e cívica e o ensino), favorece o processo de humanização e promoção das pessoas e do meio, desenvolve na comunidade uma atitude de solidariedade e empenhamento perante as situações de pobreza e marginalização, que privilegia a linha educativa, promovendo, em todas as atividades e programas o amadurecimento integral da pessoa.

O projecto educativo dos Salesianos construiu já um percurso próprio e afirmou uma prática. À medida que os tempos se sucederam sobressaiu o realismo da pedagogia salesiana, não ignorando os problemas, colocando-se ao lado dos jovens no seu caminho, onde se confronta com a pobreza que continua a ser uma das suas principais preocupações e que se alastra cada vez mais. Outros fenómenos apareceram na comunidade ou aí assumiram uma diferente dimensão como sucedeu, por exemplo, com o crescimento do

¹⁰³ Pastoral juvenil Salesiana, *Quadro de Referência Fundamental*, Lisboa, Edição Salesiana 1999, p. 75.

desemprego, a desagregação de muitas famílias, a valorização de aspectos materiais associados a uma “*febre*” crescente de consumismo, tudo factores geradores de novas e diferentes carências e motivos de insatisfação para os jovens que impõem novas abordagens no seu processo educativo.

Este novo enquadramento desafia-nos a encontrar respostas renovadas. No mundo salesiano desenvolveram-se entretanto novos ambientes, serviços e obras para procurar responder precisamente a essas necessidades, nomeadamente:

- associações e serviços no âmbito dos *tempos livres*, como desporto, música e teatro;
- voluntariado nas suas diversas formas;
- serviços especializados de formação cristã e animação espiritual (casa de espiritualidade e de retiros);
- programas de animação vocacional (acampamentos escolares vocacionais, centros de acolhimento vocacional, comunidades-propostas).

CAPÍTULO IV Reflexões sobre a Proposta Educativa de Dom Bosco

1. REPENSAR A ESCOLA – Ao encontro de Dom Bosco

Nem sempre a escola consegue responder à resolução de alguns dos problemas com que se confronta. Muitos jovens continuam a ser desviados para o mundo da marginalidade, o que reforça a vontade de continuar a missão de Dom Bosco.

A era é diferente, mas a temática é idêntica - educar os jovens em ordem ao bem-estar, mobilizando todas as forças que promovam neles a sua estima e o gosto de viver, ajudando-os a ser cidadãos responsáveis, solidários e colaboradores, positivamente abertas ao futuro, sem descurar a ligação com o método pedagógico ou “*Sistema Preventivo*” de Dom Bosco. Cabe-nos a tarefa de promover os grandes valores, em que a *justiça*, o *bem*, a *verdade* sejam de facto realizados e postos em prática.

Na nossa missão de educadores, temos que ter em conta o contexto de vida em que os jovens vivem. A família é a primeira responsável pela educação dos filhos, mas por vezes impossibilitada, por razões várias, de cumprir integralmente a sua missão educativa, pede à escola que acolha os jovens e que promova o desenvolvimento integral de todos e de cada um. Reconhecendo esta importância, o professor é essencial; é uma referência moral, profissional e cultural.

O professor actual mais do que leccionar, é um educador, é um orientador, um integrador de conhecimentos e um promotor de capacidades e de comportamentos.

Na escola actual os professores e os outros agentes educativos deverão ser verdadeiros profissionais na educação para os valores. As circunstâncias exigem que a escola seja, antes de mais, um lugar fundamental de educação e

formação, preparando pessoas sãs, capazes de combater construtivamente os problemas da sociedade em que vivem.

Uma escola acolhedora sabe também confrontar-se com as crianças, os adolescentes e jovens de hoje. O seu papel deve ser o de acompanhar os seus alunos orientando-os diária e continuamente no seu caminho, estabelecendo laços de afecto que estimulem os jovens à auto-estima, à confiança para que estes possam confiar no seu amanhã.

Como vimos, o estilo salesiano de educar inspira-se nos valores cristãos e pauta-se pelo exemplo do amor.

Recorrendo à história da pedagogia, verificaremos que a mesma atesta que a educação sempre esteve ligada ao tema do *amor* como fonte inspirativa e causal. Como nos lembra o filósofo Rousseau: *o amor é o sentimento natural do acto educador*. Pestalozzi, percorrendo este mesmo caminho, aponta para uma dimensão vital: *a do coração como ponto central da acção educativa*. Uma *escola para a pessoa* não tira nunca a esperança e a confiança dos jovens, dos educadores, das famílias, mas encoraja sempre a encontrar soluções diante das dificuldades.

2. Proposta Educativa

Não há *escola pública* ou *privada* que não tenha como meta/objectivo proporcionar a qualidade no seu sistema de ensino e de aprendizagem, visando dar resposta aos múltiplos desafios da sociedade, numa perspectiva de enriquecimento contínuo dos saberes e de exercício da cidadania adequada às exigências da realidade actual.

Os Salesianos têm uma longa tradição na área da educação, distinguindo-se pelo seu projecto educativo, onde está definido o tipo de acção

da instituição, ou seja, a maneira como a escola se organiza no seu todo, o que promove, o que oferece.

O seu compromisso de serviço à sociedade e à Igreja como escolas cristãs enraizadas na cultura do nosso tempo, traduzem-se na vontade de oferecer um serviço àquelas famílias que escolhem para os seus filhos a oferta educativa salesiana.

Da proposta educativa salesiana salientamos os seguintes aspectos:

- **o ambiente educativo** - implica o esforço de todos em criar espírito de família, clima de alegria e de festa, racionalidade e flexibilidade, trabalho diário e esforço concreto e atenção ao protagonismo dos próprios jovens;
- **a relação educativa pessoal** - que procura conhecer a história pessoal de cada aluno e traduz-se em familiaridade entre educadores e educandos, em confiança e simpatia para com o mundo dos jovens, na capacidade de acolhimento e diálogo;
- **a "presença-assistência"** - dos educadores entre os jovens de modo a fomentar as suas iniciativas, a oferecer elementos de amadurecimento pessoal, a prevenir experiências negativas, a proporcionar uma visão religiosa da vida;
- **a oferta respeitosa de uma experiência de fé** - que leva ao encontro com Deus na vida diária, à celebração da fé, ao sentido de Igreja;
- **a proposta de compromisso cristão** - mediante o cumprimento do dever, a solidariedade e o modo de estar na vida social.

Proposta educativa baseada nos princípios do sistema Preventivo de Dom Bosco, tendo como princípio norteador das suas actividades a prevenção, baseada em três pilares que direccionam até hoje os princípios da educação

salesiana: o *Amor*, a *Religião* e a *Razão* significando, hoje, cada um destes elementos o seguinte:

- Razão** ajudar o aluno a compreender o fundamento e a motivação de quanto se lhe propõe ou se lhe exige, bem como avaliar a realidade com sentido crítico;
- Religião** atender à dimensão espiritual da pessoa, à educação para a fé na Pessoa de Jesus Cristo, na Sua mensagem e na vida da Igreja;
- Amabilidade** estabelecer uma relação com o aluno que tenha por base a confiança e o afecto “*que os jovens sintam que são amados*”.

A reflexão mais recente sobre as escolas salesianas, realizado em 2002 pelo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, projeta assim a escola:

- **uma escola atenta à pessoa** que promove o crescimento humano num horizonte de sentido cristão e estabelece a interacção entre valores, saberes e competências;
- **uma escola como um passaporte para a vida**, que permite aprender a escolher, participar da construção de um futuro comum, aberto à mudança, atento a favorecer processos de cooperação e de partilha, propondo novas formas de estar no Mundo e de agir nele;
- **uma escola amiga** que procura criar um ambiente rico em estímulos, de relações positivas colocando a pessoa no centro do acto educativo;
- **uma escola em diálogo com a família**, sendo este o ponto de partida para uma colaboração real entre ambas de modo a permitir a abertura da escola a toda a comunidade à diversidade.

Em síntese, formar cidadãos felizes e realizados, conscientes do seu papel na sociedade. Foi este o caminho de Dom Bosco. Uma pedagogia em busca da qualidade humana e social. É este o caminho, que devemos seguir investindo no desenvolvimento pessoal e na integração social dos jovens. É em função deles que o sistema concreto da família e da escola se tem de organizar para garantir o adequado equilíbrio de todas as suas capacidades físicas e espirituais.

“... se educa sim, através do que se diz, mas se educa muito mais através do que se faz e do que se é.”

Santo Inácio de Loyola

CONCLUSÃO:

Consagrado Pai e Mestre da juventude, Dom Bosco pensou e levou à prática o *Sistema Preventivo de Educação*. Um método educativo que sugere ao educador dispor-se pacientemente como presença significativa e bondosa junto à juventude.

Tudo o que ele expôs na teoria, viveu na prática.

Dom Bosco insere-se na história da Educação Social, utilizando um modelo de educação profissionalizante, orientado para o desenvolvimento de habilidades, capacidades e competências para a integração no mundo do trabalho, valorizando a educação e os valores humanos.

O aspecto mais distintivo da sua metodologia pedagógica consistiu em criar um ambiente educativo impregnado de espírito de família, de confiança recíproca, de amizade, de alegria, de convivência interessada não só no aspecto académico, mas também nas possibilidades do tempo livre, como o desporto, o teatro, a música, todo um conjunto de iniciativas de tipo social e apostólico, tipo “*clima oratoriano*”, o que faz com que a sua obra educativa continue a ser para os jovens um espaço privilegiado de formação para a vida.

Não constituiu exactamente um *sistema* no sentido de tratado científico. Mas foi e é genuinamente, um estilo de educação, um tipo particular de acção educativo-pastoral cristã, uma espiritualidade que possui convicções e conteúdos precisos, atitudes, estruturas metodologia e forma própria. A participação do aluno é indispensável. Regras simples, antecipadamente esclarecidas, constroem a boa disciplina e um bom ambiente organizado.

A Igreja Católica, que historicamente sempre desempenhou um papel relevante na educação, assume, no Sistema Preventivo de Educação de Dom

Bosco, uma dimensão mais abrangente na sociedade através de casas de caridade, colégios, oratórios. Temendo a industrialização e o crescimento dos centros urbanos, a Igreja e as suas Congregações ocupam-se de catequizar e evangelizar. A emergência da Congregação Salesiana e do *Sistema Preventivo* está precisamente ligada a esta necessidade de educar os jovens.

A opção por privilegiar a educação dos jovens marginalizados e pelo ensino das artes e ofícios no nosso país, prende-se com a natureza e volume de solicitações dirigidas aos Salesianos nesse sentido - dar assistência e educação aos jovens desamparados.

As Oficinas de São José, em Lisboa, enquanto escola de artes e ofícios, foi fundada no final do século XIX, em 1894, num contexto social marcado pela existência de um grande número de jovens ao abandono. Perante a incapacidade do Estado Português em conseguir recuperar socialmente estes jovens, foi a iniciativa particular, nomeadamente de organismos de carácter religioso, que procurou colmatar essa lacuna. É neste contexto que os Salesianos se instalam e em que se afirmam no desenvolvimento de um projecto visando a recuperação dos jovens pelo ensino profissional e pela educação moral e religiosa.

Apesar dos condicionamentos de vária ordem, sobretudo económica, os primeiros Salesianos contribuíram de forma significativa para enriquecer a sociedade portuguesa, formando muitas centenas de jovens operários instruídos e profissionalmente qualificados.

A preocupação principal de Dom Bosco era a promoção da criança e jovens através da caridade. Como várias vezes afirmou, o que ele queria mesmo era salvar as almas dos alunos, ou seja, para ele educar significava ajudar a salvar. A relação professor/aluno dever-se-ia desenvolver em termos similares ao de uma relação pai/filho, onde estivesse presente o espírito de

família, o amor, a caridade, a liberdade e a alegria... Vimos o amor educativo como princípio básico do seu sistema.

Assim como Dom Bosco procurou compreender os jovens, as suas fragilidades, as suas capacidades, também nós devemos percorrer um caminho em sentido idêntico, procurando conhecer as suas fraquezas, os seus anseios, as suas inclinações e ambições.

A comunidade educativa deve pois desenvolver um esforço permanente de reflexão em diálogo, procurando identificar em cada momento as soluções mais ajustadas a cada contexto. E como vimos, no seu *Sistema Preventivo* Dom Bosco praticou as diversas formas de diálogo através da *razão*, da *religião* e da *amabilidade*. Procurou responsabilizar os seus educandos na sua própria formação – é o seu mundo interior que tem necessidade de se estruturar, a tomada de consciência implica a análise e o juízo acerca de si mesmo e do meio.

Uma análise atenta da maneira de agir de Dom Bosco leva-nos a constatar que ele próprio soube exercitar a sua invulgar capacidade de adaptação a situações novas. Um exemplo bem elucidativo é o das instituições educacionais que foi promovendo em fases sucessivas da sua vida: *oratórios festivos*, *oratórios diários*, aulas noturnas, escolas de artes e ofícios (vocacionadas para as camadas mais humildes da sociedade) e colégios (voltados predominantemente para os jovens oriundos da classe média).

Uma das conclusões a que chegámos ao longo deste trabalho foi precisamente a de que o exemplo de Dom Bosco permanece actual, assim como o modelo pedagógico e o seu Sistema Preventivo, como resposta-proposta em favor dos jovens marginalizados de todos os tempos. Mas não podem descurar-se a necessidade desses valores serem continuamente repensados, integrados, atualizados tanto ao nível da teoria como da prática.

No âmbito da Congregação Salesiana, não têm faltado, inclusivamente da parte dos seus responsáveis máximos, incitamentos a uma reavaliação e renovação do Sistema Preventivo de Dom Bosco, tendo em conta os modernos modelos de ensino/aprendizagem em vigor.

Importa também realçar a acção dos Salesianos no campo da formação profissional no nosso país, designadamente no domínio do ensino técnico, pelas características metodológicas aplicadas, mantendo o equilíbrio entre as duas vertentes: teórica e prática. A sua intervenção no domínio da formação profissional só começou a perder alguma relevância a partir dos anos sessenta do século passado, em resultado da preponderância a que se então se assistiu do ensino secundário sobre o ensino técnico e industrial.

A dimensão social da obra dos Salesianos no nosso país ficou sobretudo a dever-se à forma como esta Congregação soube valorizar a camada mais jovem, mais debilitada e menos instruída das classes sociais menos favorecidas, dando-lhes acesso à instrução, proporcionando-lhes uma sólida qualificação profissional. O prestígio da escola das Oficinas de São José ficou a dever-se sobretudo ao nível a que soube elevar as artes gráficas, cujos finalistas chegaram a ser disputados durante muito tempo por diversas tipografias da cidade, atendendo ao seu profissionalismo e formação moral.

Resultado da importância atribuída ao ensino profissional quer no pensamento de Dom Bosco, quer na acção dos Salesianos, decorre o seu enorme contributo no campo da educação, mas também na dignificação do trabalho e na abordagem da questão social.

Nesta linha, e acompanhando o ideário de Dom Bosco que definiu a sociedade como destinatária da sua ação, também a escola actual deverá rever a maneira de educar. A Escola é a instituição capaz de gerir a formação e a educação dos jovens, uma vez que os acompanha desde crianças até praticamente à idade adulta. A escola, para além de ser um espaço de

aprendizagem por excelência, a par da família, é responsável pela transmissão de valores que contribuem para a formação integral do aluno.

A importância do espaço escolar decorre de permitir que, no quadro de aprendizagem, se desenvolva e aprofunde uma relação educador/educando, onde o afecto e a empatia se desenvolvem. É nas escolas que as nossas gerações aprendem a dominar as informações e a conhecer a sociedade em que vivem. Não cabe só aos professores, mas também à família e às comunidades, assumir, em conjunto, esta tarefa de renovar os valores, a solidariedade, a fraternidade, a tolerância e o respeito pelos outros.

Se aqui sublinhámos a importância do papel da escola e assinalámos o papel do educador de hoje, como sendo uma referência moral, profissional e cultural, importa também que a família do século XXI não descure a sua missão, continuando a ter um papel fundamental nessa formação integral, na transmissão de valores, na criação de condições de equilíbrio para que o jovem enfrente um clima social mais exigente.

O processo educativo assume um papel determinante na construção da sociedade. Assim, conforme a educação recebida a sociedade poderá ser mais responsável, mais bem-educada, mais solidária e mais verdadeira. Nesta linha, a missão de educar assume-se como particularmente nobre, constituindo um desafio que exige coragem, compromisso e espírito de missão. Educar é formar caracteres, ajudar a crescer, importando a transmissão de valores, onde a dignidade humana se assume como imprescindível.

Mas a comunidade escolar não pode resolver todos os problemas da sociedade, sendo necessário contar com um envolvimento de toda a comunidade em que a escola se insere, em ordem a poder-se caminhar para um objetivo que se pretende comum. Será esta exigência recíproca que permitirá a aquisição e o desenvolvimento das capacidades, atitudes e

comportamentos para um desejável sucesso escolar que se reflita no futuro, na formação profissional do jovem e no desenvolvimento da pessoa humana.

Estas considerações não são conclusivas, constituindo antes reflexões e constatações de um tema que estará sempre em aberto... Em relação ao caminho percorrido, alguns aspetos terão por certo ficado por abordar, quer pelas opções que fizemos, quer pela difícil gestão do tempo decorrente dos compromissos assumidos no exercício da actividade docente.

Contudo, a experiência por nós vivida ao longo deste percurso foi muito positiva, resultando num processo de crescimento e desenvolvimento pessoal e num exercício de autoformação enquanto docente, tendo-nos permitido que tivéssemos refletido sobre várias questões presentes nas nossas práticas diárias.

“A mais bela prova do bom resultado da educação, é quando o aluno sente necessidade de recordar o seu educador e seguir os seus ensinamentos”.

(Adaptado do Sistema Preventivo de Dom Bosco)

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. FONTES:

Associação dos Cooperadores Salesianos, *Regulamento da Vida Apostólica*, Lisboa, Edição Salesiana, 1967.

Boletim Salesiano, número 37-38, *Número Comemorativo do Cinquentenário Salesiano em Portugal*, Janeiro de 1945.

Boletim Salesiano, número 254, *Aniversário da Chegada dos Salesianos a Portugal*, Novembro/Dezembro de 1969

Boletim Salesiano, número 506, Janeiro/Fevereiro de 2008.

Boletim Salesiano, Julho/Agosto de 2009.

BOSCO, Dom João – *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, São Paulo, Edição Salesiana 2005.

Constituições e Regulamentos da Sociedade de S. Francisco de Sales (tradução do Padre Luís Ricceri), Lisboa, Oficinas de S. José, 1972.

Regulamento da Pia União dos Cooperadores Salesianos, Lisboa, Oficinas de S. José, 1959.

2. BIBLIOGRAFIA

2.1 Obras de referência

ANJOS, Amador, “Salesianos”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Vol. P- V. Apêndices casais de Mem Martins, Rio de Mouro, Círculo de Leitores e centro de estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp.150-151.

ANJOS, Amador, “Salesianos”, *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Direcção de José Eduardo Franco, José Augusto Mourão, Ana Cristina da Costa Gomes; Rev. Cristina Lucas Silva...[Et Al.]; [Pref. Jorge Sampaio], Lisboa, Gradiva Publicações, 2010, pp. 286-289.

2.2 Referências na Internet

<http://sociedadeducacao.blogspot.com/2007/09/mile-durkheim-1858-1917.html>- Consultado em setembro de 2011;

<http://bragamusician.blogspot.pt/2010/03/meu-mestre-inesquecivel-padre-luiz-zver.html>. Consultado em julho de 2011;

<http://www.salesianos.com.br/downloads/SubsidioRSE1.pdf> - Consultado em julho 2011;

<http://pt.scribd.com/doc/24379026/Modelacao-de-sistemas-experimentais-em-ToonTalk-para-Ambientes-Educativos> - Consultado em novembro 2011;

<http://www.acletrasms.com.br/membro.asp?IDMCad=75>. Consultado em julho de 2011;

<http://professorjoaocesar.sites.uol.com.br/dombosco/liberdade.htm>

<http://glaucosdb.blogspot.com/2009/07/fundacao-da-congregacao-salesiana.html> - Consultado em julho 2011;

http://www.sdb.org/pt/Quem_Somos/Identidade. Consultado em julho de 2011;

http://www.salesianoscooperadores.org/z_origens.htm - Consultado em julho 2011;

<http://www.google.pt/#pq=regulamento+do+antigos+alunos+salesianos&hl=pt> - Consultado em setembro de 2011;

<http://www.zenit.org/article-20687?l=portuguese>. Consultado em julho de 2011;

http://salesianosdobrasil.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=173&Itemid=186

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6363.pdf> Consultado em junho de 2011;

http://www.vidaslusofonas.pt/sidonio_pais.htm. Consultado em junho de 2011;

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n10/n10a02.pdf>. Consultado em junho de 2011.

2.3 Obras Gerais

ABREU, Luís Machado e FRANCO, José Eduardo, *Ordens e Congregações Religiosas no Contexto da I República*, Lisboa, Gradiva Publicações, 2010.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vol. III, Porto-Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1970.

BERTRAND, Yves, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

CARVALHO, Fausto Lopo de, *Educação e Crítica*, Lisboa, Portugalia, 1955.

CARVALHO, Rómulo de - *História do Ensino em Portugal Desde a Fundação da Nacionalidade Até ao Fim do Regime de Salazar - Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

FERREIRA, António dos Santos, *História da Educação*, Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, Editora Literária, 1958.

GAL, Roger, *História da Educação*, Lisboa, Coleção Vega Universidade, 1993.

LÉON, Antoine, *Introdução à História da Educação*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1983.

MARCEL, Lebrun, *Teorias e Métodos Pedagógicos para Ensinar e Aprender*, Lisboa, Publicações Instituto Piaget, 2008.

MARQUES, António de Oliveira, *História de Portugal*, Vol. II, Lisboa, Palas Editores, 1977.

MONROE, Paul, *História da Educação*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2003.

NÓVOA, António, *História da Educação*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1994.

SOUSA, Teixeira de, *Para História da Revolução*, Vol. I, Coimbra, Editora Moura Marques e Paraísos, 1912.

2.4 Obras Específicas

ALVES, MARIA José, *Vida de S. João Bosco. Sonho e Realidade*, Porto Edições Salesianas, 1988.

ANJOS, Amador, *A Questão Operária*, resposta de D. Bosco, Lisboa, Edição Salesiana, 1960.

ANJOS, Amador, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal*, Lisboa, Edição Salesiana, 1995.

ANJOS, Amador, *Oficinas de S. José, os Salesianos em Lisboa*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999.

IDEM, *OS Salesianos em Portugal, 1894-1994*, Lisboa, Edição Salesiana, 1998.

IDEM, *Nos Primórdios da Obra Salesiana em Portugal*, Lisboa, Edições Salesianas, 2007.

IDEM, *Primeira Presença dos Salesianos em Portugal, (1894-1910), Pedagogia de Dom Bosco*, Lisboa, Edição Salesiana, 2000.

BOSCO, Terésio, S.JOÃO BOSCO, *uma biografia nova*, Lisboa, Edições Salesianas, 1987.

BRAIDO, Pietro, *Método educativo de Dom Bosco* (tradução do italiano), Lisboa, Oficinas de S. José, 1959.

BRAIDO, Pietro, *Prevenir, não Reprimir*, São Paulo, Edição Salesiana, 2008.

Cadernos de Pesquisa, fundação Carlos chagam, São Paulo, Editora Autores Associados, 2000.

Congresso de Pedagogia Juvenil, *1º Centenário dos Salesianos em Portugal*, Centro Cultural de Belém, Lisboa, Edições Salesianas, 1995.

Desafios e Rumos Educativos, Congresso de Pedagogia, Lisboa, Edição Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, 1995.

Dom Bosco no Mundo, Porto, Edições Salesianas, 1960.

Dom Bosco e a Obra Salesiana, Lisboa, Oficinas de S. José, 1958.

Escola Católica – *Proposta e Desafio* – APEC, associação portuguesa de escolas católicas, Fátima, Centro Pastoral Paulo VI, 2003.

MARTINS, Filinto e SANTOS Manuel J. – *O Sucesso de um Sistema*, Porto, Edição dos autores, 1989.

MARTINS, Francisco de Oliveira, *Breve História da Obra Salesiana em Portugal*, Lisboa, Edição Salesiana, 1942.

PASTORAL JUVENIL SALESIANA, *Quadro de Referência Fundamental*, Lisboa, Edição Salesiana, 1999.

PEREIRA, António Gomes, *Oficinas de S. José de Lisboa*, Lisboa, Associação Cristã de Patronato para menores, 1894.

Proposta Educativa da Escola Salesiana, Linhas básicas da sua identidade, Lisboa, Oficinas de S. José, 1997.

VIGANÒ, Egídio – *Os Antigos Alunos de D. Bosco*, Lisboa, Edição S.D.B., 1987.

VIGANÒ, Egídio – *O Sistema Preventivo na Educação da Juventude*, Lisboa, Edição S.D.B., 1983

Uma Congregação que se Renova, XX Capítulo Geral Especial da Sociedade Salesiana, Roma, Colégio dos Órfãos Porto, 1971.

75º Aniversário das Oficinas de São José, Lisboa, Edição Salesiana, 1982.